

FARID UD-DIN ATTAR
A CONFERÊNCIA DOS PÁSSAROS

I. Invocação

Louvado seja o Santo Criador, que colocou o seu trono sobre as águas e fez todas as criaturas terrestres. Aos Céus concedeu o domínio e à Terra, a dependência; aos Céus deu o movimento e à Terra, o descanso uniforme.

Ergueu o firmamento acima da terra como uma tenda, sem colunas para sustentá-la. Em seis dias criou os sete planetas e com duas letras criou as nove cúpulas dos Céus.

No princípio, iluminou as estrelas para que, à noite, os Céus pudessem jogar triquetraque.

Dotou a rede do corpo de diversas propriedades e despejou poeira na cauda do pássaro da alma.

Fez líquido o Oceano como sinal de servidão, e os cumes das montanhas cobrem-se de gelo com medo dele. Secou o leito do mar e de suas pedras tirou rubis, e de seu sangue, almíscar.

As montanhas concedeu picos a modo de adagas, e valas a modo de cintos; é por isso que elas erguem a cabeça, orgulhosas.

Às vezes, faz cachos de rosas saltarem da face do fogo. Às vezes, joga pontes de um lado para outro sobre a face das águas.

Fez um mosquito picar Nenrode, seu inimigo, que sofreu durante quatrocentos anos.

Em sua sabedoria, fez a aranha tecer sua teia para proteger o maior dos homens.

Espremeu a cintura da formiga para que parecesse um fio de cabelo, e fê-la companheira de Salomão.

Deu-lhe os mantos negros dos abássidas e um traje de brocado destecido digno do pavão.

Quando percebeu que o tapete da natureza era defeituoso, emendou-o convenientemente.

Tingiu a espada com a cor da tulipa; e do vapor fez uma cama de nenúfares.

Embebeu torrões de terra em sangue a fim de poder tirar deles cornalinas e rubis.

O Sol e a Lua — um de dia, outra à noite — prosternaram-se no pó em adoração; e é da sua reverência que lhes vem o movimento. Foi Deus quem estendeu o dia em alvura, e foi ele quem dobrou a noite e a enegreceu.

Ao papagaio deu um colar de ouro; e da poupa fez um mensageiro do Caminho.

O firmamento é como um pássaro que rufla as asas do jeito que Deus lhe ensinou, batendo a cabeça na Porta como se fosse um martelo.

Deus fez o firmamento para girar — a noite segue-se ao dia, e o dia, à noite.

Quando ele sopra o barro, cria o homem; e, com um pouco de vapor, forma o mundo.

Às vezes, faz o cachorro ir à frente do viajero; às vezes, usa o gato para mostrar o Caminho.

Às vezes, dá o poder de Salomão a um cajado; às vezes, concede eloquência à formiga.

De um cajado faz uma serpente; e, por meio de um cajado, faz jorrar uma torrente de água.

Colocou no firmamento o orbe do orgulhoso, e prende-o com ferro quando, incandescente, ele minguar.

Tirou um camelo de uma rocha e fez mugir o bezerro de ouro.

No inverno, espalha a neve de prata; no outono, o ouro das folhas amarelas.

Estende uma cobertura sobre o espinho; e tinge-o com a cor do sangue.

Ao jasmim dá quatro pétalas e põe na cabeça da tulipa um gorro vermelho.

Depõe uma coroa de ouro sobre a testa do narciso; e deixa cair pérolas de orvalho dentro do seu santuário.

À idéia de Deus a mente peleja em vão, a razão sucumbe; mercê de Deus, o céu gira, a terra cambaleia. Desde o dorso do peixe até a lua, cada átomo é uma testemunha do seu Ser.

Tanto as profundezas da terra como as culminâncias do céu prestam-lhe sua homenagem particular.

Deus produziu o vento, a terra, o fogo e o sangue, e por eles anunciou o seu segredo.

Tomou do barro, amassou-o com água e, depois de quarenta manhãs, colocou nele o espírito que vivifica o corpo.

Deus deu-lhe inteligência para que ele pudesse ter o discernimento das coisas.

Quando viu que a inteligência tinha discernimento, deu-lhe conhecimento, para que ele pudesse pensar e ponderar. Mas quando o homem entrou na posse das suas faculdades, confessou sua impotência e foi dominado pelo assombro, ao passo que seu corpo se entregou a atos exteriores. Amigos ou inimigos, todos inclinam a cabeça sob o jugo que Deus, em sua sabedoria, impõe; e, o que é surpreendente, ele nos vigia a todos.

No princípio dos séculos, Deus usou as montanhas como pregos para fixar a Terra; e lavou o rosto da Terra com a água do Oceano. Em seguida, colocou a Terra no lombo de um touro, o touro num peixe, e o peixe no ar. Mas, em que descansava o ar? Em nada. Mas nada é nada — e tudo o que é nada. Admira, pois, as obras do Senhor, embora Ele mesmo as considere nada. E, visto que só existe a sua Essência, é certo que não há nada senão Ele. O seu trono está sobre as águas, e o mundo está no ar. Mas deixa as águas e o ar, pois tudo é

Deus; o trono e o mundo são apenas um talismã. Deus é tudo, e as coisas só têm valor nominal; o mundo visível e o mundo invisível são apenas Ele mesmo.

Não há ninguém senão Ele. Infelizmente, porém, ninguém pode vê-lo. Os olhos são cegos, ainda que o mundo seja alumiado por um sol brilhante. Se te fosse possível vislumbrá-lo, perderias o juízo, e se o visses completamente perder-te-ias a ti.

Todos os homens que têm consciência da própria ignorância arregaçam a fralda das vestes e dizem, sinceros: “Ó tu, que não te deixas ver, embora nos faças conhecer-te, todo mundo é tu, e ninguém senão tu é manifesto. A alma se esconde no corpo, e tu te escondes na alma. Ó tu, que estás escondido naquilo que se esconde, és mais do que tudo. Todos se vêem em ti e te vêem em tudo. Visto que a tua morada está cercada de guardas e sentinelas, como poderemos aproximar-nos da tua presença? Nem a mente nem a razão têm acesso à tua essência, e ninguém conhece teus atributos. Por seres eterno e perfeito, estás sempre confundindo o sábio. Que mais poderemos dizer, se não podes ser descrito?”

Ó meu coração, se desejas chegar ao princípio da compreensão, caminha com cuidado. Para cada átomo há uma porta diferente, e para cada átomo há um caminho diferente que conduz ao Ser misterioso de que estou falando. Para nos conhecermos precisamos viver uma centena de vidas. Mas precisas conhecer a Deus por Ele mesmo e não por ti; é Ele que abre o caminho que conduz a Ele, não a sabedoria humana. O conhecimento d’Ele não está na porta dos retóricos. O conhecimento e a ignorância são neste caso a mesma coisa, pois não explicam nem descrevem. As opiniões dos homens sobre isso surgem apenas na imaginação deles; e é absurdo tentar deduzir alguma coisa do que dizem: bem ou mal, eles o disseram de si mesmos. Deus está além do conhecimento e além da evidência, e nada pode dar idéia da sua Sagrada Majestade.

Ó vós, que dais valor à verdade, não procureis um símile; a existência desse Ser sem igual não admite nenhum. Uma vez que não lhe compreenderam a mais mínima partícula, os profetas e os mensageiros celestes inclinaram a testa até o pó, dizendo: “Não te conhecemos como realmente deves ser”.

Quem sou eu, pois, para vangloriar-me de conhecê-lo? Ó filho ignorante do primeiro homem, o califa de Deus na terra, forceja por participar do conhecimento espiritual de teu pai. Todas as criaturas que Deus arranca do nada para a sua existência prostram-se diante dele. Quando quis criar Adão, fê-lo sair de trás de uma centena de véus, e disse-lhe: “Ó Adão, todas as criaturas me adoram; sê adorado por tua vez”. O único que fugiu a essa adoração foi transformado de anjo em demônio. Amaldiçoado, não teve conhecimento do segredo. Enegreceu-se-lhe o rosto, e ele disse a Deus: “Ó tu, que possuis a independência absoluta, não me desampares”.

Respondeu-lhe o Altíssimo: “Ó tu, que estás amaldiçoado, sabe que Adão é, ao mesmo tempo, meu administrador e rei da natureza. Caminha hoje diante dele e amanhã queima para ele o *ispand*”.

Quando a alma se juntou ao corpo fez parte do todo; nunca houve tão maravilhoso talismã. Como a alma tinha uma porção do que é superior e o corpo uma porção do que é inferior, formavam uma mistura de barro pesado e espírito puro. Por essa mistura, tornou-se o homem o mais surpreendente dos mistérios. Não conhecemos nem compreendemos coisa alguma do nosso espírito. Queres dizer alguma coisa sobre isso? Seria melhor que te calasses. Muitos conhecem a superfície deste mundo, mas nada entendem das suas

profundidades; e o mundo visível é o talismã que o protege. Mas esse talismã de obstáculos corpóreos acabará se quebrando. Encontrarás o tesouro quando o talismã desaparecer; a alma se manifestará quando o corpo for posto de lado. Mas tua alma é outro talismã; é outra substância deste mistério. Percorre, pois, o caminho que eu te indicar, mas não peças explicações.

Neste vasto oceano, o mundo é um átomo, e o átomo, um mundo. Quem sabe o que vale mais aqui, a cornalina ou o seixo?

Arriscamos nossa vida, nossa razão, nosso espírito, nossa religião, para compreender a perfeição de um átomo. Costura os teus lábios e nada perguntes sobre o empíreo ou o trono de Deus. Ninguém conhece realmente a essência do átomo — pergunta a quem quiseses. Os Céus são como uma cúpula às avessas, sem estabilidade, que se move e não se move ao mesmo tempo. Um está perdido na contemplação desse mistério — é véu sobre véu; outro é como a figura pintada na parede, e outro só consegue morder o dorso da própria mão.

Pensa nos que entraram no caminho do Espírito. Reflete no que aconteceu a Adão; calcula os anos que ele passou a lastimar-se. Contempla o dilúvio de Noé e tudo o que esse patriarca sofreu nas mãos dos maus. Considera Abraão, cheio do amor a Deus: sofreu torturas e foi lançado ao fogo. Vê o desventurado Ismael, oferecido em sacrifício pelo amor divino. Volta-te para Jacó, que ficou cego de tanto chorar pelo filho. Olha para José, admirável tanto no poder como na escravidão, no poço e na prisão. Lembra-te do infeliz Jó, estendido no chão, presa de vermes e lobos. Pensa em Jonas, que, tendo-se desviado do Caminho, foi transferido da lua para a barriga do peixe. Acompanha Moisés desde o nascimento: uma caixa serviu-lhe de berço, e o faraó o exaltou. Repara em Davi, que fez para si um peito de armas e cujos suspiros derreteram o ferro como se fosse cera. Atenta para Salomão, cujo império foi senhoreado por um *djinn*. Não te esqueças de Zacarias, cujo amor a Deus era tão ardente que ele permaneceu em silêncio quando o mataram; e João Batista, desprezado perante o povo, e que teve a cabeça posta numa bandeja. Pasma diante do Cristo ao pé da cruz, quando se salvou das mãos dos judeus. E, finalmente, pondera em tudo o que o Chefe dos Profetas sofreu com os insultos e injúrias dos maus.

Depois disso, achas que será fácil chegares ao conhecimento das coisas espirituais? Significa nada mais e nada menos do que morrer para tudo. Que posso dizer mais, se não há mais nada a dizer, e não sobrou um rosa sequer na roseira! Ó Sabedoria! Não és mais que uma criança que mama; e a razão dos velhos e experientes se desgarrar nesta busca. Como serei eu, néscio, capaz de chegar à Essência? E ainda que chegue, como serei capaz de transpor-lhe a porta? Ó Sagrado Criador! Vivifica-me o espírito! Crentes e descrentes estão igualmente mergulhados no sangue, e minha cabeça gira como os céus. Não estou desesperançado, mas estou impaciente.

Meus amigos! Somos vizinhos uns dos outros; eu quisera repetir-vos meu discurso dia e noite, para que não deixásseis, nem por um momento, de ansiar por sair à procura da Verdade.

II. Reúnem-se os pássaros

Benvinda sejas, ó Poupa! Ó tu, que foste guia do rei Salomão e o verdadeiro mensageiro do vale, que tiveste a boa fortuna de chegar aos confins do reino de Sabá! Tua fala gorgueada com Salomão foi deliciosa; por teres sido sua companheira granjeaste uma coroa de glória. Precisas pôr a ferros o demônio, o tentador e, feito isso, entrarás no palácio de Salomão.

Ó Lavandisca, que te pareces com Moisés! Levanta a cabeça e faze soar a charamela, para celebrar o verdadeiro conhecimento de Deus. Como Moisés, viste o fogo de longe; és, de fato, um pequeno Moisés no monte Sinai. Meu discurso é sem palavras, sem língua, sem som; compreendo-o, pois, sem mente, sem ouvido.

Benvindo sejas, ó Papagaio! Em teu belo manto e colar de fogo, o colar se ajusta a um habitante do mundo inferior, mas o manto é digno do Céu. Pôde Abraão safar-se do fogo de Nenrode? Quebra a cabeça de Nenrode e torna-te amigo de Abraão, que era amigo de Deus. Quando te tiveres libertado das mãos de Nenrode, veste o manto de glória e não temas o colar de fogo.

Benvinda sejas, ó Perdiz! Ó tu, que andas com tanta graça e te comprazes em voar sobre as montanhas do conhecimento divino! Ergue-te em alegria e reflete nos benefícios do Caminho. Bate com o martelo na porta da casa de Deus; e derrete, humilde, as montanhas dos teus desejos perversos para deixar sair o camelo.

Saudações, ó Falcão Real! Ó tu, que tens a vista penetrante, quanto tempo permanecerás tão violento e apaixonado? Finca tuas garras na letra do amor eterno, mas não rompas o selo enquanto não chegar a eternidade. Mistura o espírito à razão e vê a eternidade anterior e a posterior como uma só. Quebra tua vil carcaça e instala-te na caverna da unidade, que Maomé irá ter contigo.

Saudações, ó Codorna! Quando ouves em teu espírito o *alast* do amor, o teu corpo de desejo responde: *balé*, com desprazer. Consume o teu corpo de desejo como o burro de Cristo e, logo, como o Messias, inflama-te com o amor do Criador. Queima esse burro e toma o pássaro do amor, para que o Espírito de Deus possa chegar felizmente a ti.

Saudações, ó Rouxinol do jardim do Amor! Desfere tuas notas plangentes causadas pelas feridas e dores do amor. Arranca do coração meigos lamentos, como Davi. Descerra tua garganta melodiosa e canta as coisas espirituais. Com tuas canções, mostra aos homens o verdadeiro Caminho. Torna o ferro do teu coração mole como a cera e serás como Davi, ardente no amor de Deus.

Saudações, ó Pavão do jardim das Oito Portas! Tu te afligiste por causa da serpente de sete cabeças, por cujo intermédio foste expulso do Éden. Se te livrares da serpente detestável, Adão te levará com ele ao Paraíso.

Saudações, ó Excelente Faisão! Enxergas o que está muito longe e percebes o manancial do coração imerso no oceano de luz enquanto permaneces no poço da escuridão e na prisão da incerteza. Sai do poço e ergue a cabeça para o trono divino.

Saudações, ó meiga Rolinha, que emites doces gemidos! Saíste contente e voltaste com a tristeza no coração para uma prisão tão estreita quanto a de Jonas. Ó tu, que vagueias para lá e para cá como um peixe, podes languir com malevolência? Corta a cabeça desse peixe para poderes alisar tuas penas nos píncaros da lua.

Saudações, ó Pombo! Entoa tuas notas para que eu possa espalhar à tua volta sete chapas de pérolas. Visto que o colar da fé te envolve o pescoço, não te ficaria bem ser infiel. Quando entrares no caminho da compreensão, Khizr te trará a água da vida.

Benvindo sejas, ó Falcão! Tu, que alçaste vôo e, depois de te rebelares contra o teu amo, curvaste a cabeça! Agüenta-te convenientemente. Estás amarrado ao corpo deste mundo e, assim, longe do outro. Quando estiveres livre dos mundos, descansarás na mão de Alexandre.

Benvindo sejas, ó Pintassilgo! Vem com alegria. Anseia por agir e vem como o fogo. Quando tiveres rompido teus vínculos, a luz de Deus se manifestará cada vez mais. Visto que o teu coração conhece os segredos de Deus, sê fiel. Quando te houveres aperfeiçoado deixarás de existir. Mas Deus subsistirá.

III. A conferência dos pássaros

1

Abre-se a conferência

Todos os pássaros do mundo, conhecidos e desconhecidos, estavam reunidos. Disseram eles:

“Nenhum país do mundo carece de um rei. Como se dá, então, que o reino dos pássaros não tenha um dirigente? Esse estado de coisas não pode continuar. Precisamos congregar nossos esforços e sair à procura de um soberano; pois nenhum país pode ter uma boa administração e uma boa organização sem um rei”.

Principiaram, pois, a pensar em como planejar a busca. Emocionada e cheia de esperança, a Poupa adiantou-se e foi postar-se no meio dos pássaros reunidos em assembléia. Trazia no peito o ornamento que lhe simbolizava o ingresso no caminho do conhecimento espiritual; a crista na cabeça era como a coroa da verdade, e ela possuía o conhecimento do bem e do mal.

“Queridos pássaros”, principiou, “sou a que está empenhada na guerra divina, a mensageira do mundo invisível. Tenho o conhecimento de Deus e dos segredos da criação. Quando alguém carrega no bico, como eu, o nome de Deus, *Bismillah*, há de ter, por força, conhecimento de muitas coisas ocultas. Meus dias, contudo, passo-os na intranqüilidade, e não me ocupo de pessoa alguma, pois estou inteiramente ocupada com o amor ao rei. Sou capaz de encontrar água por instinto e conheço muitos outros segredos. Falo com Salomão, e sou a primeira entre seus seguidores. É espantoso que ele não tenha perguntado nem procurado pelos que se achavam ausentes do seu reino, e, no entanto, quando fiquei longe dele por um dia, enviou mensageiros a todos os lugares; e como ele não pode ficar sem mim nem por um momento, meu valor está confirmado para sempre. Carreguei-lhe as cartas e fui sua companheira e confidente. O pássaro que está sendo procurado pelo profeta Salomão merece ter uma coroa na cabeça. Como pode arrastar as penas no pó o pássaro bem-falado

de Deus? Durante anos viajei por mar e por terra, sobrevoei montanhas e vales. Cobri imensa extensão no tempo do dilúvio; acompanhei Salomão em suas viagens e medi os limites do mundo.

“Conheço bem o meu rei, mas, sozinha, não posso planejar encontrá-lo. Abandonai vossa timidez, vossa presunção e vossa descrença, pois quem converte em luz a própria vida está liberto de si mesmo; está liberto do bem e do mal no caminho do amado. Sede generosos com a vida. Ponde os pés na terra e parti, alegres, para a corte do rei. Temos um rei de verdade, que vive atrás das montanhas chamadas Kaf. Chama-se Simurgh e é o rei dos pássaros. Está perto de nós, mas nós estamos longe dele. O sítio que habita é inacessível, e nenhuma língua consegue pronunciar-lhe o nome. Diante dele pendem cem mil véus de luz e treva, e nos dois mundos ninguém tem o poder de disputar-lhe o reino. Ele é o senhor soberano e banha-se na perfeição da sua majestade. Não se manifesta abertamente nem mesmo no local da sua habitação, e a esta nenhum conhecimento e nenhuma inteligência podem chegar. O caminho é desconhecido, e ninguém possui constância para procurá-lo, embora milhares de criaturas passem a vida anelando por isso. Nem mesmo a alma mais pura é capaz de descrevê-lo, nem pode a razão compreendê-lo: esses dois olhos estão cegos. Não é dado ao sábio descobrir-lhe a perfeição nem ao homem de entendimento perceber-lhe a beleza. Todas as criaturas têm desejado chegar a essa perfeição e a essa beleza pela imaginação. Mas como palmilhar o caminho com o pensamento? Como medir a lua pelo peixe? Destarte, milhares de cabeças movem-se para lá e para cá, como a bola no jogo de pólo, e só se ouvem lamentações e suspiros de desejo. Muitas terras e mares estão no caminho. Não imagineis que o percurso seja curto; e cumpre ter um coração de leão para percorrer essa estrada insólita, pois ela é muito longa e o mar é fundo. Anda-se laboriosamente num estado de assombro, às vezes sorrindo, chorando às vezes. Quanto a mim, sentir-me-ei feliz se descobrir, pelo menos, um vestígio dele.

Isso seria, com efeito, alguma coisa, mas viver sem ele é uma desgraça. O homem não precisa proteger sua alma do amado, mas precisa estar preparado para levá-la à corte do rei. Lavai as mãos desta vida se quiserdes ser chamados homens de ação. Por vosso amado, renunciái à vida a que tanto quereis, como homens dignos. Se vos sujeitardes com graça, o amado dará a vida por vós.”

Primeira manifestação do Simurgh

“Espantoso! A primeira manifestação do Simurgh verificou-se na China, no meio da noite. Uma de suas penas caiu na China e sua fama encheu o mundo. Todos fizeram um desenho da pena e dela formaram seu próprio sistema de idéias, do que resultou caírem numa confusão. A pena ainda está na galeria de quadros daquele país; daí o dito: ‘Busca o conhecimento até na China!’

“Não fora essa manifestação e não se teria feito tanto barulho no mundo em torno do misterioso Ser. Este sinal de existência é um testemunho de glória. Todas as almas levam uma impressão da imagem da pena. Visto que a sua descrição não tem pés nem cabeça, nem princípio nem fim, já não é necessário falar sobre ela. Agora, se algum de vós estiver disposto a enfrentar a estrada, preparai-vos e ponde os pés no Caminho.”

Assim que a Poupa terminou, os pássaros se puseram a discutir, emocionados, a glória desse rei, e, ansiando por tê-lo como seu próprio soberano, mostraram-se todos impa

cientes por partir. Resolveram ir juntos; cada qual se tornou amigo do outro e inimigo de si mesmo. Mas quando começaram a compreender quão longa e penosa seria a viagem, hesitaram e, apesar da aparente boa vontade, entraram a escusar-se, cada qual de acordo com o seu tipo.

2

O Rouxinol

O amoroso Rouxinol foi o primeiro a adiantar-se, quase fora de si de paixão. Cada uma das mil notas do seu cantar extravasava emoção; e cada qual encerrava um mundo de segredos. Quando ele cantava esses mistérios, os pássaros silenciavam.

“Conheço os segredos do amor”, disse. “Repito a noite inteira meus cantos amorosos. Não haverá um Davi infeliz para quem eu possa cantar os salmos ansiosos de amor? Por minha causa emite a flauta seus meigos queixumes e o alaúde, seus lamentos. Crio um tumulto entre as rosas e no coração dos amantes. Ensino sempre mistérios novos e, a cada instante, repito novos cantos de tristeza. Quando o amor me subjuga o coração, meu canto é como o suspiroso mar. Quem me ouve deixa de lado a razão, ainda que figure entre os sábios. Quando me separo de minha querida Rosa fico desolado, deixo de cantar e não conto a ninguém meus segredos. Meus segredos não são conhecidos de todos; só a Rosa os conhece com certeza. Estou tão enamorado dela que não penso sequer na minha existência; pois só penso na Rosa e no coral das suas pétalas. A jornada em demanda do Simurgh está acima das minhas forças; o amor da Rosa basta ao Rouxinol. É para mim que ela floresce com suas cem pétalas; que mais, portanto, posso desejar? A Rosa que hoje se enflora está cheia de desejo e sorri para mim com alegria. Quando mostra o rosto sob o véu, sei que o mostra para mim. Como pode, pois, privar-se o Rouxinol, nem que seja por uma só noite, do amor de sua feiticeira?”

3

A Poupa

A Poupa replicou:

“Ó Rouxinol, tu, que serias capaz de ficar para trás, deslumbrado pela forma exterior das coisas, não te deites mais com um apego tão ilusório. O amor da Rosa tem muitos espinhos; ela te perturbou e dominou. Embora seja bela, sua beleza logo se esvai. Quem procura a própria perfeição não deve deixar-se escravizar por um amor tão fugaz. Embora o sorriso da Rosa te desperte o desejo, ele só te encherá os dias e as noites de lástimas. Abandona a Rosa e enrubesce-te por ti mesmo: pois ela se ri de ti a cada nova primavera e depois já não sorri”.

A Poupa conta a história da princesa e do dervixe

Um rei possuía uma filha linda como a lua, que era amada de todos. Seus olhos lânguidos e a suave embriaguez da sua presença despertavam paixão. Tinha o rosto alvo como a cânfora, e seus cabelos negros recendiam a almíscar. A inveja dos seus lábios

ressecava um rubi da mais pura água, ao passo que o açúcar se derretia neles de vergonha. Por vontade do destino, um dervixe a viu, e o pão que trazia lhe caiu das mãos. Ela passou por ele como uma chama e, ao passar, riu-se. Ao vê-lo assim, o dervixe caiu ao chão, quase sem vida. Não conseguia descansar nem de dia nem de noite e chorava sem parar. Quando pensava no sorriso dela, derramava lágrimas como as nuvens derramam chuva. Esse amor desvairado durou sete anos, durante os quais ele viveu na rua com os cachorros. Afinal, os criados dela resolveram matá-lo. Mas a princesa, falando-lhe em segredo, disse:

“Como é possível que haja relações íntimas entre mim e ti? Vai-te incontinenti ou serás morto; não fiques nem por mais um minuto à minha porta, mas levanta-te e vai”. O pobre dervixe replicou:

“No dia em que me apaixonei por ti deixei de preocupar-me com a vida. Milhares como eu se sacrificam pela tua beleza. Visto que teus homens estão dispostos a matar-me injustamente, responde a só uma pergunta: Por que sorriste para mim no dia em que te tornaste a causa da minha morte?”

“Ó néscio”,olveu ela, “quando vi que estavas a pique de te humilhares, sorri de piedade. Posso sorrir de piedade, mas não de escárnio.”

Dito isso, desvaneceu-se como um penacho de fumaça, deixando o dervixe desolado.

4

O Papagaio

Veio depois o Papagaio, com açúcar no bico, envergando uma roupa verde e trazendo ao pescoço um colar de ouro. O Falcão não passava de um mosquito ao lado do seu esplendor: o tapete verde da terra é o reflexo das suas penas, e suas palavras são açúcar destilado. Ouçam-no: “Homens vis com coração de ferro fecharam-me numa gaiola por ser eu tão encantador. Enclausurado nesta prisão, ambiciono a fonte da água da imortalidade guardada por Khizr. Como ele, visto-me de verde, pois sou um Khizr entre os pássaros. Eu quisera ir à fonte dessa água, mas uma mariposa não tem forças para alar-se à grande casa de Simurgh; basta-me a primavera de Khizr”.

Retrucou a Poupa:

“Ó tu, que não tens idéia da felicidade! Aquele que não está disposto a renunciar à vida não é homem. A vida te foi concedida para que possas, por um instante, ter um digno amigo. Começa a percorrer o Caminho, pois não és nenhuma amêndoa, és apenas a casca. Entra na companhia de homens dignos e segue livremente o Caminho deles”.

O louco de Deus e Khizr

Havia um homem louco de amor a Deus. Disse-lhe Khizr:

“Ó homem perfeito, queres ser meu amigo?” O interpelado retrucou:

“Tu e eu não somos compatíveis, pois bebeste grandes sorvos da água da imortalidade, de modo que existirás para sempre, ao passo que eu desejo renunciar à vida. Não tenho amigos e nem sei como sustentar-me. E enquanto te ocupas em preservar tua vida, sacrifico a minha todos os dias. É melhor que eu te deixe, como os pássaros escapam da armadilha; por isso, adeus”.

O Pavão

Em seguida veio o Pavão, com penas de cem — como direi? — de cem mil cores. Exibia-se, virando-se de um lado para outro, como se fosse uma noiva.

“O pintor do mundo,” jactou-se ele, “pegou na mão o pincel do *djim* para modelar-me. Mas se bem eu seja um Gabriel entre os pássaros, minha sina não é ser invejado. Eu me dava bem com a serpente no paraíso terreal, e por isso fui ignominiosamente escorraçado de lá. Os que confiavam em mim privaram-me de uma posição de confiança, e meus pés foram minha prisão. Mas estou sempre à espera de um guia benevolente que me conduza para fora desta escura morada e me leve às mansões eternas. Não espero chegar ao rei de que falais, bastar-me-á chegar ao seu portão. Como podeis esperar que me esforce por alcançar o Simurgh se já vivi no paraíso terreno? Não tenho outro desejo senão voltar a morar lá. Nada mais tem qualquer sentido para mim.”

Redargüiu a Poupa: “Estás te desviando do verdadeiro Caminho. O palácio deste rei é muito superior ao teu paraíso. Não podes fazer nada melhor do que te esforçares por alcançá-lo. É a morada da alma, a eternidade, o objeto de nossos verdadeiros desejos, a morada do coração, a sede da verdade. O Altíssimo é um vasto oceano; o paraíso da bem-aventurança terrena não passa de uma gotinha; tudo o que não for esse oceano será loucura. Se podes ter o oceano, por que procuras uma gota do aljôfar vespertino? Aquele que partilha dos segredos do sol deve, acaso, perder tempo com um grãozinho de poeira? O que tem tudo preocupa-se com a parte? Ocupa-se a alma dos membros do corpo? Se queres ser perfeito busca o todo, elege o todo, sê total”.

O mestre e o discípulo

Um discípulo perguntou ao mestre:

“Por que foi Adão obrigado a sair do Paraíso?” O mestre respondeu:

“Quando Adão, a mais nobre das criaturas, entrou no Paraíso, ouviu uma voz vibrante vinda do mundo invisível: ‘Ó vós, que estais atados ao paraíso terrestre por uma centena de laços, sabei que priva de tudo o que existe visivelmente aquele que, nos dois mundos, estiver identificado com o que surge entre mim e ele, de modo que venha a atar-se apenas a mim, seu verdadeiro amigo’. Para o amante, cem mil vidas nada são sem o amado. Quem viveu para alguma coisa que não fosse Ele, ainda que se tratasse do próprio Adão, foi expulso. Os habitantes do Paraíso sabem que a primeira coisa a que devem renunciar é o coração”.

O Pato

Envergando o seu manto mais belo, o Pato saiu, tímido, da água e subiu até a assembléia.

“Ninguém jamais falou a uma criatura mais linda nem mais pura do que eu,” disse ele. “A cada hora faço as abluções costumeiras, e depois estendo sobre a água o tapete da

oração. Que pássaro é capaz de viver e mover-se na água como eu? Nisto possuo um poder maravilhoso. Entre os pássaros sou um penitente de vista clara e roupas limpas; e vivo num elemento puro. Nada me é mais proveitoso do que a água, pois nela encontro meu alimento e nela tenho minha morada. Se me vexam dificuldades, lavo-as na água. Águas claras alimentam a corrente em que vivo, não amo a terra seca. Assim sendo, se o meu único cuidado é a água, por que haveria eu de deixá-la? Tudo o que vive vive pela água. Como poderei cruzar os ares e voar até o Simurgh? Como haverá alguém como eu, que se contenta com a superfície da água, de ter a ambição de ver o Simurgh?”

Contraveio a Poupa:

“Ó tu, cujo deleite reside na água, que te ocupa toda a vida! Modorras, indolente, ali — mas lá vem uma onda e te leva de roldão. A água só é boa para os que têm boa compostura e o rosto limpo. Se assim és, muito bem! Mas por quanto tempo permanecerás limpo e puro como a água?”

A história do homem piedoso

Alguém perguntou a um santo idiota: “Quais são os dois mundos que sempre nos ocupam o pensamento?”

E o idiota respondeu: “Tanto o mundo superior quanto o inferior são como a gota d’água, que é e não é. Foi uma gota d’água que se manifestou no princípio, e depois assumiu inúmeras formas encantadoras. Todas as aparências são como a água. Nada é mais duro do que o ferro e, não obstante isso, ele sabe que se origina da água. Mas nada do que tem por base a água, incluindo o ferro, é mais real do que o sonho. A água não é estável”.

7

A Perdiz

A Perdiz aproximou-se a seguir, graciosa mas enfatuada. Acanhada, levanta-se do seu tesouro de pérolas em suas vestes de aurora. Com os olhos orlados de sangue e o bico vermelho, voa com a cabeça ligeiramente virada, carregando o cinto e a espada. Disse ela:

“Gosto de errar por entre as ruínas, pois amo as pedras preciosas. Elas me acenderam um fogo no coração, e isso me satisfaz. Quando ardo em desejo por elas, as pedras que engoli como que se tingem de sangue. Muitas vezes, porém, vejo-me entre pedras e fogo, inativa e perplexa. Ó meus amigos, vede como vivo! Será possível despertar alguém que dorme sobre pedras e engole cascalho?”

“Meu coração está ferido por uma centena de dores porque meu amor às pedras preciosas me prendeu à montanha. O amor às outras coisas é transitório; o reino das jóias é eterno, pois elas são a essência eterna da montanha. Conheço as montanhas e as pedras preciosas. Com meu cinto e minha espada estou sempre à cata do diamante, e ainda não descobri uma substância de natureza mais sublime do que as pedras preciosas — nem a pérola é tão bela. Ademais, o caminho para o Simurgh é difícil, e meus pés estão presos às pedras como se estivessem enterrados no lodo. Como poderei esperar chegar corajosamente à presença do poderoso Simurgh com a mão na cabeça e os pés no barro? Descobrirei

pedras preciosas ou morrerá. Minha nobreza é evidente, e quem não pensa como eu não merece consideração”.

Acudiu a Poupa: “Ó tu, que tens as cores de todas as pedras, mancas um pouco e dás desculpas coxas. O sangue do coração mancha-te as garras e o bico, e tua busca te avilta. As jóias não são mais do que pedras coloridas, e, no entanto, o amor delas te endurece o coração. Sem as suas cores, não passariam de seixozinhos ordinários. Quem tem o perfume não procura a cor; quem possui a essência não a deixa pelo brilho da forma exterior. Procura a verdadeira jóia de boa qualidade e não te contentes com a pedra”.

A anel de Salomão

Nenhuma pedra foi tão famosa quanto a do anel de Salomão, embora fosse muito simples e não pesasse mais do que meio daneque. Mas quando Salomão fez dela um selo, toda a terra ficou sob o seu império. Estabeleceu-se-lhe o domínio, e sua lei se estendeu até os horizontes distantes. Conquanto o vento lhe carregasse a vontade a todos os quadrantes, ele só possuía uma pedra de meio daneque. E disse:

“Já que o meu reino e o meu domínio dependem desta pedra, daqui por diante ninguém terá tamanho poder”.

Embora Salomão tenha se tornado um grande rei à custa do seu selo, este lhe atrasou o progresso no caminho espiritual; e ele chegou ao Paraíso do Éden quinhentos anos depois dos outros profetas. Se uma pedra foi capaz de surtir esse efeito em relação a Salomão, que não poderia ela fazer a um ser como tu, pobre Perdiz? Afasta o coração das jóias comuns. Procura a jóia verdadeira e continua no encaicho do Bom Joalheiro.

8

O “Humay”

Agora era o *Humay* que se erguia diante da assembléia, o Doador da Treva cuja sombra confere pompa aos reis. Por isso recebeu o nome de “Humayan,” o felizardo, visto que de todas as criaturas é a mais ambiciosa. E disse:

“Pássaros da terra e do mar, não sou uma ave como vós. Move-me alta ambição, e, para satisfazê-la, separei-me das outras criaturas. Sujeitei o cão do desejo, portanto sou Feridon e Jamshid dignificados. Erguem-se reis sob influência da minha sombra, mas os homens que têm a natureza dos mendigos não me agradam. Dou um osso ao cão do meu desejo e ponho meu espírito no seguro contra ele. Como podem os homens voltar o rosto àquele cuja sombra cria reis? Toda gente procura abrigo debaixo das minhas asas. Necessito, porventura, da amizade do nobre Simurgh se tenho a realeza ao meu dispor?”

Redargüiu a Poupa: “Ó escravo do orgulho! Não estendas mais a tua sombra e não te vanglories mais de ti. Neste momento, longe de conferir poder a reis, pareces um cachorro entretido com um osso. Não consinta Deus que ponhas um Chosróes no trono. Mas supondo que a tua sombra entronize governantes, amanhã eles serão presa do infortúnio e despojados da realeza, ao passo que, se nunca tivessem visto a tua sombra, não teriam de enfrentar um ajuste de contas tão terrível no último dia”.

Mahmud e o sábio

Um homem piedoso, que estava no verdadeiro Caminho, viu em sonhos o sultão Mahmud e disse-lhe:

“Ó auspicioso rei, como vão as coisas no Reino da Eternidade?”

Ao que o sultão replicou:

“Espanca-me o corpo, se quiseres, mas deixa a minha alma em paz. Não digas nada, e parte, pois aqui não se fala em realeza. Meu poder era apenas vaidade e presunção, fantasia e erro. Pode a soberania exaltar um punhado de terra? A soberania pertence a Deus, Mestre do Universo. Agora que me dei conta de minhas fraquezas e de minha impotência, envergonho-me de minha realeza. Se quiseres dar-me um título, dá-me o de ‘atormentado’. Deus é o Rei da Natureza, por isso não me chames de rei. O império pertence a ele; e eu seria feliz agora se fosse um simples dervixe na terra. Oxalá tivesse ele uma centena de poços em que pudesse enfiar-me para que eu nunca fosse um soberano. Fora melhor ter sido respigador num milharal. Chama Mahmud de escravo. Dá minhas bênçãos a meu filho Masud, e diz-lhe: ‘Se tiveres entendimento, toma ensino com o estado de teu pai. Que seque as asas e as penas daquele *Humay* que lançou sua sombra sobre mim!’”

9

O Falcão desculpa-se

Veio, a seguir, o Falcão, de cabeça erguida e porte de soldado. E disse:

“Eu, que me deleito na companhia de reis, não dou atenção a outras criaturas. Cubro os olhos com um capelo para poder pôr os pés na mão do rei. Estou perfeitamente adestrado nas regras do proceder polido e pratico a abstinência como qualquer penitente, de sorte que, levado à presença de um rei, cumpro minhas obrigações exatamente como se espera que eu as cumpra. Por que haveria eu de ver Simurgh, ainda que fosse em sonhos? Por que haveria de correr desatinadamente para ele? Não me sinto chamado a participar dessa jornada. Satisfaço-me com um petisco das mãos do rei; sua corte é tudo o que quero. Quem goza dos favores reais vê realizado o seu desejo; e para ser agradável ao rei, basta-me voar através dos vales sem limites. Não tenho outro desejo senão passar a vida festivamente deste modo — esperando pelo rei ou caçando para agradar-lhe”.

Resposta da Poupa

Disse a Poupa:

“Ó tu, que estás apegado à forma exterior das coisas e não curas dos valores essenciais, o Simurgh é um ser cuja realeza lhe assenta bem porque é único no poder. Nenhum rei verdadeiro exercita nesciamente a sua vontade. O rei verdadeiro é criterioso e magnânimo. Conquanto possa amiúde ser justo, o rei terreno também pode ser culpado de injustiça. Quanto mais perto estivermos dele, tanto mais delicada será a nossa posição. O crente não pode deixar de ofender o rei, de modo que sua vida está, não raro, em perigo. Visto que se compara o rei ao fogo, mantende-vos distantes! Ó vós, que tendes vivido ao pé

de reis, cuidado! Prestai atenção a isto: Era uma vez um nobre rei que tinha um escravo cujo corpo se diria feito de prata. Amava-o tanto que não podia separar-se dele nem por um minuto. Deu-lhe os mais belos trajes e colocou-o acima dos seus iguais. As vezes, porém, o rei divertia-se disparando setas; colocava uma maçã na cabeça do favorito e usava-a como alvo. E quando o rei desfechava o tiro, o escravo ficava amarelo de medo. Um dia, alguém lhe perguntou:

‘Por que teu rosto tem a cor do ouro? Não és o favorito? Por que, então, essa palidez mortal?’

E o escravo respondeu:

‘Se o rei me atingisse em vez de atingir o alvo, diria: — Este escravo é a coisa mais inútil que há na minha corte; — mas quando a flecha atinge o alvo, todos atribuem o feito à sua perícia. Pelo que me toca, nesta penosa situação, só me resta esperar que o rei continue a atirar bem!’ “

10

A Garça

A Garça chegou toda apressada e pôs-se, de pronto, a falar de si:

“Minha linda casa fica à beira do mar, entre as lagoas, onde ninguém me ouve cantar. Sou tão inofensiva que ninguém se queixa de mim. Triste e melancólica quedo-me, pensativa, à beira do mar salgado, com o coração cheio de desejo da água, pois se não houvesse nenhuma que seria de mim? Mas como não sou das que moram no mar, é bem possível que eu morra um dia na praia, com a boca seca. Conquanto as águas fervam e as ondas venham quebrar-se a meus pés, não posso engolir uma só gota; entretanto, se o oceano viesse a perder um pouco da sua água, meu coração arderia de aflição. Para uma criatura como eu, a paixão pelo mar é bastante. Não tenho forças que me permitam sair em busca do Simurgh, por isso peço que me dispensem. Como poderia alguém como eu, que busca apenas uma gota d’água, atingir possivelmente a união com o Simurgh?”

Disse a Poupa: “Ó ignorante do mar, não sabes que ele está cheio de crocodilos e outras criaturas perigosas? As vezes sua água é amarga, às vezes salgada; às vezes é calma, às vezes turbulenta; está sempre mudando, nunca é estável; às vezes flui, às vezes reflui. Muitos grandes foram engolidos pelo seu abismo. O mergulhador nas profundezas prende a respiração para não ser vomitado como uma haste de palha. O mar é um elemento sem lealdade. Não te fies nele, pois poderá acabar te afogando. É inquieto por causa do amor que dedica ao amigo. As vezes, rola grandes vagalhões, às vezes ruge. Já que o mar não encontra o que deseja, como encontrarás nele um lugar de descanso para o coração? O oceano é um riacho que se ergue no caminho que conduz

ao amigo; por que, então, ficarias aqui contente e não forcejarias por ver o rosto do Simurgh?”

O sábio e o oceano

Um sábio que tinha por hábito ponderar no significado das coisas dirigiu-se ao Oceano e perguntou-lhe por que usava vestimentas azuis, já que o azul era a cor do luto, e por que fervia sem fogo.

O Oceano respondeu ao homem contemplativo: “Sinto-me perturbado porque estou separado do meu amigo. Em virtude da minha insuficiência, não sou digno dele, por isso visto roupas azuis como sinal do remorso que me tortura. Na minha aflição, as praias dos meus lábios estão secas, e em razão do fogo do meu amor estou alvoroçado. Pudesse eu encontrar uma só gota da água celestial do Kausar e estaria de posse da porta da vida eterna. A míngua dessa gota, morrerei de desejo, como os milhares de outros que perecem no caminho”.

11

A Coruja

Adiantou-se a Coruja com ar perplexo e foi logo dizendo:

“Escolhi para morar uma casa em ruínas e que está caindo aos pedaços. Nasci entre ruínas e nelas me aprazo — mas sem beber vinho. Conheço centenas de lugares habitados, mas alguns se acham em estado de confusão e outros em estado de ódio. Quem quiser viver em paz deverá procurar as ruínas, como fazem os loucos. Só me sinto deprimida entre elas por causa do tesouro oculto. O amor ao tesouro arrasta-me para lá, pois ele se acha entre as ruínas. Além disso, posso esconder minha busca ansiosa e espero encontrar um tesouro que não esteja protegido por nenhum talismã; se o meu pé topar com algum, estará realizado o desejo do meu coração. Acredito que o amor do Simurgh não seja uma fábula, pois não o sentem os desatentos; mas sou fraca e estou longe de ser constante no seu amor, visto que só amo meu tesouro e minhas ruínas”.

A Poupa respondeu-lhe:

“Ó tu que estás bêbeda do amor das riquezas, supõe que encontres um tesouro! Pois bem, morrerás sobre ele, e tua vida se terá esvaído sem que tenhas alcançado o alto propósito de que, afinal, estás ciente. O amor do ouro é uma característica dos pagãos. Aquele que faz do ouro um outro é outro Tharé. Não te tornarás, acaso, igual a um *samiri* dos israelitas, que fabricaram o bezerro de ouro? Não sabes que todo aquele que se deixa corromper pelo amor ao ouro, terá, no dia da ressurreição, o rosto mudado, qual moeda falsa, e ficará com cara de camundongo?”

O avarento

Um bêbedo escondeu um cofre de ouro e, logo depois, morreu. Um ano mais tarde, seu filho viu-o em sonhos, na forma de um camundongo, com os olhos rasos d’água, correndo de um lado para outro no local em que o ouro fora escondido. Perguntou-lhe o filho:

“Que estás fazendo aqui?”

“Escondi um pouco de ouro e vim ver se alguém o descobriu”, retrucou o pai.

“Mas por que assumiste a forma de um camundongo?”, volveu o filho.

“Porque a alma do homem que renuncia a tudo por amor ao dinheiro assume essa forma”, respondeu o pai. “Atenta para mim, filho, e tira proveito do que estás vendo. Renuncia ao amor ao ouro!”

12

O Pardal

Veio então o Pardal, de corpo frágil e terno coração, tremendo da cabeça aos pés, como se fora uma chama. E disse:

“Estou atônito e desanimado. Não sei como existir e sou frágil como um fio de cabelo. Ninguém me ajuda, e não tenho sequer a força de uma formiga. Tampouco possuo penugem ou penas — nada. Como há de um covarde como eu viajar até onde está o Simurgh? Um simples pardal nunca o faria. Não faltam no mundo os que procuram essa união, mas ela não se coaduna com um ser como eu. Não desejo encetar uma jornada trabalhosa como essa por algo que jamais alcançarei. Se eu partisse em busca da corte do Simurgh acabaria morrendo no caminho. Portanto, já que não estou, de modo algum, em condições de levar a cabo o empreendimento, contentar-me-ei com procurar aqui o meu José no poço. Se o encontrar e tirar dali, alçarei vôo com ele do peixe à lua”.

A Poupa recalcitrou:

“Ó tu que em teu desalento és por vezes triste, por vezes alegre, não me iludem tuas alegações artificiosas. Pequeno hipócrita! Até na humildade mostras uma centena de sinais de vaidade e orgulho. Nem mais uma palavra! Fecha o bico e põe-te a caminho. Se morreres, morrerás com os outros. E não te compares a José!”

A história de Jacó

Quando levaram José, seu pai, Jacó, perdeu a vista à conta das lágrimas de sangue que vertiam seus olhos. O nome de José não lhe saía dos lábios. Por fim, o anjo Gabriel foi ter com ele e ameaçou-o:

“Se tornares a pronunciar, mais uma vez, a palavra José, riscarei o teu nome do rol dos profetas e mensageiros”.

Quando Jacó recebeu essa mensagem de Deus, o nome de José foi levantado da sua língua, mas ele não cessou de repeti-lo no coração. Certa noite, vendo José num sonho, quis chamá-lo, mas lembrou-se da ordem de Deus, golpeou o peito e arrancou um suspiro triste do coração imaculado. Voltou, então, Gabriel:

“Deus disse que, se bem não tenhas pronunciado o nome ‘José’ com a língua, suspiraste e com isso destruístes todo o efeito do teu arrependimento”.

13

Discussão entre a Poupa e os pássaros

Todos os pássaros, um depois do outro, começaram, então, a apresentar justificações tolas. Desculpa-me, leitor, se não as repito, pois isso levaria muito tempo. Mas como podem tais pássaros enredar o Simurgh em suas garras? Assim sendo, a Poupa continuou o seu discurso:

“Quem prefere o Simurgh à própria vida precisa lutar corajosamente consigo mesmo. Se o teu estômago não digere sequer um grão, como participarás do festim do Simurgh? Quando hesitas diante de um golezinho de vinho, como beberás a grande taça, ó paladino? Se te falta a energia de um átomo, como encontrarás o tesouro do sol? Se podes afogar-te numa gota d’água, como irás das profundezas do mar às alturas celestiais? Este não é um simples perfume, nem tarefa para quem não tem o rosto limpo”.

Quando os pássaros acharam que o discurso terminara, voltaram a falar à Poupa:

“Tu te encarregaste de mostrar-nos o caminho, tu, o melhor e mais poderoso dos pássaros. Mas somos frágeis, sem penugem nem penas, e, assim, como conseguiremos alcançar o Sublime Simurgh? Só por um milagre. Dize-nos alguma coisa sobre esse maravilhoso Ser, nem que seja por meio de um símile, senão, cegos que somos, nada perceberemos do mistério. Se houvesse alguma relação entre esse Ser e nós, ser-nos-ia muito mais fácil encetar a jornada. Mas do jeito que o vemos, ele pode comparar-se a Salomão, e nós, a formigas mendicantes. Como há de um inseto no fundo de um poço alçar-se até o grande Simurgh? Será a realeza o quinhão do mendigo?”

Resposta da Poupa

Disse a Poupa:

“Ó pássaros sem aspiração! Como poderá saltar à vontade o amor num coração privado de sensibilidade? Considerar a questão dessa maneira, que parece agradar-vos, não redundará em nada. Quem ama parte de olhos abertos rumo à sua meta e brinca com a própria vida.

“Quando o Simurgh se apresentou fora do véu, radioso como o sol, projetou milhares de sombras sobre a terra. E quando olhou para essas sombras, surgiram pássaros em grande quantidade. Portanto, os diferentes tipos de aves que se vêem no mundo são apenas a sombra do Simurgh. Sabei, pois, ó ignorantes, que, quando compreenderdes isso, compreenderéis exatamente a vossa relação com o Simurgh. Refleti sobre o mistério, mas não o reveleis. Quem adquire este conhecimento afunda-se na imensidade do Simurgh, embora não deva pensar, por isso, que é Deus.

“Se vos tornardes isso de que vos falo não sereis Deus, mas estareis mergulhados em Deus. Um homem assim imerso transubstancia-se? Quando compreenderdes de quem sois a sombra tornar-vos-eis indiferentes à vida ou à morte. Se o Simurgh não pretendesse manifestar-se, não teria lançado a sua sombra; se tivesse desejado permanecer escondido, sua sombra não teria aparecido no mundo. Tudo o que é produzido por ela torna-se visível. Se o vosso espírito não estiver afinado para ver o Simurgh, tampouco será o vosso coração um espelho brilhante, ajustado para refleti-lo. Na verdade, nenhum olho é capaz de contemplar-lhe a beleza e maravilhar-se dela, nem é capaz de entendimento; não podemos sentir-nos, em relação ao Simurgh, como nos sentimos em relação à beleza deste mundo.

Mas por sua graça abundante ele nos deu um espelho onde ele se reflete, e esse espelho é o coração. Olhai para o vosso coração e nele vereis a imagem do Simurgh”.

O rei encantador

Era uma vez um rei dotado de encanto e beleza incomparáveis. A aurora era um relampejar do seu semblante; o anjo Gabriel, uma emanção da sua fragrância; e o reino da beleza, o Corão dos seus segredos. Sua fama espalhava-se por todo o mundo, e todas as criaturas o amavam. Quando passava pela cidade a cavalo, cobria o rosto com um véu carmesim; mas até os que olhavam para o véu perdiam a cabeça, e os que lhe pronunciavam o nome de repente cortavam a língua. Milhares morriam por amor a ele; outros davam a própria vida, crentes de que era melhor morrer naquele instante do que viver cem anos longe dele. Assombroso! Não podiam suportar-lhe a presença por muito tempo e, contudo, não podiam viver sem ele. Entretanto, ele se mostrava aos que conseguiam suportar-lhe a vista; os que não o conseguiam tinham de contentar-se com ouvir-lhe a voz. Em vista disso, o rei ordenou que se confeccionasse um espelho para que seu rosto fosse visto indiretamente. O espelho foi colocado no alto do palácio, e o rei ia mirar-se nele para que todos pudessem ver-lhe o reflexo.

O mesmo sucede conosco. Se amas a beleza do teu amigo, entende que o teu coração é o espelho, vê nele o teu rei na mansão da sua glória. As aparências todas nada mais são do que a sombra misteriosa do Simurgh. Se ele te houvesse revelado a sua beleza, tu a terias reconhecido na sua sombra. Ainda que existissem trinta pássaros Simurgh, ou quarenta, só lhe verias a sombra. O Simurgh não se distingue da própria sombra, e afirmar o contrário é laborar em erro; um e outro existem juntos. Busca a reunião; ou melhor, deixa a sombra e descobrirás o Segredo; se tiveres sorte verás o Sol na sombra; mas, se te perderes na sombra, como realizarás a união com o Simurgh?

Mahmud e Ayaz

Perseguido pelo mau-olhado, Ayaz precisou deixar a corte do sultão Mahmud. Desesperado, caiu em profunda melancolia, deitou-se na cama e pôs-se a chorar. Quando Mahmud soube disso, ordenou a um dos seus serviçais:

“Vai ter com Ayaz e dize-lhe: ‘Sei que estás triste, mas eu também estou no mesmo estado. Embora meu corpo esteja longe de ti, meu espírito está perto. Ó tu que me amas, não me ausento de ti nem por um momento. Com efeito, o mau-olhado fez mal afligindo uma criatura tão encantadora!’ “ E, logo, acrescentou:

“Vai incontinenti, vai como o fogo, vai como a água que jorra, vai como o raio antes do trovão!”

Partiu o serviçal como o vento e, num instante, chegou aonde estava Ayaz. Mas ali já encontrou o sultão, sentado diante do escravo. E, tremendo, disse para si: “Que infelicidade ter de servir a um rei! Meu sangue, sem dúvida, será derramado hoje!” Em seguida, dirigindo-se ao sultão, afirmou:

“Asseguro-vos que não parei nem por um momento, nem sentado nem de pé; como foi, então, que o rei chegou aqui antes de mim? O rei não me acredita? Se fui negligente de algum modo, penitencio-me”.

“Não és *Mahram*”, respondeu Mahmud, “como poderias, pois, viajar como eu? Vim por um caminho secreto. Quando pedi notícias de Ayaz, meu espírito já estava com ele.”

14

A Poupa lhes fala da viagem proposta

Quando ela concluiu o seu discurso, os pássaros começaram a entender alguma coisa dos mistérios antigos e da relação entre eles e o Simurgh. Mas conquanto sentissem o desejo de fazer a viagem, hesitavam em partir, pois as dúvidas ainda lhes perturbavam a mente. Por isso disseram à Poupa:

“Queres que abandonemos, desde já, a nossa existência tranquila? Nós, frágeis pássaros, não podemos esperar encontrar, sozinhos, o caminho da sublime morada em que o Simurgh tem o seu ser”.

A Poupa replicou:

“Falo-vos como vosso guia. Quem ama não pensa na própria vida; para amar de verdade o homem precisa esquecer-se de si, ser asceta ou libertino. Se os vossos desejos não estão de acordo com o vosso espírito, sacrificai-os, e chegareis ao termo da viagem. Se o corpo de desejo obstrui o caminho, rejeitai-o; em seguida, dirigi a vista para a frente e olhai. Um ignorante perguntará: ‘Qual é a conexão entre crença ou descrença e amor?’ Pois eu digo: ‘Os amantes, acaso, dão valor à vida? O amante ateia fogo a toda esperança de colheita, encosta a lâmina na garganta, perfura o corpo. Com o amor vem a tristeza e o sangue do coração. O amor ama as coisas difíceis’.

“Ó Escanção! Enche-me a taça com o sangue do meu coração e, se não restar mais nada, dá-me a borra. O amor é uma dor cruel que tudo devora. Às vezes rasga o véu da alma, às vezes puxa-o. Um átomo de amor é preferível a quanto existe entre os horizontes, um átomo da sua dor é melhor do que o amor feliz de todos os amantes. O amor é a própria medula dos seres; mas não pode haver amor verdadeiro sem verdadeiro sofrimento. Quem quer que esteja bem alicerçado no amor renuncia à fé, à religião, à descrença. O amor abrirá a porta da pobreza espiritual, e a pobreza mostrará o caminho da descrença. Quando não subsistirem nem a descrença nem a religião, vosso corpo e vossa alma desaparecerão, e sereis então dignos dos mistérios — esta é a única maneira de sondá-los, se o quiserdes.

“Avançai, pois, sem medo. Abandonai as coisas infantis e, acima de tudo, tende coragem; pois uma centena de vicissitudes vos saltará de surpresa.”

A história do xeque San'an

O xeque San'an era no seu tempo um santo homem que se aperfeiçoara em alto grau. Durante cinquenta anos permanecera em seu retiro, em companhia de quatrocentos discípulos, que trabalhavam dia e noite o próprio espírito.

Seus grandes conhecimentos eram beneficiados pela revelação exterior e interior. Levava grande parte da vida realizando peregrinações a Meca. Eram sem número suas orações e jejuns, e ele não omitia uma prática sequer dos sunitas. Levava a cabo milagres e, com o hálito, curava doentes e deprimidos.

Uma noite sonhou que fora de Meca à Grécia, onde adorara um ídolo; e, acordando, pesaroso, do sonho opressivo, comunicou aos discípulos:

“Preciso partir imediatamente para a Grécia a fim de descobrir o significado desse sonho”.

Deixou a Caaba em companhia dos quatrocentos discípulos e, afinal, chegaram à Grécia. Percorreram o país de um extremo a outro e, um belo dia, entraram num lugar em que viram uma moça sentada num balcão. A moça era cristã, e a expressão de seu rosto mostrava que ela possuía a faculdade de ponderar nas coisas de Deus. Sua beleza era como o sol no auge do esplendor, e sua dignidade a fazia parecida com os signos do Zodíaco. Invejosa da sua radiância, a estrela-d’alva se demorava acima de sua casa. Quem quer que prendesse o coração nos fios de seus cabelos cingia o cinto de cristão; e aquele cujo desejo pousava no rubi dos seus lábios perdia a cabeça. A lua assumia um tom mais escuro à custa do negrume de suas melenas, a terra da Grécia se arrugava em razão da beleza das suas sardas. Seus olhos eram uma cilada para os amantes; suas sobrancelhas arqueadas formavam foices melindrosas sobre luas gêmeas. Quando o poder lhe alumia as pupilas dos olhos, cem corações se tornavam presa sua. Brilhava-lhe o rosto qual chama viva, e os úmidos rubis de seus lábios seriam capazes de deixar com sede o mundo inteiro. Seus cílios langorosos lembravam uma centena de adagas, e sua boca era tão pequena que nem as palavras conseguiam passar por ela. Sua cintura, esguia como um fio de cabelo, vivia apertada pelo *zunnar*; e a covinha de prata de seu queixo vivificava tanto quanto os sermões de Jesus.

Quando ela erguia um cantinho do véu, incendiava-se o coração do xeque; e um só fio dos seus cabelos atava-lhe o lombo com cem *zunnars*. Ele não conseguia despregar a vista da moça cristã, e tamanho era o seu amor que a vontade lhe escorregou das mãos. Dos cabelos dela, a descrença espargiu-se-lhe sobre a fé. E ele gritou:

“Oh, como é terrível o amor que sinto por ela! Quando a religião nos desampara, para que presta o coração?”

Quando os companheiros compreenderam o que se passava e viram o estado a que ele ficara reduzido, levaram as mãos à cabeça. Alguns tentaram raciocinar com ele, mas o xeque recusou-se a prestar-lhes atenção. Não fazia outra coisa o dia inteiro senão ficar de pé, com o olhar pregado no balcão e a boca aberta. As estrelas, que brilhavam como lâmpadas, tomavam emprestado o calor daquele santo homem, cujo coração se conflagrara. O seu amor foi crescendo até deixá-lo fora de si.

“Ó Senhor”, orou ele, “tenho jejuado e sofrido na vida, mas nunca sofri como agora; estou em tormento. A noite é tão longa e tão negra quanto os cabelos dela. Onde está a lâmpada do Céu? Tê-la-ão apagado os meus suspiros ou ela se escondeu de inveja? Onde está a minha boa fortuna? Por que não me ajuda a conquistar o amor dessa moça? Onde está a minha razão para que eu possa fazer uso dos meus conhecimentos? Onde estão minhas mãos para me cobrirem de cinzas a cabeça? Onde estão meus pés para levar-me à minha

amada, e meus olhos para ver-lhe o rosto? Onde está a minha amada para dar-me o seu coração? Que é este amor, este sofrimento, esta dor?”

Os amigos do xeque foram procurá-lo de novo. Disse um deles:

“Ó digno xeque, ergue-te e afugenta a tentação. Sê senhor de ti e executa as abluções ordenadas”.

“Não sabeis que esta noite fiz uma centena de abluções e todas com o sangue do meu coração?”, replicou ele.

Outro acudiu:

“Onde está o teu terço? Como podes orar sem ele?”

E o xeque respondeu: “Atirei fora o meu terço para poder cingir-me com o *zunnar* cristão”.

“Ó santo velho, se pecaste, arrepende-te sem demora”, sobreveio outro.

“Arrependo-me agora”, retrucou ele, “de haver seguido a verdadeira lei, e só desejo abrir mão dessa absurdidade.”

“Deixa este lugar e vai adorar a Deus”, insistiu outro.

E ele retrucou:

“Se o meu ídolo estivesse aqui, prosternar-me-ia diante dele”.

E outro: “Queres dizer que não tentarás sequer arrepender-te? Já não és um seguidor do Islam?”

“Ninguém se arrepende mais do que eu de só agora haver-me apaixonado”, replicou o xeque.

E outro ainda: “As regiões infernais estarão à tua espera se teimares em palmilhar este caminho; mas vigia-te e as evitarás”.

“O inferno só está aí por causa dos meus suspiros, que seriam capazes de alimentar sete infernos.”

Vendo que suas palavras não produziam efeito sobre o xeque, se bem o tivessem seguido a noite toda, os amigos se foram. Entrementes, o Turco da Manhã, de sabre e escudo de ouro, cortou a cabeça da Noite Negra, de modo que o mundo da razão se banhou na radiância do Sol. O xeque, juguete do seu amor, vagabundeou com os cachorros e ficou sentado, durante um mês, na rua, à espera de uma ocasião que lhe permitisse ver o rosto dela. O pó era a sua cama, e o degrau da porta da casa da moça cristã, o seu travesseiro.

Vendo, então, que ele estava irremediavelmente apaixonado, a formosa cristã cobriu o rosto com o véu e disse-lhe:

“Ó xeque, como se dá que tu, um asceta, estejas tão bêbedo do vinho do politeísmo e te assentes numa rua cristã nesse estado? Se me adorares desse jeito acabarás ficando louco”.

Ao que o xeque respondeu:

“Isso foi porque me roubaste o coração. Devolve-mo ou aceita o meu amor. Se quiseres, sacrificarei minha vida por ti, mas podes recuperar essa vida com um toque dos teus lábios. Por tua causa meu coração está conflagrado. Derramei lágrimas como chuva, e meus olhos perderam a vista. Onde existia um coração agora só existe sangue. Se eu me unisse a ti recobriria a vida. És o sol, eu sou a sombra. Sou um homem perdido, mas, se te inclinares para mim, tomarei debaixo das asas as sete cúpulas do mundo. Imploro-te, não me deixes!”

“Ó velho tolo!”, contraveio ela. “Não tens vergonha de usar a cânfora por sudário? Deverias corar por sugerir intimidade comigo com o teu hálito frio! Fora melhor que te envolvesse numa mortalha do que perderes tempo comigo. Não podes inspirar amor. Vai-te!”

“Dize o que quiseres, que ainda assim te amo”, voltou o xeque. “Que importa que sejamos moços ou velhos se o amor toca todos os corações?”

“Muito bem”, disse ela, então. “Já que não te deixas convencer, ouve o que te digo. Lava as tuas mãos do Islam; pois o amor que não se identifica com a amada não passa de cor e perfume.”

“Farei quanto quiseres”, conveio ele. “Empreenderei tudo o que ordenares, ó tu, cujo corpo é igual à prata. Sou teu escravo. Enrola um anel dos teus cabelos no meu pescoço para lembrar-me da minha escravidão.”

“Se és homem de ação”, tornou a jovem cristã, “terás de fazer quatro coisas: prostrar-te diante dos ídolos, queimar o Corão, beber vinho e fechar os olhos para a tua religião.”

Ele respondeu:

“Beberei vinho em homenagem à tua beleza, mas não posso cumprir as outras três exigências”.

“Muito bem”, assentiu ela, “vem beber vinho comigo, que dentro em pouco aceitarás as outras condições.”

E conduziu-o a um templo de magos, onde se lhe deparou estranhíssimo ajuntamento. Sentaram-se à mesa de um banquete, a que a convidaram por sua beleza. Ela estendeu-lhe uma taça de vinho, e quando ele pegou na taça e olhou para os risinhos rubis dos lábios dela, como duas tampas de um escrínio, o fogo ardeu-lhe no coração e uma torrente de sangue afluiu-lhe aos olhos. Tentou lembrar-se dos livros sagrados que lera e escrevera sobre religião, e do Corão, que tão bem conhecia; mas quando o vinho lhe passou da taça para o estômago, esqueceu-os todos; desvaneceu-se-lhe o saber espiritual. Perdeu o livre-arbítrio e deixou o coração cair-lhe das mãos. E quando tentou pôr a mão no pescoço dela, a moça refugou-o:

“Apenas finges amar. Não compreendes o mistério do amor. Se estiveres seguro do teu amor encontrarás o caminho das minhas madeixas. Perde-te na descrença com a ajuda dos meus cabelos; segue-lhes as mechas e poderás pôr a mão no meu pescoço. Mas se não quiseres seguir o meu caminho, levanta-te e vai; e leva a tua capa e o teu cajado de faquir”.

Ouvindo isso, o amoroso xeque sentiu-se desalentado; e cedeu, sem mais cerimônias, ao seu destino. O vinho que bebera tornara-lhe a cabeça tão variável quanto uma bússola. O

vinho era velho e o seu amor era jovem. Em que outra coisa poderia ele ter-se transformado senão num bêbedo apaixonado?

“Ó Esplendor da Lua”, exclamou, “dize-me o que desejas. Se eu não era um alcoólatra antes de perder o juízo, agora que estou embriagado queimarei o Corão diante do ídolo.”

Disse a jovem beldade:

“Agora, sim! Agora és verdadeiramente o meu homem.

És digno de mim. Até este momento eras cru no amor, mas a experiência cozeu-te. Ótimo!”

Quando os cristãos ouviram dizer que o xeque abraçara sua crença, levaram-no, ainda ébrio, à igreja e disseram-lhe que amarrasse um *zunnar* à cintura. Ele obedeceu, lançou ao fogo o manto de dervixe, abdicou da fé e entregou-se às práticas da religião cristã.

E disse à moça:

“Ó dama encantadora, ninguém jamais fez tanto por uma mulher quanto eu. Adorei os teus ídolos, bebi vinho e renunciei à verdadeira fé. Tudo isso fiz por amor de ti e para poder possuir-te”.

E ela respondeu-lhe:

“Velho bobo, escravo do amor, como pode uma mulher como eu unir-se a um faquir? Preciso de prata e ouro, e, visto que não tens nada disso, vai-te embora”.

“Ó mulher adorável,” retrucou o xeque, “teu corpo é um cipreste e teus seios são prata. Se me repelires, levar-me-ás ao desespero. A idéia de possuir-te alvoroçou-me. Por tua causa meus amigos se tornaram meus inimigos. Como o és, assim o são eles; que farei? Ó minha amada, eu quisera antes estar no inferno contigo do que no céu sem ti.”

Por fim, ela se abrandou e acabou aceitando o xeque como seu homem, começando também a sentir a chama do amor. Mas, para pô-lo um pouco mais à prova, disse-lhe:

“Agora, por meu dote, ó homem imperfeito, vai guardar meus porcos pelo espaço de um ano; depois disso, passaremos juntos a vida inteira, na alegria ou na tristeza!”

Sem um protesto, o xeque da Caaba, o santo, concordou em transformar-se em porqueiro.

Na natureza de cada um de nós há uma centena de porcos. Ó vós, que sois não-entidades, estais pensando apenas no perigo que corria o xeque! O perigo se encontra em cada um de nós e ergue a cabeça a partir do momento que enveredamos pelo caminho do conhecimento de nós mesmos. Se não conhecerdes vossos próprios porcos não conhecereis o Caminho. Mas se de fato vos puserdes a campo, encontrareis um milhar de porcos — um milhar de ídolos. Enxotai os porcos, queimai os ídolos na planície do amor; pois, do contrário, ficareis como ficou o xeque, desonrado pelo amor. Pois bem, quando correu a voz de que o xeque se fizera cristão, todos os seus companheiros, tomados de profunda angústia, se afastaram; todos, menos um, que lhe disse: “Conta-nos o segredo dessa história para que possamos nos tornar cristãos contigo. Não queremos que só tu cometas apostasia, de modo que também nos cingiremos com o *zunnar* cristão. Se não concordares, retornaremos à Caaba e passaremos o tempo imersos em orações a fim de não vermos o que vemos agora”.

Disse o xeque:

“Minha alma está cheia de tristeza. Vai para onde te levarem os teus desejos. Quanto a mim, a igreja é o meu lugar, e a moça cristã, o meu destino. Sabes por que és livre? Porque não estás na minha posição. Se estivesses, eu teria um companheiro no meu desditoso amor. Regressa, pois, querido amigo, à Caaba, que ninguém pode participar do meu estado atual. Se perguntarem por mim, responde: ‘Seus olhos estão cheios de sangue, sua boca, cheia de veneno. Ele continua preso nas fauces dos dragões da violência. Nenhum infiel consentiria em fazer o que fez esse orgulhoso muçulmano por efeito do destino. Uma jovem cristã prendeu-lhe o pescoço num anel dos seus cabelos’. Se me censurarem, dize-lhes que muitos caem no meio da estrada, que não tem começo nem fim, mas alguns, mais afortunados, se refazem da queda e do perigo”.

Dito isso, desviou o rosto do amigo e voltou à vara de porcos.

Seus seguidores, que o observavam à distância, choraram amarguradamente. Por fim, puseram-se a caminho, de volta à Caaba, e, corridos de vergonha e confusão, foram esconder-se num canto.

Ora, estava na Caaba, naquela ocasião, um amigo do xeque, que era vidente e trilhava o caminho verdadeiro. Ninguém o conhecia melhor do que ele, se bem não o tivesse acompanhado à Grécia. Quando esse homem pediu notícias do amigo, os discípulos lhe contaram tudo o que acontecera ao xeque e perguntaram-lhe que feio galho de árvores traspassara o peito dele, e se aquilo sucedera por vontade do destino. Contaram, mais, que uma jovem infiel o amarrara com um único fio de cabelo e lhe fechara os cem caminhos do Islam.

“Ele brinca com suas madeixas e suas sardas”, acrescentaram, “e queimou a própria *khirka*. Abandonou a religião, e agora, com um *zunnar* à cintura, apascenta uma aduada de porcos. Mas, conquanto tenha empenhado a própria alma, quer-nos parecer que ainda há esperança.”

Ouvindo isso, o rosto do discípulo fez-se cor de ouro e ele entrou a lamentar-se, atribulado. Depois disse:

“Companheiros de infortúnio, em religião não há homem nem mulher. Quando um amigo infeliz precisa de auxílio, sucede muita vez que só uma pessoa em mil pode ser-lhe de alguma utilidade”.

Em seguida, censurou-os por haverem abandonado o xeque, dizendo que até deviam ter-se feito cristãos por amor a ele. E ajuntou:

“O amigo deve continuar amigo. É no infortúnio que descobrimos em quem podemos confiar; pois na prosperidade tereis um milhar de amigos. Agora que o xeque caiu na goela do crocodilo, todos se afastam dele, ciosos da própria reputação. Se o evitardes à conta desse estranho sucesso, sereis julgados e condenados”.

“Nós nos oferecemos para ficar ao seu lado”, responderam os outros, “e até concordamos em tornar-nos idólatras. Mas como ele é um homem experimentado e sábio, e temos nele absoluta confiança, quando nos aconselhou a voltar, voltamos para cá.”

O discípulo fiel replicou:

“Se realmente desejais agir, precisais bater à porta de Deus; a seguir, pela oração, sereis admitidos à sua presença. Devíeis estar pedindo a Deus pelo vosso xeque, cada qual recitando uma prece diferente; e Deus, vendo o vosso estado de confusão, tê-lo-ia devolvido a vós. Por que vos abstivestes de bater à porta de Deus?”

Ouvindo-o, os outros tiveram vergonha de erguer a cabeça. Mas ele insistiu:

“Esta não é a hora de lamentações. Vamos agora ao tribunal de Deus. Dei temo-nos no pó e cubramo-nos com as vestes da súplica a fim de podermos recuperar o nosso chefe!”

Partiram os discípulos sem demora para a Grécia e, ali chegados, ficaram perto do xeque. Rezaram quarenta dias e quarenta noites, não comeram nem dormiram; não provaram pão nem água. Afinal, a força das rezas desses homens sinceros fez-se ouvir no Céu. Anjos, arcanjos e todos os santos vestidos de verde nas alturas e nos vales envergaram, então, as vestes do luto. A seta da oração atingiu o alvo. Ao despontar da manhã, um zéfiro almiscarado pôs-se a soprar suavemente sobre o discípulo fiel, que orava em sua cela, e o mundo desvelou-se-lhe ao espírito. Viu o profeta Maomé aproximando-se, radioso como a lua, com duas madeixas de cabelo a cair-lhe sobre o peito; a sombra de Deus era o sal do seu semblante, o desejo de uma centena de mundos estava preso a cada um dos seus fios de cabelo. A graça do sorriso atraía todos os homens para ele. Ergueu-se o discípulo e disse:

“Ó mensageiro de Deus, guia de todas as criaturas, ajuda-me! O nosso xeque desencaminhou-se. Mostra-lhe o caminho, imploro-te, em nome do Altíssimo!”

Replicou Maomé:

“Ó tu, que vês coisas com o olho interior, graças aos esforços que envidaste, teus desejos puros serão atendidos. Entre o xeque e Deus houve, por muito tempo, um ponto negro; mas fiz jorrar o orvalho da súplica e espalhei-o sobre o pó da sua existência. Ele se arrependeu, e o seu pecado foi lavado. As faltas de uma centena de mundos desaparecem no vapor de um instante de arrependimento. Quando o oceano da boa vontade se movimenta, suas ondas lavam os pecados de homens e mulheres”.

O discípulo soltou um grito que comoveu todo o céu. Correu para transmitir aos companheiros a boa nova e, logo, chorando de alegria, endereçou-se ao lugar onde o xeque guardava os seus porcos. Mas o xeque se diria um fogo, um iluminado. Lançara de si o cinto cristão, arrancara da cabeça o gorro da embriaguez e renunciara ao cristianismo. Via-se tal qual era, e, derramando lágrimas de remorso, ergueu as mãos para o céu; tudo o que abandonara — o Corão, os mistérios e profecias — voltaram-lhe, e ele se libertou da sua miséria e da sua loucura.

Disseram-lhe os discípulos:

“Esta é a hora da gratidão e do agradecimento. O Profeta intercedeu por ti. Graças a Deus, ele te ergueu de um oceano de piche e colocou-te os pés no caminho do Sol”.

Nisso, o xeque tornou a vestir a *khirka*, fez suas abluções e pôs-se a caminho do Hejaz.

Enquanto tudo isso acontecia, a moça cristã viu em sonhos o sol descendo até ela, e ouviu estas palavras:

“Segue o teu xeque, abraça-lhe a fé, sê o seu pó. Tu, que estás maculada, sê pura como ele é agora. Tu o conduziste ao teu caminho, entra agora no dele”.

Assim que ela acordou, fez-se luz no seu espírito; ansiava por encetar a jornada. A mão segurou o coração, e o coração caiu-lhe da mão. Mas, quando compreendeu que estava só e não tinha a menor idéia do caminho, a alegria mudou-se-lhe em pranto, e ela saiu correndo para atirar cinzas sobre a cabeça. Em seguida, saiu à procura do xeque e dos amigos dele; mas, cansada e angustiada, coberta de suor, deixou-se cair ao chão e gritou:

“Possa Deus, o Criador, perdoar-me! Sou uma mulher desgostosa da vida. Não me firas, pois eu te feri por ignorância, e por ignorância cometi muitos erros. Esquece o mal que te fiz. Aceito a verdadeira fé”.

Uma voz interior informou disso o xeque. Ele se deteve no meio da caminhada e disse:

“Aquela moça já não é uma infiel. A luz a visitou, e ela entrou em nosso Caminho. Voltemos. Podemos agora manter-nos intimamente ligados ao nosso ídolo sem pecado”.

Os companheiros, porém, objetaram-lhe:

“Mas, então, para que todo o teu arrependimento e remorso? Queres voltar para o teu amor?”

Ele falou-lhes da voz que ouvira e recordou-lhes que renunciara aos seus caminhos anteriores. Por isso retrocederam até chegar ao sítio em que jazia a moça. O rosto lhe assumira a cor do ouro amarelo, os pés estavam descalços, as vestes rasgadas. Quando o xeque se inclinou sobre ela, a moça desmaiou. Ao tornar a si, as lágrimas lhe saltaram dos olhos como o orvalho das rosas, e ela disse:

“A vergonha me consome por tua causa. Ergue o véu do segredo e instruí-me no Islam para que eu possa palmilhar o Caminho.”

Quando o formoso ídolo se achou finalmente entre os fiéis, os companheiros derramaram lágrimas de júbilo.

“Ó xeque”, disse ela, “já não tenho forças. Quero deixar este mundo poeirento e ensurdecido. Adeus, xeque San’an. Confesso meus erros. Perdoa-me e deixa-me ir.”

Assim, aquela lua de beleza, que não vivera mais do que a metade de uma vida, escapou de sua mão. O sol escondeu-se atrás das “nuvens enquanto a sua alma gentil se separava do corpo. Ela, uma gota no oceano da ilusão, regressara ao verdadeiro oceano.

Todos partimos como o vento; ela se foi, e nós também nos iremos. Essas coisas ocorrem amiúde no caminho do amor. Há desespero e misericórdia, ilusão e segurança. Conquanto o corpo de desejo não compreenda os segredos, a adversidade não pode atirar longe a bola de pólo da boa fortuna. Precisamos ouvir com o ouvido da mente e do coração, e não com o do corpo. A luta do espírito com o corpo de desejo não tem fim. Lamenta! Pois há motivos para chorar.

15

Os pássaros discutem a proposta para chegar ao Simurgh

Depois de refletirem na história do xeque San'an, decidiram os pássaros renunciar a todo o seu modo de vida anterior. A idéia do Simurgh arrancou-os da apatia; só o amor deles enchia os corações. Começaram a pensar em como iniciar a viagem. Disseram:

“Primeiro, precisamos de um guia para fazer e desfazer os nós. Precisamos de um chefe que nos diga o que fazer, que nos salve deste mar profundo. Obedecer-lhe-emos de todo o coração e faremos o que ele disser, seja agradável, seja desagradável, de modo que a nossa bola caia sobre o malho do Cáucaso. O átomo, então, se unirá ao sol majestoso; e a sombra do Simurgh cairá sobre nós. Agora, pois, tiremos a sorte para saber quem será o chefe. Aquele sobre o qual recair a sorte será nosso guia; será grande entre os pequenos”.

Seguiu-se a isso verdadeira comoção, em que todos falavam ao mesmo tempo, mas, quando tudo ficou pronto, a excitação e os chilros sumiram e os pássaros se calaram. O sorteio foi dirigido com a devida cerimônia e, finalmente, a sorte manifestou-se em favor da animosa Poupa. Todos concordaram e prometeram obedecer-lhe, com o risco da própria vida, jurando não poupar a alma nem o corpo. A Poupa adiantou-se e cingiram-lhe a cabeça com uma coroa.

No sítio indicado para a partida, eram tantos os pássaros reunidos que ocultavam a lua e o peixe; mas, quando viram a entrada do primeiro vale, ergueram-se, assustados, até as nuvens. Depois, com muito adejar de asas e penas e muito encorajamento recíproco, retomou-os a ânsia de desistir de tudo. Pois a tarefa que tinham pela frente era pesada e o percurso, assaz comprido. O silêncio pairava, próximo, sobre o caminho que se estendia diante deles, e um pássaro perguntou à Poupa por que a estrada estava tão deserta.

“Por causa do temor que inspira o rei a cuja morada ela conduz”, explicou a interpelada.

Anedota de Bayazid Bistami

Uma noite, ao sair da cidade, o xeque Baya2id reparou que um profundo silêncio se estendia sobre a planície. A lua alumiaava o mundo, tornando a noite tão clara quanto o dia. As estrelas agrupavam-se de acordo com suas simpatias, e cada constelação tinha uma função especial. O xeque caminhava sem perceber nenhum movimento e sem avistar viva alma. Com o coração abalado, disse:

“Senhor, uma tristeza penetrante me oprime. Por que uma corte tão sublime carece de adoradores ardentes?”

“Não te surpreendas”, respondeu-lhe uma voz interior, “o rei não admite toda a gente à sua corte. A dignidade não lhe permite receber vagabundos à sua porta. Quando o santuário do nosso esplendor fulgura, ele desdenha os dorminhocos e desatentos. És um dos mil que anseiam por admissão, e precisas aguardar com paciência.”

16

Os pássaros começam a jornada

O medo e a apreensão arrancaram gritos plangentes dos pássaros quando se viram diante de uma estrada sem fim, onde o vento forte do alheamento das coisas terrenas rachou a abóbada do céu. Na sua ansiedade, juntaram-se e foram pedir conselho à Poupa. Disseram:

“Não sabemos como teremos de apresentar-nos ao rei com o devido respeito. Mas tu estiveste em presença de Salomão e conheces os primores da etiqueta. Também subiste e desceste esta estrada e voaste muitas vezes ao redor da terra. És o nosso imã para o que der e vier. Pedimos-te, portanto, que vás ao *minabar* e nos instruas. Fala-nos da estrada e da corte do rei, e das cerimônias que ali se realizam, porque não desejamos fazer má figura. Além disso, todo tipo de dificuldade nos conturba a mente, e, para essa jornada, é mister que estejamos livres de preocupações. Temos muitas perguntas a fazer e desejamos que nos dissipes as apreensões, pois de outro modo não conseguiremos enxergar claro nesta longa estrada”.

A Poupa colocou a coroa na cabeça, sentou-se no trono e dispôs-se a falar-lhes. Quando o exército de pássaros se enfileirou diante dela, o Rouxinol e a Rolinha subiram ao sólio e, como dois leitores com a mesma voz, desferiram um canto tão doce que todos os que o ouviram se sentiram elevados para fora de si mesmos. Ato contínuo, um depois do outro, diversos pássaros subiram até ela para expor suas dificuldades e desculpar-se.

17

O discurso do primeiro pássaro

O primeiro pássaro disse à Poupa:

“Ó tu, que foste escolhida para nosso chefe, dize-nos o que faz com que te destiques entre nós. Já que pareces ser como nós, e nós como tu, onde reside a diferença? Que pecados do corpo ou da alma cometemos para sermos ignorantes, ao passo que tu tens entendimento?”

A Poupa replicou:

“Sabe, ó pássaro, que Salomão, certa vez, me viu por acaso; e que minha boa fortuna não resultou do ouro nem da prata, senão desse encontro feliz. Como há de uma criatura tirar proveito apenas da obediência? O próprio Iblis obedece. Sem embargo disso, se alguém aconselhar a rejeição da obediência, será maldito para sempre. Pratica a obediência e lograrás um vislumbre do verdadeiro Salomão”.

Mahmud e o pescador

O sultão Mahmud, certa vez, separado do seu exército, galopava sozinho com o vento. Não demorou muito e viu um menininho sentado à beira de um rio, no qual lançara a sua rede. O sultão abeirou-se dele e, vendo-o triste e deprimido, perguntou-lhe:

“Querida criança, que é que te faz tão triste? Nunca vi ninguém tão sorumbático”.

“Ó ilustre príncipe”, replicou o menino, “somos sete ao todo; não temos pai, e nossa mãe é muito pobre. Todo dia venho aqui e tento pegar uns peixes para o jantar. Só quando consigo pescar alguns é que fazemos uma refeição noturna.”

“Não queres que eu faça uma tentativa?”, perguntou o sultão. E como o menino consentisse, atirou a rede, a qual, compartilhando da proverbial boa sorte do sultão, em pouco tempo apanhou cem peixes. Diante disso, falou o menino consigo: “Minha boa fortuna é espantosa. Que sorte que todos esses peixes tenham vindo cair na minha rede!”

Atalhou, contudo, o sultão:

“Não te iludas, meu filho. Sou eu a causa da tua boa sorte. Foi o sultão quem pegou esses peixes para ti”.

Dizendo isso, montou a cavalo. O menino rogou-lhe que levasse a sua parte, mas o sultão não aceitou a oferta, dizendo que ficaria com a pesca do dia seguinte.

“Amanhã pescarás para mim”, disse ele.

E retornou ao palácio. No dia seguinte, mandou um dos seus oficiais buscar o menino. Quando eles chegaram, fez o menino sentar-se no trono, ao seu lado.

“Senhor”, acudiu um dos cortesãos, “esse menino é um mendigo!”

“Não te preocupes”, redarguiu o sultão, “ele agora é meu companheiro. E, visto que somos parceiros, não posso mandá-lo embora.”

Assim sendo, o sultão tratou-o como a um igual. Por fim, alguém perguntou ao menino:

“Como foi que vieste a lograr tamanha distinção?”

E o menino respondeu:

“A alegria chegou e a tristeza se foi, porque encontrei um monarca afortunado”.

Mahmud e o lenhador

De outra feita, quando cavalgava sozinho, o sultão Mahmud encontrou um velho lenhador que conduzia um burro carregado de espinheiros. A um dado momento, o animal tropeçou e, quando caiu, os espinhos feriram a cabeça do velho. Ao ver os espinheiros no chão, o burro de pernas para o ar e o homem esfregando a cabeça, o sultão perguntou:

“Ó infeliz, estás necessitando de um amigo?”

“Estou sim”, replicou o lenhador. “Bondoso cavaleiro, se quiseres ajudar-me, ainda colherei meus lucros, e, a ti, nenhum mal te advirá disso. Teu semblante é um bom presságio para mim.”

O bondoso sultão apeou do cavalo e, tendo puxado o burro para obrigá-lo a levantar-se, ergueu o feixe de espinheiros e amarrou-o ao lombo do animal. Em seguida, retornou, a cavalo, para onde estava o exército. E disse aos soldados:

“Um velho lenhador está vindo para cá com um burro carregado de espinheiros. Barra-lhe o caminho para que ele tenha de passar diante de mim”.

Ao aproximar-se dos soldados, disse o lenhador para si: “Como passarei por eles com este frágil animal?” Entrou, assim, por outro caminho, mas, avistando o pára-sol real à distância, pôs-se a tremer: a estrada que se vira forçado a tomar o levaria a passar bem

defronte do sultão. Ao aproximar-se um pouco mais, sua confusão aumentou, pois avistou debaixo do pára-sol um rosto familiar.

“Ó Deus”, exclamou, “em que situação me vejo! Hoje tive Muhmud por carregador!”

Quando o homem chegou à sua frente, o sultão Mahmud perguntou-lhe:

“Meu pobre amigo, que fazes para viver?”

Ao que o lenhador replicou:

“Já o sabeis. Sede sincero. Não me reconheceis? Sou um pobre velho, lenhador de profissão; dia e noite ajunto espinheiros no ermo e vendo-os, mas o meu burro está morrendo de fome. Se me quereis bem, dai-me um pouco de pão”.

“Pobre homem”,olveu o sultão, “quanto queres pelo teu feixe?”

“Visto que não quereis recebê-lo de graça e não desejo vendê-lo, dai-me uma bolsa de ouro.”

Ouvindo isso, os soldados gritaram:

“Dobra a língua, insensato! O teu feixe não vale sequer um punhado de cevada. Devias dá-lo por nada”.

O velho retorquiu:

“Está tudo muito bem, mas o seu valor agora se alterou. Quando um homem de sorte como o sultão põe as mãos no meu feixe de espinheiros, estes se transformam em rosas. Se quiser comprá-los, ele terá de pagar, no mínimo, um dinar, pois, ao tocá-los, aumentou cem vezes o valor dos meus espinheiros”.

18

O discurso do segundo pássaro

Outro pássaro, avizinhandose da Poupa, disse:

“Ó protetora do exército de Salomão! Faltam-me forças para empreender esta jornada. Estou fraco demais para cruzar os vales. A estrada é tão difícil que me deitarei para morrer no primeiro pouso. Há vulcões pelo caminho. Além disso, não convém a todos empenharem-se numa empresa dessa natureza. Milhares de cabeças rolaram como rolam as bolas no pólo, pois muitos que partiram em demanda do Simurgh pereceram. Numa estrada como esta, onde inúmeras criaturas sinceras esconderam a cabeça com medo, que será de mim, que sou apenas pó?”

A Poupa respondeu:

“Ó tu, que tens o semblante pesaroso! Por que está tão oprimido o teu coração? Visto que tens tão escasso valor para o mundo, tanto faz que sejas jovem e valente ou velho e fraco. O mundo, de fato, é excremento; ali perecem criaturas diante de cada porta. Milhares ficam amarelas como a seda e morrem entre lágrimas de aflição. É melhor perderes a vida numa busca do que languesceres miseravelmente. Se não formos bem sucedidos e morrermos de dor, tanto pior; mas, visto que os erros são numerosos neste mundo, poderemos, pelo menos, evitar a prática de novos. Milhares de criaturas estão

manhosamente ocupadas na procura do corpo morto do mundo; assim, se te entregares a esse comércio, sobretudo com astúcia, serás capaz de fazer do teu coração um oceano de amor? Dizem alguns que o desejo das coisas espirituais é presunção e que nenhum mero arrogante pode atingi-las. Mas não será melhor sacrificarmos a vida na busca desse desejo do que nos identificarmos com um negócio? Vi tudo e fiz tudo, e nada abalará minha resolução. Por muito tempo tratei com homens e vi como são poucos os que não estão realmente aferrados às riquezas. Enquanto não morrermos para nós mesmos e não nos identificarmos com alguma coisa ou com alguém, não seremos livres. O caminho espiritual não foi feito para os que estão envoltos na vida exterior. Se fores homem capaz de ação, põe os pés neste caminho e não te entregues a artificios femininos. Sabe com certeza que, mesmo que a busca fosse ímpia, ainda assim seria necessário empreendê-la. De fato não é fácil; o fruto está sem folhas na árvore do amor. Dize ao que tem folhas que renuncie a elas.

“Quando senhoreia o homem, o amor levanta-lhe o coração, mergulha-o em sangue, arremessa-o, prostrado, para fora da cortina, não lhe dá descanso; mata-o e ainda exige o preço do sangue. Bebe a água das lágrimas e come o pão fermentado com o luto; mas, se for mais fraco do que a formiga, o amor lhe emprestará forças.”

Anedota de um contemplativo

Um louco, um idiota de Deus, andava nu quando outros homens andavam vestidos. E ele pediu:

“Ó Deus, dai-me um belo traje, e ficarei contente como os outros homens”.

Respondeu-lhe uma voz vinda do mundo invisível:

“Dei-te um sol quente; senta-te e deleita-te nele”.

“Por que me castigas?”, volveu o louco. “Uma roupa melhor não seria preferível ao sol?”

Tornou a voz:

“Espera dez dias com paciência, que, logo depois, te darei outra vestimenta”.

O sol crestou-o durante oito dias; findo esse período, apareceu um pobre e deu-lhe uma roupa que tinha um milhar de remendos. O louco disse a Deus:

“Ó vós, que tendes conhecimento das coisas ocultas, por que me destes esta vestimenta remendada? Queimastes, acaso, todas as vossas vestes e precisastes remendar esta velha? Costurastes, um ao outro, um milhar de trajes. Com quem aprendestes tal arte?”

Não é fácil ter tratos com a corte de Deus. O homem precisa tornar-se como o pó da estrada para chegar até lá. Depois de longa luta, imagina ter atingido a meta, quando, na verdade, ainda está longe dela.

A história de Rabi'ah

Se bem fosse mulher, Rab'ah era a coroa dos homens. De uma feita, levou oito anos numa peregrinação à Caaba medindo no chão a própria altura. Quando, afinal, chegou à porta do templo sagrado, pensou: “Agora, finalmente, executei minha tarefa”. No dia consagrado, quando ia entrar na Caaba, suas mulheres a desertaram'. Em vista disso, Rabi'ah voltou sobre seus passos e disse:

“Ó Deus, possuidor da glória, durante oito anos medi o trajeto com a altura do meu corpo e, agora, quando o dia tão almejado surge em resposta às minhas preces, podes espinhos em meu caminho!”

Para compreender a importância de um incidente como esse faz-se mister descobrir um amante de Deus como Rabi'ah. Enquanto flutuardes sobre o oceano profundo do mundo suas ondas vos acolherão e repelirão, alternativamente. Às vezes, sereis admitidos na Caaba; outras, suspirareis num pagode. Se conseguirdes alienar-vos dos apegos do mundo, sereis felizes; mas se permanecerdes apegados, vossa cabeça girará qual mó de moinho. Nem por um momento estareis tranquilos; uma simples mosca vingará transtornar-vos.

O idiota de Deus

Era costume do pobre homem apaixonado por Deus demorar-se em certo lugar; um belo dia, um rei do Egito, que passara muitas vezes por ele com os seus cortesãos, de-teve-se e lhe disse:

“Vejo em ti certa qualidade de tranquilidade e relaxamento”.

O idiota replicou:

“Como poderia eu estar tranquilo se me vejo entregue às moscas e às pulgas? As moscas me atormentam o dia inteiro e, à noite, as pulgas não me deixam dormir. Uma mosca minúscula que entrou no ouvido de Nenrode perturbou o cérebro daquele idiota por séculos. Talvez eu seja o Nenrode destes tempos, pois tenho recebido o quinhão que me cabe das minhas amigas, as moscas e as pulgas”.

19

O discurso do terceiro pássaro

Disse à Poupa o terceiro pássaro:

“Como me porei a caminho se estou cheio de defeitos? Pode uma mosca suja ser digna do Simurgh do Cáucaso? Como poderá um pecador que se afasta da verdadeira via aproximar-se do rei?”

Replicou a Poupa:

“Ó pássaro desanimado, não te desesperes assim. Pede a graça e o favor de Deus. Se jogas fora com tanta facilidade o teu escudo, será realmente difícil a tua tarefa”.

Anedota de um criminoso

Um homem culpado de muitos pecados arrependeu-se amargamente e retornou ao caminho verdadeiro. Com o passar do tempo, porém, o desejo das coisas do mundo voltou-lhe mais forte do que nunca, e ele tornou a entregar-se aos maus pensamentos e ações. Mais tarde, a tristeza lhe apertou de novo o coração e reduziu-o a um estado miserável. Quis mudar novamente de atitude, mas carecia de forças para fazê-lo. Dia e noite, como grão de trigo em panela quente, seu coração não se aquietava e suas lágrimas regavam o pó. Certa manhã, uma voz misteriosa lhe falou:

“Ouve o Senhor do Mundo. Quando te arrependeste pela primeira vez, aceitei tua penitência. Eu podia ter-te punido e não te puni. Quando, pela segunda vez, voltaste a pecar, concedi-te uma trégua e, então, nem mesmo na minha cólera te fiz morrer. E hoje, ó néscio, reconheces a tua perfídia e desejas voltar para mim pela terceira vez. Regressa, pois, ao Caminho. Abro-te a minha porta e espero. Quando tiveres mudado realmente de atitude, os teus pecados te serão perdoados”.

O anjo Gabriel e a boa intenção

Uma noite, quando se achava no Sidrah, o anjo Gabriel ouviu o Senhor pronunciar palavras de assentimento, e disse consigo: “Neste momento, um servo de Deus está invocando o Eterno, mas quem será? Só sei que deve ter um mérito muito grande, que o seu corpo de desejo está morto e que o seu espírito está vivo”. E, sem perda de tempo, partiu ao encontro desse mortal feliz. Porém, embora vasculhasse a terra e as ilhas, as montanhas e as planícies, não conseguiu encontrá-lo. Por isso voltou para Deus e tornou a ouvir uma resposta favorável à oração.

Mais uma vez voou sobre a terra e o mar, até que, afinal, lhe foi preciso perguntar:

“Ó Deus, qual é o caminho que me conduzirá ao teu servo?”

Deus respondeu:

“Vai ao país de Rum e, em certo mosteiro cristão, o encontrarás”.

Gabriel voou até o mosteiro e ali, prosternado diante de um ídolo, encontrou o objeto dos favores divinos.

“Ó mestre do mundo”, exclamou Gabriel, “descerra o véu deste mistério. Como podes responder à prece de um idólatra num mosteiro?”

E Deus respondeu:

“O seu coração está obscurecido. Ele não se dá conta de que perdeu o caminho. Mas como erra por ignorância, minha bondade amorosa o perdoa e lhe abre o caminho para um estado elevado”.

E o Altíssimo desatou a língua do homem para que ele pudesse pronunciar o nome de Deus.

Não devemos descurar nem das menores coisas. Não se compra a Renúncia numa loja, nem se alcança a corte do Altíssimo pagando uma soma qualquer.

O sufi

Enquanto se dirigia, às pressas, para Bagdá, um sufi ouviu alguém dizer:

“Tenho grande quantidade de mel, que venderia por um preço bem razoável se alguém quisesse comprar-mo”.

O sufi abordou-o e indagou:

“Ó meu bom homem, não gostarias de dar-me um pouco do teu mel em troca de nada?”

O homem, encolerizado, retrucou:

“Vai-te embora. Além de ganancioso és louco? Não sabes que nunca se consegue nada em troca de nada?”

Nisso, uma voz interior disse ao sufi:

“Deixa este lugar, que te darei o que o dinheiro não pode comprar: toda a boa fortuna e tudo o que desejas. A misericórdia de Deus é um sol ardente que chega ao menor dos átomos. Deus até repreendeu o profeta Moisés por causa de um descrente”.

Deus repreende Moisés

Um dia, disse Deus a Moisés:

“Korah, soluçando, cbamou-te setenta vezes e tu não respondeste. Se ele me tivesse chamado assim, uma vez que fosse, eu lhe teria arrancado o coração do poço do politeísmo e coberto o peito com o indumento da fé. Ó Moisés, fizeste-o perecer numa centena de agonias e o jogaste na terra com ignomínia. Se fosses o seu criador, terias sido menos severo com ele”.

Quem se mostra misericordioso até com os que não têm misericórdia é altamente favorecido pelos homens compassivos. Se cometeres as faltas dos pecadores comuns, tu mesmo te tornarás num dos maus.

20

A busca do quarto pássaro

Outro pássaro confessou à Poupa: “Sou efeminado, e só sei pular de galho em galho. Às vezes, sou libertino e dissoluto; outras, abstinente. Às vezes, meus desejos me arrastam para as tabernas, outras, meu espírito me empurra para a prece. Às vezes, contra minha vontade, Satanás me desencaminha; outras, os anjos me trazem de volta. Entre os dois me vejo como entre o poço e a prisão; que mais posso fazer senão lamentar-me, como José?”

Respondeu-lhe a Poupa:

“Isso acontece a todo homem, de acordo com a sua natureza. Se tivéssemos sido livres do pecado desde o princípio, Deus não teria precisado mandar-nos seus mensageiros e profetas. Através da obediência podemos atingir a felicidade. Ó vós que vos refestelais na sauna da indolência e, apesar disso, estais cheios de desejos ociosos, enquanto continuades a alimentar o cão do desejo vossa natureza será pior do que a de um hermafrodita impotente”.

Anedota de Shabli

Shabli, certa vez, desapareceu de Bagdá e ninguém sabia para onde havia ido. Afinal, foi encontrado numa casa de eunucos, sentado com os olhos úmidos e os lábios secos entre aquelas grotescas criaturas. Disseram-lhe os amigos:

“Isto não é lugar para ti, estudioso dos mistérios divinos”.

E ele replicou:

“Em matéria de religião, essas pessoas não são homens nem mulheres. Sou como elas. Afundo na inércia, e minha virilidade é um opróbrio. Se usardes o louvor e a censura para fazer distinções, estareis criando ídolos. Se ocultais uma centena de ídolos debaixo da *khirka*, por que apareceis aos homens como um sufi?”

A briga de dois sufis

Dois homens que usavam a *khirka* dos sufis insultavam-se mutuamente perante o tribunal. O juiz apartou-os e disse:

“Não fica bem a sufis discutirem entre si. Se vos cobristes com o manto da resignação, por que brigais? Se sois homens de violência, atirai fora vossos mantos. Mas se sois dignos deles, reconciliai-vos. Eu, que sou juiz e não um homem do caminho espiritual, sinto-me envergonhado pela *khirka*; enquanto a usardes, melhor seria que concordásseis em discordar do que brigardes”.

Se quiserdes seguir o caminho do amor, atirai às urtigas vossos preconceitos e renunciái ao amor, às coisas do corpo. Entrementes, para não serdes causa do mal, não deis lugar ao ressentimento nem ao egoísmo.

O rei e o mendigo

Certa vez, no Egito, um infeliz apaixonou-se pelo rei. Este, ao saber disso, mandou que trouxessem o homem desencaminhado à sua presença e disse-lhe:

“Visto que estás apaixonado por mim, terás de escolher uma de duas coisas — a decapitação ou o exílio”.

O homem respondeu que preferia o exílio e, quase fora de si, preparou-se para partir. O rei, todavia, ordenou que o decapitassem.

“Mas ele é inocente”, interveio um camarista. “Por que precisa morrer?”

“Porque ele”, voltou o rei, “não é um amante de verdade e não foi totalmente sincero. Se, de fato, me desejasse, teria querido antes perder a cabeça do que deixar o objeto do seu amor. Teria sido ou tudo ou nada. Houvesse ele consentido na execução, eu me teria preparado para a ocasião e me teria feito seu dervixe. Quem me tem amor, mas tem maior amor à sua cabeça, não é um amante verdadeiro.”

21

As desculpas do quinto pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Sou meu próprio inimigo; há um ladrão em mim. Como posso fazer essa viagem estorvado por apetites corporais e por um cão do desejo que não quer submeter-se? Como posso salvar minha alma? Conheço o lobo furtivo que anda a esmo, mas não conheço este cachorro, e ele é tão atraente! Não sei onde estou com este corpo infiel. Chegarei, um dia, a compreendê-lo?”

A Poupa replicou:

“Tu mesmo és um cão perdido e espezinhado. Tua ‘alma’, caolha e vesga, é vil, preguiçosa e infiel. Se um homem se sente atraído para ti, é porque, na verdade, está ofuscado pelo falso brilho da tua ‘alma’. Não é bom para esse cão do desejo ser animalhado e untado de óleos. Em criança, o homem é fraco e descuidado; jovem, empenha-se em lutar; e quando nele se instala a velhice, o desejo se acaba e o corpo fraqueja. Sendo assim a existência, como adquirirá o cão o ornamento das qualidades espirituais? Vivemos descuidosos do princípio ao fim e nada obtemos. Muitas vezes o homem chega ao termo vazio, sem ter nada em si além do desejo das coisas do mundo exterior. Milhares perecem de dor, mas o cão do desejo nunca morre. Ouve a história do coveiro que envelheceu no seu mister. Alguém lhe perguntou: ‘Queres responder a uma pergunta minha, visto que passaste a vida inteira cavando sepulturas? Dize-me: já viste algum prodígio?’ Ao que o coveiro respondeu: ‘Meu cão do desejo assistiu a sepultamentos durante setenta anos, mas ele mesmo nunca morreu e nunca obedeceu, nem por um momento, às leis de Deus. Isso não é um prodígio?’ “

Uma anedota de Abbasah

Uma tarde, disse Abbasah:

“Suponhamos que os descrentes que enchem a terra, e até os loquazes turcomanos, aceitassem sinceramente a Fé — uma coisa dessas seria possível. Mas cento e vinte mil profetas foram mandados à alma descrente para obrigá-la a aceitar a fé muçulmana sob pena de morte, e ainda não tiveram êxito. Por que tanto zelo para tão magro resultado?”

Estamos todos sob o domínio dos *nafs* deste corpo infiel e desobediente que mantemos em nós mesmos. Ajudado como é por dois lados, seria surpreendente que o corpo perecesse. O espírito, como fiel cavaleiro, cavalga, mas o cão é sempre seu companheiro; embora galope, o cão o acompanha. O amor que o coração recebe é tomado pelo corpo. Entretanto, quem se tornar senhor do cão apanhará na rede o leão dos dois mundos.

Um rei interroga um dervixe

Certa vez um rei viu um homem que, embora andrajoso, trabalhava no aperfeiçoamento de si mesmo. Chamou-o e perguntou-lhe:

“Quem está em melhor situação: tu ou eu?”

O homem respondeu:

“Ó ignorante, bate no peito e cala-te. Quem se gaba não conhece o significado das palavras; mas devo dizer-te uma coisa: não pode haver dúvida de que um homem como eu está em condições mil vezes superiores às de um homem como tu. Sem ter experimentado sequer o sabor da religião, o teu cão do desejo reduziu-te à condição de burro. É o teu senhor e te cavalga preso pelo freio, puxando-te a cabeça para cá e para lá. Fazes tudo o que ele ordena. És uma não-entidade, e não prestas para nada, ao passo que eu, que conheço os segredos do coração, fiz desse cão meu burro e o montei. O teu cão te governa, mas, se fizeres dele um burro, serás como eu e estarás em condições cem vezes melhores do que as dos teus semelhantes”.

As desculpas do sexto pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Toda vez que desejo ingressar no Caminho o Diabo me desperta a vaidade e me impede de procurar um guia. Meu coração está perturbado, porque não tenho forças para resistir-lhe. Como posso salvar-me de Iblis e vivificar-me com o vinho do Espírito?”

A Poupa respondeu:

“Enquanto o cão do desejo correr à tua frente, o Diabo não te deixará, mas empregará as manhas do cão para induzir-te ao erro. Então cada um dos teus vãos desejos se transformará num demônio, e cada demônio a que te entregares gerará uma centena de outros. Este mundo é uma sauna ou prisão, o domínio do Diabo; não mantendas relações com este mundo nem com o seu amo”.

A queixa de um noviço sobre a tentação de um demônio

Um jovem estouvado saiu à procura de um xeque que estava jejuando a fim de queixar-se das quarenta tentações que lhe armara um demônio. Disse ele:

“Esse demônio me arreda do Caminho e reduz a nada minha religião”.

Retrucou o xeque:

“Meu caro jovem, pouco antes de vires procurar-me vi esse demônio vagueando à tua volta. Ao contrário do que dizes, ele estava vexado e atirava poeira na cabeça porque o havias maltratado. E disse-me: ‘O mundo inteiro é meu domínio, mas não tenho poder sobre os inimigos do mundo’. Dize ao demônio que se afaste e ele te deixará em paz”.

O “khoja” e o sufi

Ouvindo um khoja dizer esta oração: “Ó Deus, tende piedade de mim e favorecei meus empreendimentos”, um sufi lhe disse:

“Não espetes piedade se não tomaste a khirka do sufi. Levantaste o rosto para o céu e para as quatro paredes de ouro. És servido por dez escravos e dez escravas. Como chegará a ti, em segredo, a graça divina? Observa-te e vê se mereces favores. Visto que rezas para lograr propriedades e honras, a piedade esconderá o rosto. Vira as costas para tudo isso e sê livre, como são livres os homens aperfeiçoados”.

23

As desculpas do sétimo pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Amo o ouro; para mim é como a amêndoa na casca. Se não tiver ouro, estarei de pés e mãos amarrados. O amor das coisas terrenas e o amor do ouro me encheram de desejos vãos, que me cegam para as coisas espirituais”.

A Poupa replicou:

“Ó tu que te deixas ofuscar pelas formas exteriores, em cujo coração nunca se faz presente o valor das coisas reais! És como o homem que só consegue enxergar no escuro, o nictalope; és como a formiga, atraída pelas aparências. Procura compreender o sentido das coisas. Sem a sua cor, o ouro seria um metal comum; o que te seduz é a cor, como a uma criança. Não fica bem a um homem de verdade o amor do ouro, que pode ser escondido na vagina de uma mula! Escondem-se, porventura, coisas preciosas num lugar como esse? Se não deixas que a ninguém aproveite o teu ouro, a ti tampouco aproveitará. Mas se deres um óbolo a um pobre desgraçado, ambos tirareis proveito disso. Se tiveres ouro, poderás fazer bem a muitos; mas se o teu ombro estiver marcado, isso também terá sido provocado pelo ouro. Tens de pagar o aluguel de uma loja, e o preço, às vezes, é a tua própria alma. Sacrificas tudo pelo teu negócio, até aqueles a quem és mais apegado e, por fim, nada tens. Só podemos esperar que a fortuna deixe uma escada debaixo do patíbulo. Isso não quer dizer que não debes fazer uso das coisas do mundo, mas que debes espalhar o que possuis por todos os lados. A boa fortuna te procura na medida em que dás. Se não podes renunciar completamente à vida, podes pelo menos libertar-te do *amor* às riquezas e às honras”.

O “pir” e seu companheiro

Um jovem discípulo, desconhecido do seu xeque (como ele supunha), possuía um pequeno tesouro de moedas de ouro. O xeque nada disse sobre isso e, um belo dia, ambos partiram numa viagem. O discípulo começou a ficar com medo, pois o ouro corrompe quem o possui. Tremendo, perguntou ao xeque:

“Que estrada devemos tomar?”

Respondeu-lhe o xeque:

“Livra-te daquilo que te faz ter medo, e qualquer estrada será boa. O Diabo se arreceia do homem indiferente ao dinheiro e foge dele prontamente. Por amor de um grão de ouro seria capaz de dividir um fio de cabelo. No caminho da religião o ouro é como um burro manco: não tem valor, só peso. Quando chega para um homem desprevenido, a riqueza primeiro o aturde e depois o governa. Ter amor ao dinheiro e às propriedades é o mesmo que ser atirado a um poço com as mãos e os pés amarrados. Evita esse poço fundo, se puderes, e, se não puderes, segura a respiração, que o ar dentro dele é mais do que extraordinário”.

Deus repreende um dervixe

Um santo homem que encontrara prosperidade em Deus entregou-se ao culto e à adoração durante quarenta anos. Fugira do mundo, mas, como Deus se achava intimamente unido a ele, sentia-se satisfeito. Esse dervixe cercara no deserto um pedaço de chão, no meio do qual se erguia uma árvore na qual um pássaro construía o seu ninho. O canto do pássaro era doce, porque em cada uma de suas notas havia uma centena de segredos. O servo de Deus ficou enfeitiçado. Mas Deus contou o caso a um vidente com as seguintes palavras:

“Dize a esse sufi o quanto me espanta ver que, depois de tantos anos de devoção, ele tenha acabado me vendendo por um pássaro. O pássaro, de fato, é admirável, mas o seu canto o prendeu numa armadilha. Eu o comprei, e ele me vendeu”.

24

As desculpas do oitavo pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Tenho o coração alvoroçado de felicidade porque moro num sítio delicioso. Possuo um palácio de ouro, tão belo que toda gente o admira, e ali vivo num mundo de contentamento. Como esperar que eu abandone tudo isso? Nesse palácio sou como um rei entre pássaros; por que, então, me exporia às agruras dos vales de que falas? Devo renunciar, de um golpe só, ao meu palácio e à minha realeza? Nenhuma criatura sensata abandonaria o jardim de Irem para empreender uma viagem tão trabalhosa e tão difícil!”

A Poupa replicou:

“Ó tu que careces de inspiração e energia! És um cão ou desejas ser atendente do *hammam*? Este mundo inferior não passa de uma sauna, e teu palácio faz parte dela. Ainda que seja um paraíso, a morte, um dia, o converterá numa prisão de sofrimento. Só se a morte deixasse de exercer seu domínio sobre as criaturas poderias permanecer contente no teu palácio de ouro”.

O gracejo de um sábio em relação a um palácio

Um rei construiu um palácio que lhe custou cem mil dinares. Adornado por fora de torres e cúpulas douradas, era por dentro um paraíso, graças aos móveis e tapetes. Concluída a construção, o rei convidou homens de todos os países para visitá-lo. Os convidados

chegaram carregados de presentes, e o rei os fez sentarem-se ao seu lado. Em seguida, rogou-lhes:

“Dizei-me o que achais do meu palácio. Esqueceu-se, acaso, de alguma coisa cuja falta lhe desfigura a beleza?”

Todos protestaram que nunca existira na terra um palácio igual e que nunca se veria outro semelhante. Isto é, todos menos um, um sábio, que se levantou e disse:

“Existe, senhor, uma pequena rachadura que, para mim, constitui um defeito. Não fora esse defeito e o próprio paraíso vos traria presentes do mundo invisível”.

“Não vejo defeito nenhum”, volveu o rei, colérico. “És um ignorante e só queres fazer-te importante.”

“Não, orgulhoso rei”, revidou o sábio, “a fresta a que me refiro é a mesma pela qual passará Azrael, o anjo da morte. Prouvera a Deus que pudésseis fechá-la, pois, do contrário, para que prestam o teu palácio magnífico, a tua coroa e o teu trono? Quando a morte chegar, eles não passarão de um punhado de pó. Nada subsiste, e é isso que estraga a beleza da vossa morada. Nenhuma arte poderá tornar estável o instável. Ah! Não depositeis vossas esperanças de felicidade num palácio! Não deixeis caracolar o corcel do vosso orgulho. Se ninguém se atreve a falar com franqueza ao rei e lembrar-lhe as suas faltas, isso é uma grande infelicidade.”

A aranha

Já observaste a aranha e reparaste em como passa fantasticamente o tempo? Com rapidez e previdência, tece a teia maravilhosa, uma casa que aparelha para o seu uso. Quando a mosca se precipita de ponta-cabeça na teia, ela corre a sugar o sangue da criaturinha e deixa seu corpo secar para servir-lhe de alimento. Depois, um belo dia, aparece a dona da casa brandindo uma vassoura e, num instante, lá se vão a teia, a mosca e a aranha — todas elas!

A teia representa o mundo; a mosca, a subsistência que Deus nele colocou para o homem. Ainda que te caiba por sorte o mundo todo, podes perdê-lo num abrir e fechar de olhos. Não passas de uma criança no caminho da compreensão; não obstante, ficas brincando com bobagens do lado de fora da cortina. Não lutes por lugares e posições se não comeste os miolos de um burro. E sabe, tolo estouvado, que este mundo é entregue aos touros. Aquele para o qual tambores e bandeiras significam alta dignidade nunca será um dervixe; essas coisas são apenas o assobiar do vento, menos valiosas do que a menor das moedas. Doma o caracolar do corcel da tua loucura, e não te deixes iludir pela posse do poder. Assim como se esfola a pantera, assim a vida te será arrebatada.

Abre os olhos da verdadeira inspiração e descobre o caminho espiritual; põe os pés no Caminho de Deus e procura a corte celeste. Depois que a tiveres vislumbrado, já não estarás aferrado ao brilho deste mundo.

O dervixe misantropo

Cansado e desacorçoado, exausto depois de muito caminhar no deserto, um homem chegou finalmente a um lugar em que vivia um dervixe solitário, e perguntou-lhe:

“Ó dervixe, como vão as coisas para ti?”

Ao que o dervixe replicou:

“Não te envergonhas de fazer uma pergunta como essa vendo-me aqui parado num lugar tão restrito e tão fechado?”

“Isso não é verdade”, contestou o homem. “Como podes estar fechado se vives neste imenso deserto?”

E o dervixe:

“Se o mundo não fosse tão pequeno, nunca me terias encontrado!”

25

As desculpas do nono pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Ó pássaro eminentíssimo, sou escravo de um ser encantador que tomou posse de mim e privou-me da razão. A imagem do seu rosto querido é um ladrão do grande Caminho; ela pôs fogo na colheita da minha vida, e, quando nos separamos, não tenho um momento de paz. Estando, assim, meu coração inflamado de paixão, não sei como poderei realizar a viagem. Ser-me-ia preciso cruzar os vales e passar por uma centena de privações. Pode-se, acaso, esperar que eu desampare a minha beldade para jornadas debaixo de um sol causticante e de um frio aspérrimo? Sou fraco demais para partir sem ela; sou apenas o pó da sua estrada. Tal é o meu estado. Que posso fazer?”

A Poupa respondeu:

“Estás aferrado a coisas visíveis e entregue, de pés e mãos atadas, ao sofrimento que a isso se segue. O amor sensual é um jogo. Fugaz é o amor inspirado pela beleza passageira. Estás sempre comparando um corpo de sangue e humores à beleza da lua. Que há de mais feio do que um corpo composto de carne e ossos? A verdadeira beleza está escondida. Procura-a, pois, no mundo invisível. Se caísse o véu que esconde os mistérios dos nossos olhos, nada mais restaria no mundo. Todas as formas visíveis seriam reduzidas a nada”.

Uma anedota de Shabli

Certo dia, desfeito em prantos, um homem aproximou-se de Shabli. O sufi perguntou-lhe por que chorava.

“Ó xeque”, disse ele, “eu tinha um amigo cuja beleza me tornava a alma tão verdejante quanto os galhos das árvores na primavera. Ele morreu ontem, e eu também vou morrer de tristeza.”

Respondeu-lhe Shabli:

“Por que te lastimas? Durante muito tempo privaste da sua amizade. Vai agora e busca outro amigo, um amigo que não morra, e assim não acumularás motivos de pesar. O apego a um mortal só pode redundar em sofrimento”.

O rico mercador

Um mercador rico em bens e dinheiro possuía uma escrava doce como o açúcar. Apesar disso, um dia decidiu vendê-la. Pouco tempo depois, no entanto, principiou a sentir-lhe a falta. Em sua saudade, procurou o novo proprietário, a quem pediu que lha vendesse de volta, oferecendo mil moedas de ouro pelo seu resgate. Mas o outro se negou a desfazer-se dela. Por isso o mercador se foi e, jogando pó sobre a cabeça, disse:

“A culpa é minha por haver costurado meus lábios e meus olhos; na minha cupidez, vendi minha amante por uma moeda de ouro. Foi um mau dia para mim aquele em que a vesti com os melhores vestidos e a levei ao bazar para vendê-la por bom preço”.

Cada um dos sopros que medem tua existência é uma pérola, e cada um dos teus átomos é um guia para Deus. Os benefícios deste amigo cobrem-te da cabeça aos pés. Se o conhecias verdadeiramente, como pudeste suportar a separação?

Uma anedota de Hallaj

Quando se achava a pique de ser empalado, Hallaj pronunciou apenas estas palavras:

“Eu sou Deus”.

Cortaram-lhe as mãos e os pés, de modo que ele ficou lívido em virtude da perda de sangue. Logo, porém, ele esfregou no rosto os cotos dos braços, dizendo:

“Não me convém hoje parecer pálido, porque pensarão que estou com medo. Vermelharei o rosto para que o homem sanguinário que executou a sentença veja, quando virar os olhos para o cadafalso, que sou um homem corajoso”.

Quem come e dorme no mês de julho com o dragão de sete cabeças dar-se-á muito mal num jogo desses, mas o patíbulo será uma coisa insignificante para ele.

26

As desculpas do décimo pássaro

Esse pássaro disse à Poupa:

“Tenho medo da morte. Ora, este vale é vasto, e não tenho nada para a viagem. Estou tão cheio do medo da morte que a vida me deixará no primeiro ponto de parada. Ainda que eu fosse um poderoso emir, à hora da morte não sentiria menos medo. Aquele que tenta aparar o bote da morte com uma espada tê-la-á quebrada como um *kalam*; pois, infelizmente, a fé na força da mão e da espada só acarreta decepção e tristeza”.

Respondeu-lhe a Poupa:

“Ó tu, que és volúvel e fraco de vontade! Queres continuar sendo um simples conjunto de ossos e medulas? Não sabes que a vida, seja longa, seja curta, se compõe de uns poucos sopros? Não compreendes que quem quer que tenha nascido também tem de morrer? Que vai para dentro da terra e que o vento dispersa os elementos de que foi feito o seu corpo?”

“Foste alimentado para a morte; e trazido ao mundo para que possas ser levado dele! O céu é como um prato voltado para baixo que, todas as tardinhas, mergulha no sangue do ocaso. Poder-se-ia dizer que o sol, armado de uma cimitarra, vai cortando cabeças sobre esse prato. Sejas tu bom ou mau, és apenas uma gota d’água amassada com terra. Embora tenhas passado toda a vida numa posição de autoridade, acabarás, no fim, morrendo em aflição.”

A Fênix

A Fênix é um pássaro admirável e lindo que vive no Hindustão. Não tem companheiro, vive só. Seu bico, muito comprido e liso, é todo furado, como a flauta, e tem quase cem furos. Cada furo produz um som, e em cada som há um segredo especial. Às vezes, ela cria música através dos furos, e ao ouvir as notas que ela emite, meigas e plangentes, pássaros e peixes se agitam e os mais ferozes animais caem em êxtase; depois, todos se calam. De uma feita, um filósofo visitou o pássaro e aprendeu com ele a ciência da música. A Fênix vive cerca de mil anos e sabe exatamente o dia em que vai morrer. Chegada a hora da morte, reúne à sua volta grande quantidade de folhas de palmeira e, desvairada entre as folhas, desfere gritos merencóreos. Pelos furos do bico, emite notas variadas, e a música lhe sai do fundo do coração. Suas lamentações expressam a tristeza da morte, e ela treme qual uma folha. Ao som da sua trombeta, os pássaros e animais se aproximam para assistir ao espetáculo, desnorteados, e muitos morrem por lhes faltarem as forças. Enquanto ainda respira, a Fênix bate as asas e eriça as penas, e, com isso, produz fogo. O fogo se espalha pelas copas das palmeiras, e tanto as frondes quanto o pássaro são reduzidos a carvões acesos e, logo, a cinzas. Mas depois que a derradeira chama tremeluz e se extingue, uma nova e pequena Fênix surge das cinzas.

Nunca sucedeu a ninguém renascer após a morte? Ainda que vivesses tanto quanto a Fênix, morrerias quando se enchesse a medida da tua existência. Os seus mil anos de vida estão cheios de lamentações, e ela permanece só, sem companheiro nem filhos, e sem contato com ninguém. Quando chega o fim, atira as próprias cinzas ao vento, de modo que se possa saber que ninguém escapa da morte, seja qual for o artifício que empregar. Aprende, pois, com o milagre da Fênix. A morte é um tirano, mas precisamos tê-la sempre em mente. E, conquanto tenhamos muito que aguentar, isso é nada comparado ao morrer.

Conselho de Tai ao morrer

Quando Tai jazia agonizante, alguém lhe perguntou:

“Ó Tai, tu que viste a essência das coisas, como estás agora?”

E ele replicou:

“Não posso dizer nada sobre o meu estado. Medí o vento todos os dias da minha vida, mas eis que chegou o fim e serei enterrado; portanto, boa noite”.

Não há outro remédio para a morte senão encará-la de frente desde o princípio. Todos nascemos para morrer; a vida não ficará conosco; precisamos resignar-nos a isso. Até o que teve o mundo inteiro debaixo do selo do seu anel agora não é mais que um mineral na terra.

Jesus e o cântaro de água

Jesus bebeu da água de um límpido regato, cujo gosto era mais agradável que o do orvalho da rosa. Um dos seus companheiros encheu um cântaro com a mesma água, e eles se puseram de novo a caminho. Mais adiante, sentindo sede, Jesus tomou um gole da água do cântaro, mas ela lhe soube mal; detendo-se, espantado, rezou:

“Ó Deus, a água do regato e a água do cântaro são a mesma. Dizei-me por que uma é mais doce do que o mel e a outra é tão amarga”.

Falando, então, disse o cântaro a Jesus:

“Estou muito velho e já fui modelado mais de mil vezes debaixo do firmamento das nove cúpulas — às vezes como vaso, às vezes como cântaro, às vezes como jarro. Fosse qual fosse a forma que assumia, eu sempre tinha comigo o travo da morte. Sou feito de modo que a água que carrego compartilha sempre desse amargor”.

Ó homem imprudente! Procura entender o sentido do cântaro. Forceja por desvendar o mistério antes que a vida te seja arrebatada. Se, enquanto vivo, não logreres encontrar-te, conhecer-te, como compreenderás o segredo da tua existência ao morrer? Participas da vida do homem e, no entanto, não passas de um pseudo-homem.

Sócrates e seus discípulos

Quando Sócrates se achava prestes a morrer, disse-lhe um dos discípulos:

“Mestre, depois que vos tivermos lavado e amortalhado, onde desejais ser enterrado?”

Sócrates respondeu:

“Se me encontrares, querido discípulo, enterra-me onde quiseres, e boa noite! Se em minha longa vida não consegui encontrar-me, como me encontrareis depois que eu estiver morto? Vivi de tal maneira que, neste momento, só sei que o menor dos fios de cabelo do conhecimento de mim mesmo não é evidente”.

27

As desculpas do undécimo pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Ó tu cuja fé é sincera, não tenho sequer um sopro de boa vontade. Passei a vida atormentado, ambicionando a bola do mundo. Tamanha é a tristeza que mora em meu coração que nunca cesso de lamentar-me. Acho-me sempre num estado de assombro e impotência; e quando, por um momento, me sinto contente, eis-me descrente. Em consequência disso, fiz-me dervixe. Mas agora hesito em aventurar-me pela estrada do conhecimento espiritual. Se eu não tivesse o coração tão cheio de tristeza, ficaria encantado com a viagem. Sinto-me, porém, num estado de perplexidade. E agora que te expus o meu caso, dize-me o que devo fazer”.

Disse a Poupa:

“Tu que te entregaste ao orgulho, engolido pela pena de ti mesmo, é bom que estejas perturbado. Vendo que o mundo passa, tu mesmo devias passar ao lado dele. Abandona-o, pois quem quer que se identifique com as coisas transitórias não pode ter parte com as duradouras. Os sofrimentos que te afligem podem tornar-se gloriosos e não humilhantes. Aquilo que na aparência exterior é sofrimento pode ser tesouro para o vidente. Uma centena de bênçãos cairá sobre ti se fizeres um esforço no Caminho. Mas, tal como és, não passas de uma pele que recobre um cérebro obtuso”.

O escravo agradecido

Um dia, um rei, bondoso por natureza, deu uma rara e bela fruta a um escravo, que a provou e logo declarou nunca haver provado nada tão saboroso em sua vida. Isso levou o rei a querer prová-la também e a pedir ao escravo que lhe desse um pedaço. Mas, quando a levou à boca, o rei achou a fruta amaríssima e ergueu as sobrancelhas num esgar de espanto. O escravo explicou:

“Senhor, havendo eu já recebido tantos presentes de vossas mãos, como poderia queixar-me de um fruto amargo? Visto que fazeis chover benesses sobre mim, por que um simples amargor me alienaria de vós?”

Portanto, servo de Deus, se experimentas o sofrimento no teu forcejar, deixa-te persuadir de que isso pode ser um tesouro para ti. A coisa parece virada do avesso, mas lembra-te do escravo.

O xeque e a velha

Uma velha pediu ao xeque Mahmah:

“Ensina-me uma prece para que eu possa achar contentamento. Até hoje sempre fui dominada pelo descontentamento, mas agora desejo libertar-me”.

Replicou o xeque:

“Muito tempo atrás, recolhi-me a uma espécie de fortaleza a fim de buscar com ardor o que desejas, mas nunca o senti e nunca o vi. Enquanto não aceitarmos tudo no caminho do amor, como poderemos estar contentes?”

Uma pergunta feita a Junaid

Alguém perguntou a Junaid:

“Escravo de Deus, que não obstante és livre, dize-me como alcançar o estado de contentamento”.

Ao que Junaid replicou:

“Aprendendo, pelo amor, a aceitar”.

O átomo só tem um brilho aparente. Por natureza é apenas um átomo, mas, se se perder no sol, compartilhará para sempre da qualidade solar.

O morcego em busca do sol

Certa noite, ouviu-se um morcego dizer:

“Como se dá que eu seja incapaz, até por um momento, de ver o sol? Passei a vida inteira desesperado porque nem por um instante pude perder-me nele. Por meses e anos tenho voado para cá e para lá de olhos fechados, e aqui estou eu!”

Um contemplativo interpelou-o:

“O orgulho te persegue, e ainda tens milhares de anos para viajar. Como pode um ser como tu descobrir o sol? Pode a formiga alcançar a lua?”

“Apesar disso”, teimou o morcego, “continuarei tentando.”

E assim, por mais alguns anos, continuou a procurar, até que lhe faltaram as forças e as asas. Como ainda não tivesse descoberto o sol, imaginou:

“Talvez eu o tenha ultrapassado”.

Ouvindo-o, um pássaro sábio interveio:

“Estás sonhando; só tens voado em círculos e não avançaste nem um passo; e afirmas, em teu orgulho, que ultrapassaste o sol!”

Isso deixou tão abismado o morcego, que, compreendendo a própria impotência, humilhou-se completamente, dizendo:

“Encontraste um pássaro com visão interior, não vás mais longe”.

28

A pergunta do duodécimo pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Ó tu que és nosso guia, que acontecerá se eu te fizer a entrega do meu arbítrio? Não posso, de livre e espontânea vontade, aceitar os trabalhos e sofrimentos que sei que terei de aguentar, mas posso concordar em obedecer às tuas ordens; e se eu, porventura, der uma cabeçada, saberei ressarcir-te”.

A Poupa replicou:

“Falaste bem, não se pode esperar nada melhor do que isso. Pois como hás de continuar senhor de ti se segues teus gostos e desgostos? Mas se obedeceres voluntariamente poderás tornar-te senhor de ti mesmo. Quem se submete à obediência nesse caminho livra-se de decepções e safa-se de muitas dificuldades. Servir a Deus por uma hora, de acordo com a verdadeira lei, vale tanto quanto servir ao mundo por uma existência inteira. Quem aceita o sofrimento passivo é como o cachorro perdido que precisa obedecer aos caprichos de qualquer transeunte. Mas quem suporta, nem que seja por um momento, o sofrimento ativo neste caminho será plenamente recompensado”.

Bayazid e Tarmazi

Um doutor erudito, eixo do mundo abençoado com excelentes qualidades, referiu o seguinte:

“Uma noite, vi num sonho Bayazid e Tarmazi, que me pediram para ser seu chefe. Fiquei muito curioso por saber por que esses dois xeques eminentes me tratavam com tamanha deferência. Lembrei-me então de que, certa manhã, arranquei um suspiro das profundezas do coração e, quando o sopro subiu, fez girar o martelo da porta do santuário, de modo que esta se abriu para mim. Entrei, e todos os mestres espirituais e seus discípulos, falando sem palavras, perguntavam-me qualquer coisa — todos, exceto Bayazid Bistami, que desejava encontrar-se comigo mas não queria perguntar-me coisa alguma. Disse ele: ‘Quando ouvi o chamado do teu coração compreendi que não preciso de mais nada senão obedecer às tuas ordens e ser guiado pela tua vontade. Como não sou nada, quem sou eu para dizer o que desejo? Basta ao servo cumprir os desejos do amo’.

“Foi por isso que os xeques me trataram com respeito e me deram precedência. Quando caminha em obediência, o homem age de acordo com a palavra de Deus. Não é servo de Deus o que se gaba de o ser. O verdadeiro servo revela sua qualidade no tempo do ordálio. Sujeita-te, pois, a provações, para que possas conhecer-te.”

O escravo e o manto de honra

Um rei deu um manto de honra a um escravo, que saiu do palácio real muito satisfeito da vida. Enquanto caminhava, a poeira da rua depositou-se nele, e o escravo, inadvertidamente, enxugou o rosto com a manga do manto. Alguém que tinha inveja dele foi correndo informar o rei do que acontecera, e o monarca, indignado com essa quebra das boas maneiras, mandou empalá-lo.

Quem se desonra com um proceder indecoroso não é digno de limpar o tapete de um rei.

29

O pedido do décimo terceiro pássaro

Outro pássaro pediu à Poupa:

“Ó tu cujos motivos são sem malícia, dize-me como posso ser sincero neste caminho para Deus. Visto que não consigo desistir do desejo do meu coração, gasto quanto tenho

para atingir minha meta. Perdi o que tinha; o que guardei converteu-se em escorpiões em minhas mãos. Laço nenhum me prende, e lancei de mim todas as algemas e impedimentos. Desejo ser sincero no Caminho espiritual, na esperança de ver um dia, face a face, o objeto do meu culto”.

A Poupa retrucou:

“O Caminho não está aberto para qualquer um; só aos justos se permite trilhá-lo. Quem se esforça neste Caminho deve fazê-lo tranquilamente e com todo o coração. Quando tiveres queimado tudo o que possuis, junta as cinzas e senta-te sobre elas. Enquanto não morreres para todas as coisas deste mundo, uma por uma, não serás livre. E vendo que não ficarás muito tempo na prisão do mundo, aparta-te de tudo. Quando vier a morte, poderão as coisas que ora te escravizam afastá-la? Para palmilhar esta estrada faz-se mister sinceridade consigo mesmo — e ser um homem sincero consigo mesmo é mais difícil do que pensar”.

Dito alegórico de Tarmazi

O santo do Turquestão disse um dia a si mesmo: “Amo duas coisas: meu filho e meu cavalo malhado. Se eu fosse informado de que meu filho havia morrido, entregaria meu cavalo em ação de graças, pois essas duas coisas são como ídolos para a minha alma”.

Põe fogo nas tuas faltas, nos teus ressentimentos e nas tuas vaidades. Queima-os e não te gabes de ser mais sincero do que os outros. Quem se orgulha da própria sinceridade deveria esforçar-se por se ver tal qual é.

O xeque Khircani e a berinjala

Um dia, o xeque Khircani, que descansava sobre o próprio trono de Deus, sentiu muita vontade de comer uma berinjala. Pediu-a com a trompa e com a voz, de modo que sua mãe foi buscá-la. Assim que ele comeu a berinjala, aconteceu uma desgraça: cortaram a cabeça de seu filho, e um homem malvado a colocou à sua porta durante a noite. Disse então o xeque:

“Por cem vezes me ocorreu o pressentimento de que, se eu comesse uma berinjala, nem que fosse um pedacinho só, algo desastroso aconteceria. Mas o desejo de comê-la era tão forte que não consegui dominá-lo”.

Quem permite aos desejos que o dominem abafa a própria alma. Os letrados não sabem nada; não há segurança no seu saber; e são necessárias muitas espécies de conhecimento. A cada momento chega uma nova caravana e uma nova provação.

Não conheço ninguém tão afortunado quanto os magos do faraó, os quais, com a fé dos homens de hoje, separaram suas almas de si mesmos; e, estribados na religião, abandonaram todo o amor das coisas do mundo.

30

Fala o décimo quarto pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Ó tu que és clarividente! O que propões é uma digna aspiração. Conquanto eu pareça fraco, tenho, na realidade, um nobre ardor; embora minha força seja reduzida, minha ambição é sublime”.

A Poupa respondeu:

“Se tens um pouco dessa nobre ambição, por menor que seja, ela triunfará do próprio sol. A aspiração é as asas e as penas do pássaro da alma”.

A velha que queria comprar José

Conta-se que, quando José foi vendido aos egípcios, estes o trataram com bondade. Os compradores eram numerosos, de sorte que os mercadores o apreçaram em cinco a dez vezes o seu peso em almíscar. Enquanto isso, presa de grande agitação, uma velha saiu correndo e, metendo-se entre os compradores, pediu a um egípcio:

“Deixa-me comprar o cananeu, pois desejo muito possuir esse moço. Fiei dez bobinas de fio para pagá-lo, por isso fica com elas, dá-me José e não se fala mais nisso”.

Sorriram-se os mercadores e disseram:

“A tua simplicidade iludiu-te. Esta pérola única não é para o teu bico; já ofereceram por ele uma centena de tesouros. Como poderás dar um lance mais alto do que o deles com as tuas bobinas de fio?”

Fitando o olhar no rosto deles, respondeu a mulher:

“Sei perfeitamente que não o vendereis por tão pouco, mas é o bastante para mim que meus amigos e inimigos digam: ‘Essa velha estava entre os que queriam comprar José’ “.

Quem não tem aspiração jamais alcançará o reino sem limites. Tomado dessa sublime ambição, um grande príncipe considerava o seu reino terrestre um punhado de cinzas.

Quando se deu conta do vazio da realeza temporal, concluiu que a realeza espiritual valia um milhar de reinos do mundo.

Ibrahim Adham

Um homem vivia a queixar-se das amarguras da pobreza, de modo que Ibrahim Adham o interpelou:

“Meu filho, não pagaste pela tua pobreza?”

“O que dizes é tolice”, volveu o homem, “como haveria alguém de comprar a pobreza?”

Tornou Adham:

“Eu, pelo menos, a escolhi voluntariamente e a comprei ao preço do reino do mundo. E ainda compraria um momento dessa pobreza por uma centena desses mundos”.

Os homens que têm sede de aperfeiçoar-se empenham nesse esforço a alma e o corpo. O pássaro da aspiração eleva-se a Deus, nas asas da fé, sobre as coisas temporais e espirituais. Se te falta a aspiração, é melhor que te retires.

O mundo de acordo com um sufi

Um sufi despertou certa noite e disse para si: “O mundo me parece uma arca na qual somos colocados e onde, fechada a tampa, nos entregamos a toda a sorte de loucuras. Quando a morte ergue a tampa, o que conquistou asas alça vôo para a eternidade, mas o que não as conquistou continua na arca, presa de mil tribulações. Certifica-te, pois, de que o pássaro da ambição adquire asas de aspiração e dá ao teu coração e à tua razão o êxtase da alma. Antes que se abra a tampa da arca, converte-se num pássaro do Espírito, pronto para estender as asas”.

31

A dúvida do décimo quinto pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Se o rei de que falamos é justo e verdadeiro, Deus também nos deu honestidade e integridade; e jamais careci de justiça no trato com os outros. Quando se encontram essas qualidades num homem, que lugar ocupará ele no conhecimento das coisas espirituais?”

A Poupa retorquiu:

“A justiça é o rei da salvação. O justo está a salvo de todos os tipos de erros e futilidades. É melhor ser justo do que passar a vida inteira nas genuflexões e prosternações do culto exterior. Nem a liberalidade se iguala, nos dois mundos, à justiça exercitada em segredo; mas quem professa a justiça abertamente achará difícil não se tornar um hipócrita. Quanto aos homens do Caminho espiritual, não pedem justiça a ninguém, mas recebem-na generosamente de Deus”.

Uma anedota do imã Hambal

Ahmad Hambal era o imã do seu tempo, cujo mérito excedia todos os louvores. De uma feita, desejando descansar dos estudos e do cargo, saiu à rua para falar com um homem muito pobre. Alguém que o viu censurou-o, dizendo:

“Não há ninguém tão ilustrado quanto vós, e não tendes precisão das opiniões de outro homem; a despeito disso, perdeis tempo com um pobre miserável que anda descalço e com a cabeça descoberta”.

“É verdade”, conveio o imã, “que conquistei a bola de pólo no *hadis* e na *sunna*, e que tenho mais conhecimentos do que esse homem; mas, no que concerne à compreensão, ele está mais perto de Deus do que eu.”

Tu, que és injusto por ignorância, reflete, pelo menos por um momento, na integridade dos que estão no caminho do espírito.

O rajá indiano

O sultão Mahmud certa vez aprisionou um velho rajá, que, experimentando o amor de Deus, fez-se muçulmano e renunciou aos dois mundos. Sentado a sós na tenda, deixou-se absorver inteiramente por esses sucessos e começou a verter lágrimas amargas e a despedir suspiros de desejo — de dia mais do que de noite, e de noite mais do que de dia. Finalmente, inteirado disso, Mahmud mandou chamá-lo:

“Não chores nem te lamentes”, disse-lhe, “és um rajá, e eu te darei uma centena de reinos por aquele que perdeste”.

“Ó padixá”, replicou o hindu, “não choro pelo meu reino nem pela minha dignidade perdida. Choro porque, no dia da ressurreição, Deus, o detentor da Glória, me dirá: ‘Ó homem desleal, semeaste contra mim a semente do insulto. Antes de Mahmud te atacar, nunca pensaste em mim. Só quando tiveste de jogar o teu exército contra ele e perdeste tudo minha lembrança te acudia. Crês que isso é justo?’ Ó jovem rei, é de vergonha que choro em minha velhice.”

Atenta para as palavras da justiça e da fé; atenta para os ensinamentos do Divã dos Livros Sagrados. Se tens fé, empreende a viagem para a qual te convido. Mas o que não figura no índice da fidelidade seja encontrado no capítulo da generosidade!

O guerreiro muçulmano e o cruzado cristão

Um muçulmano e um cristão estavam lutando quando chegou o momento, para o muçulmano, de fazer suas orações, de sorte que ele, orgulhoso, pediu ao cristão que lhe concedesse uma trégua. O cruzado concordou, e o muçulmano, afastando-se, fez suas orações. Quando voltou, reiniciou-se o combate com renovado vigor. Pouco depois, por seu turno, o cruzado solicitou uma pausa para poder dizer as suas preces. Sendo-lhe atendido o pedido, ele também se afastou e, escolhendo um local apropriado, prosternou-se no pó diante do seu ídolo. Quando o muçulmano viu o adversário de cabeça baixa, disse a sós consigo: “Esta é a minha oportunidade de lograr a vitória”, e veio-lhe a idéia de golpeá-lo à traição. Mas uma voz interior recriminou-o: “Ó homem desleal, que pretendes trair o teu compromisso, é assim que manténs a tua palavra? O descrente não sacou da espada contra ti quando lhe pediste uma trégua. Não te lembras das palavras do Corão: ‘Cumpe fielmente tuas promessas’? Visto que um infiel foi generoso contigo, não te mostres inferior a ele. Ele agiu bem, queres agir mal. Faze-lhe o que ele te fez. Serás tu, muçulmano, indigno de confiança?” Conteve-se o muçulmano. Torturado pelo remorso, viu-se banhado em lágrimas da cabeça aos pés. Quando o cruzado deu tento do seu pranto, perguntou-lhe a razão dele.

“Uma voz celestial”, explicou o muçulmano, “censurou-me por não ter sido leal contigo. Vês-me neste estado porque fui vencido pela tua generosidade.”

Ouvindo-o, o cristão despediu um grande grito e disse:

“Já que Deus pode mostrar-se favorável a mim, seu inimigo declarado, e censurar seu amigo por deslealdade, como poderei persistir na infidelidade? Expõe-me os princípios do Islam para que eu possa abraçar a verdadeira fé e, lançando de mim o politeísmo, adotar os

ritos da lei. Oh, como deploro a cegueira que me impediu, até agora, de reconhecer um Mestre assim!”

Ó tu, que deixaste de procurar o verdadeiro objeto dos teus desejos e careces grosseiramente da fé que lhe é devida! Creio que virá o momento em que, na tua presença, o céu rememorarão todos os teus atos, um por um.

José e seus irmãos

No tempo da fome, os dez irmãos de José realizaram a longa viagem ao Egito. José recebeu-os, com o rosto coberto por um véu, e eles, depois de relatarem as agruras da jornada, pediram ajuda contra os terrores da fome.

Defronte de José havia uma taça, que ele golpeou com a mão, arrancando dela um som lastimoso. Os irmãos mostraram-se consternados: soltaram a língua e perguntaram-lhe:

“Ó Aziz! Sabes tu, ou sabe alguém, o que significa este som?”

“Sei muito bem”, respondeu José, “mas vós não suportareis que eu vos diga o que ele significa; pois a taça revela que tínheis um irmão, notável por sua beleza, que se chamava José.”

Em seguida, golpeou a taça pela segunda vez e disse:

“Diz-me a taça que o jogastes num poço e matastes um lobo inocente para, com o seu sangue, sujar o casaco de José”.

Golpeou a taça pela terceira vez e arrancou dela, de novo, um som lamentoso. E ajuntou:

“Afirma a taça que os irmãos de José venderam o irmão e mergulharam o pai num abismo de dor.

“O que foi que esses infiéis fizeram a seu irmão? Temei a Deus, pelo menos, ó vós que estais diante de mim!”

Isso os deixou em tal estado que eles se puseram a suar de medo, eles, que tinham vindo pedir pão. Ao venderem José, tinham-se vendido; e quando o largaram no poço, foram arremessados numa voragem de aflição.

O que ler esta história sem proveito é cego. Não passes os olhos por ela com indiferença, porque esta não é senão a tua própria história. Continuas a cometer pecados e faltas porque não te alumia a luz da compreensão. Se alguém golpear a taça da tua vida, porá de manifesto, para ti mesmo, teus atos culposos. Quando a taça da tua vida for golpeada e despertares do sono; quando tuas injustiças e pecados forem expostos, um por um, duvido que conserves a paz ou a razão. Semelhas uma formiga coxa numa tigela. Quantas vezes já desviaste a cabeça da taça do céu? Estende as asas e voa para o alto, tu, que tens conhecimento da verdade. Senão, correrás sempre que ouvires o som de uma taça.

Outro pássaro indagou da Poupa:

“Ó tu, que és nosso chefe, responde: poderemos ser ousados quando nos aproximarmos da majestade do Simurgh? Parece-me que o que tem coragem está isento de muitos temores. Visto que és corajosa, espalha pérolas de sabedoria e conta-nos o segredo”.

“Todo aquele que é digno”, retrucou a Poupa, “é o *mahram* do segredo da divindade, e é bom sermos ousados quando temos a inteligência dos segredos de Deus. Mas como pode alguém que possui os segredos comunicá-los a outrem? Ainda assim, se nos move o puro amor, alguma ousadia é permitida. Quem está no caminho do conhecimento de si mesmo sabe quando deve ser ousado e não se deixa morrer por falta de esforço.

“Um verdadeiro dervixe será ousado e confiante em razão da esperança verdadeira que experimenta. O que é destemido graças ao amor vê o Senhor em tudo. Sua ousadia é boa e louvável, porque ele é um idiota do amor inflamado.”

Um idiota de Deus e os escravos de Amid

Khorassan se achava em próspera situação em virtude do sábio governo do príncipe Amid, que era servido por cem escravos turcos, cujos semblantes brilhavam como a lua cheia, cujos corpos eram ciprestes esguios, cujas pernas se diriam de prata e cujo hálito recendia a almíscar. Usavam brincos de pérolas, com reflexos que iluminavam a noite e a faziam parecer dia; seu turbante era do mais fino brocado, e eles traziam, em volta do pescoço, colares de ouro; cobria-lhes o peito um tecido de prata e pedras preciosas lhes enriqueciam o cinto. Todos montavam cavalos brancos. E quem quer que olhasse para qualquer um deles ficava imediatamente apaixonado. Um sufi, maltrapilho e descalço, viu, por acaso, à distância, o grupo de moços e perguntou:

“Que é aquela cavalgada de huris?”

“Aqueles moços”, responderam-lhe, “são os pajens de Amid, o príncipe desta cidade.”

Quando o idiota de Deus ouviu isso, o vapor da loucura lhe subiu à cabeça e ele bradou:

“Ó Deus, dono do glorioso céu, ensina Amid a cuidar dos seus servos!”

Se és como esse idiota, tem também a sua ousadia; ergue-te como uma árvore esguia; mas, se não tiveres folhas, não sejas atrevido e não brinques. A audácia dos idiotas de Deus é boa coisa. Eles não sabem dizer se o caminho é bom ou mau; só sabem agir.

Um idiota santo

A Poupa continuou:

“Um idiota de Deus andava nu e quase morto de fome por uma estrada em pleno inverno. Como não tinha casa nem abrigo, estava encharcado de água da chuva e de granizo. Chegou, afinal, a um palácio em ruínas e decidiu abrigar-se ali; mas, quando ia entrar, já no portal, uma telha lhe caiu na cabeça e rachou-lhe o crânio, de modo que o sangue principiou a correr. Virando o rosto para o céu, o idiota de Deus perguntou:

“Não teria sido preferível fazer soar o tambor real a deixar cair uma telha na minha cabeça?”

A prece de um louco

Grassava no Egito uma fome tão terrível que em toda parte as pessoas morriam implorando um pedaço de pão. Ao ver quanta gente se finava de fome, um louco que por ali passava casualmente disse a Deus:

“Ó tu, que possuis as boas coisas do mundo e da religião: já que não podes dar de comer a todos os homens, cria-os em menor número”.

Se algum atrevido no tribunal disser uma inconveniência, deverá humildemente pedir perdão.

Outro louco

Um sufi, um idiota de Deus, estava sendo atormentado por um bando de crianças que lhe atiravam pedras. Finalmente, refugiou-se num canto de um prédio. Naquele momento, porém, começou a saraivar e o granizo lhe caiu na cabeça. Tomando-o pelas pedras que lhe atiravam as crianças, o homem pôs-se a mostrar-lhes a língua e a insultá-las, na suposição de que elas continuavam a apedrejá-lo, pois a casa se achava às escuras. Por fim, descobrindo que as pedras não passavam de granizo, arrependeu-se e orou:

“Ó Deus, foi por estar a casa às escuras que pequei com a língua”.

Se compreenderes os motivos dos que estão no escuro, sem dúvida os perdoarás.

33

O décimo sétimo pássaro interroga a Poupa

Outro pássaro disse à Poupa:

“Enquanto eu viver, o amor do Ser Eterno me será caro e agradável, e nunca deixarei de pensar nele. Tenho convivido com todas as criaturas vivas e, longe de me haver apegado a elas, não me identifiquei com nenhuma. A loucura do amor me ocupa todos os pensamentos, de modo que, para mim, o amor é bastante. Mas esse amor não convém a todos, e agora chegou o momento em que devo traçar uma linha de minha vida para poder aceitar uma taça de vinho de meu amado; nesse instante, os olhos do meu coração se tornarão luminosos graças à sua beleza, e minha mão tocará o seu pescoço como penhor da união.”

Replicou a Poupa:

“Não é com essas pretensiosas fanfarronadas que alguém pode vir a ser hóspede respeitado do Simurgh do Cáucaso. Não exaltes tanto o amor que acreditas sentir por ele, pois nem todos poderão possuí-lo. Cumpre que o vento da boa fortuna erga o véu do mistério para que o Simurgh te atraia a si e para que te sentes com ele em seu harém. Se quiseres chegar ao sítio sagrado, precisas, primeiro que tudo, esforçar-te por ter um

conhecimento das coisas espirituais, pois, de outro modo, o teu amor ao Simurgh se transformará em tormento. Para a tua verdadeira felicidade, será forçoso que o Simurgh também te ame”.

O sonho de um discípulo de Bayazid

Na mesma noite em que Bayazid partiu do palácio deste mundo, um discípulo o viu em sonhos; e perguntou a esse excelente pir como conseguira escapar de Munkir e Nakir. Respondeu-lhe o sufi:

“Quando esses dois anjos me interrogaram a respeito do Criador, eu lhes disse: ‘A pergunta não pode ser respondida com precisão, pois, se eu disser: Ele é meu Deus, e isso é tudo, estarei apenas expressando um desejo meu; será melhor que volteis para Deus e lhe pergunteis o que ele pensa de mim. Se ele me chamar seu servo, sabereis que assim é. Caso contrário, sabereis que ele me abandona aos laços que me prendem. Visto não ser fácil obter a união com Deus, de que me servirá chamar-lhe Meu Senhor? Se ele não aceita o meu serviço, como poderei pretender que seja meu amo? É verdade que inclinei a cabeça, mas também se faz mister que ele me chame seu escravo”.

Mahmud na sauna

Certa noite, Mahmud, que se sentia deprimido, entrou disfarçado no *hammam*. Um jovem atendente deu-lhe as boas-vindas e fez os arranjos necessários para que ele pudesse transpirar confortavelmente sobre os carvões ardentes. Feito isso, deu ao sultão um pedaço de pão seco, que ele comeu. Disse, então, o sultão para si mesmo: “Se este atendente se tivesse recusado a receber-me, eu teria mandado cortar-lhe a cabeça”. Por fim, o sultão declarou ao jovem que desejava tornar ao seu palácio. Sobreveio o moço:

“Comestes da minha comida, conhecestes a minha cama e fostes meu hóspede. Terei sempre imenso prazer em receber-vos. Conquanto, na verdade, sejamos feitos da mesma substância, como, no que concerne às coisas externas, podeis ser comparado a alguém de tão baixa condição?”

O sultão agradeceu-se tanto da resposta que voltou várias vezes a ser hóspede do atendente. Na última ocasião, ordenou-lhe que fizesse um pedido.

“Se eu, um mendigo, fizer um pedido”, disse o atendente, “o sultão mo negará.”

“Pede o que quiseres”, instou com ele o sultão, “nem que seja deixar o *hammam* para tornar-se rei.”

“Meu único pedido”, confessou o jovem, “é que o sultão continue a ser meu hóspede. O atendente de banho sentado ao vosso lado numa sauna é mais feliz que o rei num jardim sem vós. Visto que a boa fortuna me visitou por obra da sauna, seria ingratidão de minha parte deixá-la. Vossa presença iluminou este lugar; que mais posso pedir além de vós?”

Se amas a Deus, busca também ser amado por ele. Mas ao passo que um homem procura esse amor, sempre velho e sempre novo, outro deseja dois óbolos de prata do tesouro do mundo; procura uma gota d’água quando poderia ter o oceano.

Os dois aguadeiros

Encontrando-se com um colega, um aguadeiro pediu-lhe um pouco da sua água. O outro retrucou-lhe:

“Ó tu, que és ignorante das coisas espirituais, por que não bebes a tua própria água?”

E o primeiro respondeu:

“Dá-me um pouco da tua água, ó tu que tens o conhecimento espiritual, pois estou enjoado da minha”.

Adão estava farto das coisas familiares, e por isso decidiu provar o trigo, coisa nova para ele. Vendeu as coisas velhas para comprar um pouco de trigo. Tornou-se injusto. Chegou o amor e bateu-lhe à porta, à sua procura. Quando o relâmpago do amor o destruiu completamente, tanto as coisas velhas quanto as novas desapareceram e nada sobrou! Mas não é dado a todos enfararem-se de si mesmos e morrerem completamente para a vida antiga.

34

O discurso do décimo oitavo pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Acredito haver conquistado para mim toda a perfeição possível, e conquistei-a à força de penosas austeridades. Uma vez que obtive aqui o resultado que almejava, é-me difícil sair à cata do lugar de que falas. Já conhecestes, acaso, alguém que tenha deixado um tesouro para vagar dificultosamente pelas montanhas, no ermo e através das planícies?”

Replicou a Poupa:

“Ó diabólica criatura, cheia de vaidade e presunção! Ó tu, que estás mergulhado no egoísmo! Ó tu, que sentes tamanha aversão pelo fazer! Foste seduzido pela imaginação e estás agora distante das coisas divinas. O corpo de desejo domina-te o espírito; o Diabo roubou-te o cérebro. O orgulho apossou-se de ti. A luz que julgas ter no Caminho Espiritual não passa de uma chama bruxuleante. O teu amor às coisas espirituais é imaginário. Não te deixes seduzir pelo tênue clarão que vês. Enquanto o teu corpo de desejo te enfrentar, tem tento em ti. Precisas combater esse inimigo com a espada na mão. Quando se mostra uma luz falsa, vinda do teu corpo de desejo, olha para ela como se fosse o agulhão de um escorpião, para o qual deves usar salsa. Não te desesperes por causa da escuridão do caminho que te mostrarei e porque a luz que ali verás não te incutirá a pretensão de seres companheiro do sol. Enquanto continuares a viver no orgulho da vida, ó meu querido, tuas leituras e teus esforços mofinos não valerão um óbolo. Só depois de renunciarestes ao orgulho e à vaidade serás capaz de deixar esta vida sem pesar. Enquanto seguires aferrado à presunção, à ufanía e às coisas da vida exterior, cem flechas vexativas te ferirão de todos os lados.

O xeque Abu Bekr de Nishapur

O xeque saiu, um dia, do mosteiro em companhia dos discípulos, montado no seu burro, enquanto os companheiros iam a pé. De repente, o burro peidou estrepitosamente, fazendo que o xeque desse um grito e rasgasse a *khirka*. Os discípulos miraram-no, surpresos, e um deles perguntou-lhe por que agira desse modo. O xeque explicou:

“Quando olhei à minha volta e vi o número dos meus seguidores, pensei comigo mesmo: ‘Agora sou realmente igual a Bayazid. Hoje me acompanham inúmeros discípulos fervorosos; assim sendo, amanhã estarei cavalgando, sem dúvida, com glória e honra, na planície da ressurreição’ “. E, logo, ajuntou: “Foi então, ao presumir ser esse o meu destino, que o meu burro fez aquele barulho aparentemente impróprio, que ouvistes e com o qual queria dizer: ‘Eis aqui a réplica que dá um burro a quem tem tais pretensões e pensamentos tão vãos!’ Daí que o fogo do arrependimento se abatesse tão de repente sobre minha alma, e minha atitude se modificasse, e minha posição imaginária caísse ao chão feita em pedaços”.

Ó tu, que mudas a cada momento, és como o faraó até as raízes dos cabelos. Mas se destruíres em ti mesmo o ego por um só dia, tua escuridão iluminar-se-á. Nunca digas a palavra “eu”. Tu, por causa dos teus “eus”, incorreste numa centena de males e serás sempre tentado pelo Diabo.

Deus fala a Moisés

Um dia, em segredo, disse Deus a Moisés:

“Vai pedir conselho a Satanás”.

Moisés foi visitar Iblis e, quando se aproximou dele, pediu-lhe um conselho.

“Lembra-te sempre”, disse Iblis, “deste axioma singelo: nunca digas ‘eu’, para que nunca venhas a ser como eu.”

Enquanto subsistir em ti um pouco que seja de egoísmo, participarás de infidelidade. A indolência é uma barreira no caminho espiritual; mas se a conseguires transpor, uma centena de “eus” quebrará a cabeça num momento.

Toda gente vê tua vaidade e presunção, teu ressentimento, inveja e cólera, mas tu mesmo não os vês. Há um canto do teu ser cheio de dragões e, por negligência, te entregas a eles; e os animas e acarinhas dia e noite. Assim, se tens consciência do teu estado interior, por que continuas tão indiferente?

O dervixe que possuía uma bela barba

No tempo de Moisés havia um dervixe que passava os dias e as noites em estado de adoração, conquanto não tivesse nenhuma sensibilidade pelas coisas espirituais. Possuía uma longa e bela barba e, muita vez, quando estava rezando, interrompia as orações para penteá-la. Um dia, topando com Moisés, abeirou-se dele e pediu:

“Ó paxá do monte Sinai, roga a Deus, por favor, que me diga por que não experimento nem satisfação espiritual nem êxtase”.

Na outra vez que Moisés escalou o Sinai, falou a Deus a respeito do dervixe, e Deus disse, em tom de desaprovação:

“Se bem tenha procurado união comigo, esse dervixe está constantemente pensando na sua longa barba”.

Quando desceu, Moisés repetiu ao sufi as palavras de Deus. Ouvindo-as, o sufi pôs-se a arrancar a barba, chorando amargamente. Nisso, Gabriel foi ter com Moisés e lhe disse:

“Ainda agora o teu sufi está pensando na barba. Não pensou em outra coisa enquanto rezava, e sente-se ainda mais apegado a ela agora que a está arrancando!”

Ó tu, que cuidas haver deixado de te preocupar com a tua barba, estás mergulhado num oceano de aflição. Quando puderes pensar nela com alheamento, terás o direito de cruzar, navegando, esse oceano. Mas se nele mergulhares com a tua barba, ser-te-á difícil sair dele.

Outra anedota de um homem com uma longa barba

Um bêbado que tinha uma barba comprida e bonita caiu por acidente numa lagoa funda. Ao vê-lo cair, um homem que passava gritou:

“Tira a sacola que tens na cabeça!”

O homem que se afogava contestou:

“Isto não é sacola, é a minha barba, e não é ela que me atrapalha”.

Mas o homem que estava passando insistiu:

“Seja o que for, livra-te dela, ou acabarás te afogando”.

Ó vós, que sois como bodes, e não vos pejais das vossas barbas enquanto tiverdes um corpo de desejo e um demônio para amarrar-vos, o orgulho de faraó e de Hanna será o vosso quinhão. Voltai as costas para o mundo, como fez Moisés, e sereis capazes de agarrar o faraó pela barba e segurá-lo com firmeza. Quem percorre o caminho da luta consigo mesmo deve encarar o coração apenas como *shish kabab*. O homem que tem o regador não espera chover.

35

A dúvida do décimo nono pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Dize-me, ó tu, que és famosa no mundo inteiro, que devo fazer para sentir-me contente nesta viagem? Se mo disseres, minha mente se sentirá mais aliviada, e estarei disposto a deixar-me conduzir nesta empresa. Com efeito, a direção é necessária para não ficarmos apreensivos. E como só desejo aceitar a direção do mundo invisível, repilo, com boas razões, a falsa direção das criaturas terrenas”.

“Enquanto viveres”, replicou a Poupa, “contenta-te com te lembrares de Deus, e mantém-te em guarda contra conversas indiscretas. Se o puderes fazer, os cuidados e tristezas da tua alma se desvanecerão. Vive contente em Deus; gira, por amor dele, como o domo do céu. Se souberes de algo melhor, dize o que é, ó pobre pássaro, para que possas ser feliz ao menos por um momento.”

A anedota de um amigo de Deus

Um amigo de Deus que estava morrendo pôs-se a chorar, e os que lhe faziam companhia perguntaram por que chorava.

“Choro como as nuvens da primavera”, disse ele, “porque chegou o momento em que devo morrer e estou perturbado. Se meu coração já está com Deus, como posso morrer?”

“Se teu coração já está com Deus, terás uma boa morte”, acudiu um dos presentes.

Replicou o sufi:

“Como pode vir a morte a quem está unido a Deus? Se já estou com ele, minha morte parece impossível!”

Quem se contenta com existir como partícula do grande todo perde o egoísmo e torna-se livre. Está em contentamento com o teu amigo, como a rosa no cálice.

Anedota alegórica

Disse um homem aperfeiçoado:

“Por setenta anos trabalhei o meu espírito e agora estou em estado de êxtase, contentamento e felicidade, e nele participo da Majestade Soberana, unido à própria Divindade. No que te concerne, enquanto te ocupas em procurar as falhas dos outros, como provarás a alegria do mundo invisível? Se procuras falhas com olhos minuciosos, como verás as coisas do mundo interior? Quando se trata dos erros alheios, és capaz de dividir ao meio um fio de cabelo, mas olhas para os teus com olhos de cego. Confessa tuas próprias faltas e, por mais culpado que sejas, Deus se amerceará de ti”.

Os dois bêbados

Um homem que se excedia no beber chegava amiúde a perder não só o juízo mas também o respeito próprio. Certo dia, um amigo encontrou-o nesse estado deplorável, sentado no meio da rua. Arranjou um saco, colocou-o dentro dele, enfiando-lhe primeiro os pés, pôs o saco às costas e guiou para casa. No caminho, apareceu outro bêbado, cambaleando, sustentado por um companheiro. O homem cuja cabeça pendia para fora do saco despertou e, vendo o outro naquele estado, disse, em tom repreensivo:

“Ah, infeliz, no futuro bebe dois copos de vinho a menos, e serás capaz de andar como eu estou andando — livre e só”.

Nosso próprio estado não é diferente. Vemos faltas porque não amamos. Se tivéssemos alguma compreensão do verdadeiro amor, por menor que fosse, as faltas das pessoas à nossa volta nos pareceriam boas qualidades.

O apaixonado e sua amante

Um jovem, valente e impetuoso como um leão, esteve, durante cinco anos, apaixonado por uma mulher. Num dos olhos da sua beldade havia uma manchazinha, mas o amante, quando admirava a beleza da amada, nunca a via. Como poderia o homem, tão apaixonado, reparar num minúsculo defeito? Com o tempo, todavia, o amor começou a diminuir e ele reconquistou o domínio de si mesmo. Foi então que notou a mancha, e perguntou à mulher como aparecera aquilo. E ela:

“Isso apareceu na ocasião em que teu amor principiou a esfriar. Quando o teu amor por mim se tornou defeituoso, meu olho se tornou defeituoso para ti”.

Ó cego de coração! Por quanto tempo ainda continuarás a procurar as faltas alheias? Forceja por ter consciência das coisas que escondes com cuidado. Quando vires tuas faltas em toda a sua hediondez, não te preocuparás tanto com as dos outros.

O policial e o bêbado

Um policial derrubou, com um murro, um homem embriagado, que lhe disse:

“Por que te deixas levar por tamanha paixão? Estás praticando um ato ilegal. Não estou fazendo mal a ninguém, mas tu te confundes com a embriaguez e a jogas na rua. Estás muito mais embriagado do que eu, embora ninguém se dê conta disso. Portanto, deixa-me em paz e clama por justiça contra ti mesmo”.

36

Pergunta do vigésimo pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Ó Chefe do Caminho, que deverei pedir ao Simurgh se chegar ao lugar em que ele mora? Já que o mundo será iluminado por ele, não saberei o que pedir. Se eu soubesse qual é a melhor coisa a pedir ao Simurgh em seu trono, minha mente estaria mais tranquila.”

A Poupa replicou:

“Idiota! Não sabes o que pedir? Pede o que mais desejas. Um homem deveria saber o que deseja pedir, embora o próprio Simurgh seja melhor do que qualquer coisa que possas desejar. Queres aprender com ele o que desejas pedir?”

Oração do xeque Rubdar

Quando se viu às portas da morte, Bu Ali Rubdar pronunciou estas palavras:

“Minha alma está nos meus lábios à espera do eterno bem-estar. As portas do céu estão abertas, e colocaram um trono para mim no paraíso. Os santos que habitam no palácio da imortalidade gritam com as vozes dos rouxinóis: ‘Entra, ó amante verdadeiro. Sê grato e caminha com alegria, pois ninguém na terra jamais viu este lugar’. Ó Deus, se eu obtiver tua graça e teu favor, minha alma não escorregará da mão da certeza. Não inclinarei a cabeça como no mundo dos homens, pois minha alma foi formada através do teu amor, e, por isso, não conheço o céu nem o inferno. “Se eu for reduzido a cinzas não se encontrará em mim

outro ser além de ti. Conheço-te, mas não conheço religião nem descrença. Eu sou tu, tu és eu. Desejo-te, meu coração está em ti. Só tu me és necessário. És para mim este mundo e o mundo por vir. Satisfaz, por menos que seja, a necessidade do meu coração ferido. Mostra, por menos que seja, teu amor por mim, pois só respiro por ti.”

Palavras de Deus a Davi

Do Alto disse Deus a Davi:

“Dize a meus servos: ‘Ó punhado de terra! Se eu não tivesse o céu para dar como recompensa e o inferno para dar como castigo, pensaríeis alguma vez em mim? Se não existissem a luz nem o fogo, pensaríeis alguma vez em mim? Mas visto que mereço o respeito supremo, deveis adorar-me sem esperança e sem medo; e, no entanto, se nunca fôsseis sustentado pela esperança ou pelo medo, pensaríeis alguma vez em mim? Visto que sou o vosso Senhor, deveis adorar-me desde as profundezas do coração. Rejeitai tudo o que não for eu, reduzi a cinzas esse tudo e atirai as cinzas ao vento da excelência”.

Mahmud e Ayaz

Um dia, Mahmud chamou seu favorito, entregou-lhe a coroa, fê-lo sentar-se no trono e disse-lhe:

“Ayaz, dou-te meu reino e meu exército. Reina, que este país é teu; agora desejo que tomes o meu lugar e atires o teu brinco de escravo à Lua e ao Peixe”.

Quando os oficiais e cortesãos souberam disso, seus olhos se enegreceram de inveja e eles disseram:

“Nunca, no mundo, concedeu um rei tanta honra a um escravo”.

Mas Ayaz chorou, e eles o interpelaram:

“Perdeste o juízo? Já não és escravo, agora pertences à realeza. Por que choras? Alegra-te!”

Ayaz retrucou:

“Não vedes as coisas como elas são, não compreendeis que o sultão deste grande país me exilou da sua presença. Ele me quer governando o seu reino, mas eu não quero separar-me dele. Quero obedecer-lhe, mas não quero deixá-lo. Que me importam governos e realezas? Minha felicidade está em contemplar-lhe o rosto”.

Aprende com Ayaz a servir a Deus, ó tu que te deixas ficar ocioso dia e noite, ocupado em prazeres baratos e vulgares. Ayaz desce do pináculo do poder, mas tu não te moves do sítio em que estás e tampouco tens desejo de mudar. A quem poderás, afinal, confidenciar tuas mágoas? Enquanto dependeres do paraíso e do inferno, como compreenderás o segredo que desejo revelar-te? Mas quando já não dependeres dos dois, o amanhecer do mistério se erguerá da noite. Além disso, o jardim do paraíso não se destina ao indiferente; e o empíreo é só para os homens de coração.

A oração de Rab'Iah

“Ó Deus, que conheces o segredo de todas as coisas, realiza os desejos mundanos dos meus inimigos e concede aos meus amigos a eternidade da vida futura! Mas, quanto a mim, estou livre de ambos. Ainda que eu possuísse este mundo presente ou o do futuro, estimá-lo-ia pouco em comparação com o estar perto de ti. Só preciso de ti. Se eu voltasse os olhos para os dois mundos, ou desejasse alguma coisa além deste, não seria mais que um descrente.”

Palavras de Deus a Davi

O Criador do Mundo falou a Davi por trás do véu do mistério.

“Tudo o que existe, bom ou mau, visível ou invisível, móvel ou imóvel, será apenas um substituto se não for eu mesmo, para quem não acharás substituto nem igual. Visto que nada pode tomar-me o lugar, não te separe de mim. Sou-te necessário, dependes de mim. Por conseguinte, não desejes o que se te oferece se não for eu.”

O sultão Mahmud e o ídolo de Somnat

Mahmud e seu exército descobriram em Somnat um ídolo chamado Lat, que o sultão decidiu destruir. Para salvá-lo, os hindus ofereceram dez vezes o seu peso em ouro, mas Mahmud recusou a oferta e ordenou que se preparasse uma grande fogueira a fim de queimar o ídolo. Nisso, um dos seus oficiais tomou a liberdade de perguntar-lhe:

“Não seria melhor, senhor, aceitar o dinheiro e não queimar o ídolo?”

“Eu pensaria”, respondeu Mahmud, “que, no dia do ajuste supremo, o Criador se voltaria para o universo reunido e diria: ‘Ouvi o que fizeram Azaz e Mahmud — o primeiro modelou ídolos e o segundo os vendeu!’”

Dizem que quando o ídolo dos adoradores do fogo estava ardendo, caíram cem maunds de pedras preciosas, de modo que Mahmud, ainda assim, não ficou sem o seu tesouro. E disse:

“Lat recebeu o que merecia, e Deus me recompensou”.

Outra anedota de Mahmud

Quando esse manancial de iluminação de reis deixou Gazná para mover guerra aos hindus e viu-se diante do poderoso exército deles, sentiu-se deprimido e prometeu ao Rei da Justiça que, se lhe sorrisse a vitória na refrega, daria aos dervixes todo o butim que lhe caísse nas mãos. Sorriu-lhe a vitória, e o seu exército arrecadou enorme quantidade de tesouros. Quando os caras-pretas se retiraram, deixando os despojos, disse Mahmud:

“Mandai tudo isso para os dervixes, que assim prometi a Deus e preciso cumprir minha promessa”.

Mas seus oficiais protestaram, argumentando:

“Por que dar tanta prata e tanto ouro a um punhado de homens que não lutam? Por que não os dar ao exército, que conheceu o ardor da batalha? Ou, pelo menos, por que não os guardar no Tesouro?”

Hesitou o sultão entre o cumprimento da promessa e os protestos do exército. Nesse ínterim, Bu Hussein, um idiota de Deus, inculto mas inteligente, passou por ali. Vendo-o à distância, ordenou Mahmud:

“Chamai aquele idiota; dizei-lhe que venha cá e diga o que se deve fazer, que agirei de acordo com o seu parecer; como ele não tem medo do sultão nem do exército, dará uma opinião imparcial”.

Quando o sultão expôs o caso a Bu Hussein, este respondeu:

“Senhor, é uma questão de dois óbolos. Mas se desejais proceder de maneira adequada em relação a Deus, deixai de pensar, meu querido, nos dois óbolos. E se conquistardes outra vitória por sua graça, envergonhai-vos de reter os dois. Já que Deus vos concedeu a vitória, pode pertencer-vos o que pertence a Deus?”

Em resultado disso, remeteu Mahmud o tesouro aos dervixes, e tornou-se um grande monarca.

37

A pergunta do vigésimo primeiro pássaro

Outro pássaro disse à Poupa:

“Dize-nos, ó tu que desejas conduzir-nos à Majestade desconhecida, o que mais se aprecia na corte. É necessário, quando nos aproximamos de reis, levar-lhes presentes preciosos? E é verdade que só os homens vis se aproximam deles de mãos vazias?”

Replicou a Poupa:

“Se seguires meu conselho, levarás ao país do Simurgh o que nele não se encontra. Seria, acaso, conveniente que alguém levasse o que lá já existe? Lá se encontra o verdadeiro conhecimento, lá se encontram segredos, lá se encontra obediência a seres mais elevados. Leva, pois, o ardor do amor do espírito; ninguém pode oferecer mais nada além disso. Se um simples suspiro de amor chegar àquele lugar, levará consigo o perfume do coração. Aquele sítio está consagrado à essência da alma. Se um homem desferir um único suspiro de verdadeira contrição, estará imediatamente de posse da salvação.

José e Zuleica

No tempo em que Zuleica desfrutava de sua alta posição e dignidade, mandou que atirassem José na prisão e ordenou a um escravo que lhe aplicasse cinquenta vergastadas:

“Bate-lhe com força para eu poder ouvir-lhe os gritos”.

Mas o bom homem não queria machucar José; por isso, pegou a pele de um animal e recomendou ao condenado:

“Quando eu começar a bater, grita a cada golpe que eu der”.

Ouvindo os gritos, Zuleica foi até a cela e ordenou ao escravo:

“És muito delicado com ele. Bate-lhe com mais força”.

Disse, então, o escravo a José:

“Ó radiância do sol! Se Zuleica te examinar e não vir marca nenhuma de vergasta, castigar-me-á severamente. Descobre os ombros, faz das tripas coração e aguenta as varadas. Se gritares bastante por causa dos golpes, ela dará menos atenção às marcas”.

José descobriu os ombros, a vara zurziu e os gritos dele subiram ao céu. Quando os ouviu, Zuleica foi até lá e disse:

“Basta, os gritos produziram efeito. Antes, seus gemidos não eram nada; agora, são muito reais”.

O xeque Ben Ali Tuci

Ben Ali Tuci, um dos grandes sábios do seu tempo, caminhava pelo vale da consciência e da atenção. Não sei de ninguém que possuísse tanta graça e atingisse tamanha perfeição! Disse ele certa vez:

“No outro mundo, os infelizes condenados verão claramente os habitantes do céu, que poderão falar-lhes acerca das alegrias daquele sítio e do gosto da união. Os afortunados dirão:

“ ‘Aqui não existem alegrias vulgares, porque nos apareceu o sol da divina beleza, e ela é de tal ordem que os oito paraísos se diriam escuros. No fulgor dessa beleza não permanecem da eternidade nem nome nem traços!’

“E dirão os moradores dos infernos:

“‘Percebemos que o que dizeis é verdade, mas, neste lugar horrível, é evidente que incorreremos na cólera do Senhor, e por isso fomos apartados do seu rosto. O fogo do remorso em nossos corações lembra-nos o fogo do mundo subterrâneo’.”

Forceja por suportar a dor, a aflição e as feridas e dessa maneira mostra o teu zelo. Se te ferirem, aceita o sofrimento, e não te entregues à piedade de ti mesmo.

Pedido a Maomé

Um homem pediu licença humildemente para fazer uma oração no tapete do Profeta, mas este não lho consentiu, dizendo:

“A terra e a areia estão ardendo. Põe o rosto na areia ardente e na terra da estrada, visto que todos os feridos pelo amor têm de ter a marca no rosto, e a cicatriz precisa ser vista. Deixa que vejam a cicatriz do coração, pois pelas cicatrizes são conhecidos os homens que palmilham o caminho do amor”.

A pergunta do vigésimo segundo pássaro e a descrição do primeiro vale ou o Vale da Busca

Esse pássaro disse à Poupa:

“Ó tu, que conheces a estrada de que nos falaste e pela qual desejas que te acompanhem, para mim o caminho é escuro e, na escuridão, parece-me ser muito difícil e ter muitas parasangas de extensão”.

A Poupa respondeu:

“Temos sete vales para cruzar, e só depois de havê-los cruzado descobriremos o Simurgh. Nenhuma das criaturas que já fizeram essa jornada regressou ao mundo, e é impossível dizer quantas parasangas temos de percorrer. Sê paciente, ó tu que tens medo, pois todos os que seguiram por esta estrada estavam como estás.

“O primeiro vale é o Vale da Busca; o segundo, o Vale do Amor; o terceiro, o Vale da Compreensão; o quarto é o Vale da Independência e do Alheamento; o quinto, o Vale da Unidade Pura; o sexto, o Vale do Espanto; e o sétimo é o Vale da Pobreza e do Nada, além do qual não se pode ir.

“Quando entrares no primeiro, o Vale da Busca, cem dificuldades te saltarão; serás submetido a uma centena de provas. Ali, o papagaio do céu não é mais que uma mosca. Ali terás de passar vários anos, terás de fazer grandes esforços e modificar o teu estado. Terás de abrir mão de tudo o que te pareceu precioso e achar que é nada tudo o que possuis. Quando estiveres seguro de que nada possuis, ainda terás de alhear-te de tudo o que existe. Teu coração ter-se-á, então, salvo da perdição, e verás a pura luz da Divina Majestade e teus desejos reais se multiplicarão ao infinito. Quem ali ingressa se enche de um desejo tão grande que se entregará plenamente à busca simbolizada por esse vale. Pedirá ao seu escanção um gole de vinho e, depois de tomá-lo, nada mais terá importância para ele senão a busca da verdadeira meta. E, então, já não se arrepeará dos dragões, dos guardas da porta, que procuram devorá-lo. Quando se abre a porta e ele entra, o dogma, a crença e a descrença — todos deixam de existir.”

Extrato de “Ganj-Nama”, o Livro do Tesouro de Osman Amru

Quando Deus comunicou o sopro puro da vida ao corpo de Adão, que era apenas terra e água, não quis que as hostes de anjos soubessem e nem mesmo suspeitassem disso. Disse-lhes, portanto:

“Prosternai-vos diante de Adão, ó Espíritos Celestiais!”

Todos se prosternaram até o chão, e, enquanto se achavam inclinados, Deus comunicou o sopro da vida a Adão, e nenhum deles teve conhecimento do segredo que Deus desejava ocultar. Isto é, nenhum senão Iblis, que disse a si mesmo: “Ninguém me verá dobrar o joelho. Ainda que a cabeça me caia do corpo, isso não será tão mau quanto fazer o que Deus quer. Sei muito bem que não se trata apenas de Adão estar ou não estar na terra, e, por conseguinte”, não pretendo inclinar a cabeça e deixar de presenciar o segredo”. Assim, em vez de prostrar-se, Iblis ficou atento e viu o segredo. Mas Deus disse:

“Ó tu, que estavas espreitando, roubaste-me o segredo e, por isso, provocar-te-ei a morte, pois não quero que nenhum outro ser o conheça. Quando um rei da terra esconde um tesouro, mata a pessoa que o viu escondendo. Tu és essa pessoa”.

“Senhor”, acudiu Iblis, “concedei-me uma trégua, pois sou vosso servo; e dizei-me: como poderei expiar meu pecado?”

“Visto que ma pedes”, anunciou Deus, “conceder-te-ei uma trégua; apesar disso, a partir deste momento pôr-te-ei no pescoço o colar da maldição e impor-te-ei o nome de mentiroso e caluniador para que toda gente se acautele de ti até o dia da ressurreição.”

Disse Iblis:

“Que posso temer da vossa maldição desde que esse puro tesouro se manifestou para mim? Assim como vem de vós a maldição, assim também vem a misericórdia. Onde há o veneno há também o antídoto. Amaldiçoaís algumas criaturas e abençoais outras. Agora que delinqüi sou a criatura da vossa maldição”.

Se não podes descobrir e entender o segredo de que falo, não é por ele não existir, senão por não procurares direito. Se fazes distinção entre as coisas que vêm de Deus, não és um homem no caminho do espírito. Se te consideras honrado pelo diamante e humilhado pela pedra, Deus não está contigo. Nota bem, não debes desamar o diamante e detestar a pedra, pois ambos vêm de Deus. É melhor que tua amante, num momento de exaltação, te atire uma pedra do que uma mulher atirar-te uma jóia.

No caminho do aperfeiçoamento de si mesmo, o homem não deve perder tempo nem por um instante. Se ele cessar, por um átimo sequer, de trabalhar pelo próprio aperfeiçoamento, ficará para trás.

História de Majnun

Um homem que amava a Deus surpreendeu Majnun peneirando a terra da estrada e perguntou:

“Majnun, que estás procurando?”

“Estou procurando Laïla”, respondeu ele.

E o homem tornou a perguntar:

“Esperas encontrar Laïla aqui?”

“Procuro-a em todos os lugares”, tornou Majnun, “na esperança de encontrá-la em algum deles.”

Yussuf Hamdani

Yussuf Hamdani foi um homem célebre do seu tempo, um vidente, que compreendia os segredos dos mundos. Foi ele quem disse:

“Tudo o que se vê, quer nas alturas quer nas profundezas — cada átomo, na verdade —, é outro Jacó pedindo notícias de José, que ele perdeu”.

No caminho espiritual, tanto o amor quanto a esperança são necessários. Se não os tiveres, melhor será que renunciés à busca. O homem precisa tentar ser paciente. Mas é paciente o amante? Sê paciente e forceja, esperançoso, por encontrar alguém que te mostre o caminho. Mantém-te dentro de ti mesmo e não deixes a vida exterior capturar-te.

A história de Abu Sa'id Mahnah

O xeque Mahnah se achava num estado de grande perplexidade, com o coração partido em dois pedaços, quando viu, à distância, um velho aldeão de aparência piedosa, que caminhava, pachorrento. Do seu corpo emanava uma luz brilhante. O xeque cortejou-o e falou-lhe, em seguida, sobre o triste estado em que se encontrava. O velho aldeão ouviu-o, atento, e, depois de refletir um pouco, disse:

“Ó Bu Sa'id, se se enchesse de painço, não uma mas cem vezes, o espaço que medeia entre a terra mais baixa e o trono de Deus, e um passarinho comesse um grão de painço de mil em mil anos e depois desse cem voltas ao redor da terra, nem mesmo após todo esse tempo tua alma teria recebido notícias da corte celeste, e Bu Sa'id ainda estaria muito longe dela”.

Uma grande paciência é necessária aos que sofrem; mas ninguém é paciente. Quando se desvia a busca do interior para o exterior, e ainda que se estenda a todo o universo, ao cabo será insatisfatória. Quem não se empenha na busca da vida interior não passa de um animal — que direi? nem sequer existe, é uma não-entidade, uma forma sem alma.

Mahmud e o buscador de ouro

Certa noite, Mahmud, cavalgando sozinho, viu um homem peneirando terra à procura de ouro; tinha a cabeça inclinada e já fizera, aqui e ali, várias pilhas de terra peneirada. O sultão olhou para ele, jogou seu bracelete entre as pilhas de terra e arrancou-se dali a galope. Na noite seguinte, Mahmud voltou ao mesmo lugar e deu com o homem ainda peneirando.

“O que encontraste ontem deveria ser suficiente para pagar o tributo do mundo, e ainda assim continuas a joeirar!”, admirou-se o sultão.

E o homem respondeu:

“Achei o bracelete que jogastes, e foi por ter achado um tesouro desse quilate que preciso continuar a procurar enquanto viver”.

Sê como esse homem e procura até que a porta se abra para ti. Teus olhos não estarão fechados para sempre; procura a porta.

Uma sentença de Rabi'ah

Um homem rezava:

“Ó Senhor, abri uma porta para eu poder chegar a vós”.

Ouvindo-o, Rabi'ah exclamou:

“Ó idiota! A porta está fechada?”

O segundo vale ou o Vale do Amor

A Poupa continuou:

“O vale seguinte é o Vale do Amor. Para entrar nele é mister ser fogo flamejante — como o direi? O próprio homem precisa ser fogo. O rosto do amante há de estar inflamado, ardente e impetuoso como o fogo. O verdadeiro amor não conhece reflexões tardias; com o amor, o bem e o mal deixam de existir.

“Mas quanto a vós, negligentes e descuidados, este discurso não vos dirá nada, vossos dentes nem sequer o tocarão. Uma pessoa leal arrisca o dinheiro que tem à mão, arrisca a própria cabeça para estar unida ao amigo. Outras se contentam em prometer o que farão por ti amanhã. Se aquele que enveredar por este caminho não se empenhar total e completamente, nunca se livrará da tristeza e da melancolia que o acabrunham. Enquanto não atinge a meta, o falcão mostra-se agitado e aflito. Se for arremessado à praia pelas ondas, o peixe lutará por retornar à água.

“Neste vale, o amor é representado pelo fogo, e a razão, pela fumaça. Quando chega o amor, a razão desaparece. A razão não pode viver com a loucura do amor; o amor não tem nada que ver com a razão humana. Se possúres a visão interior, os átomos do mundo visível ser-te-ão manifestados.

Mas se vires as coisas com os olhos da razão comum, jamais compreenderás quão necessário é amar. Só o homem posto à prova e livre pode senti-lo. Quem empreende esta jornada deveria ter mil corações para poder sacrificar um a cada momento.”

Um “khoja” amoroso

Um khoja vendeu quanto possuía — móveis, escravos, tudo, só para comprar cerveja de um jovem cervejeiro. Ficou completamente louco de amor pelo cervejeiro. Vivia com fome, porque, se lhe dessem pão, vendia-o para comprar cerveja. Afinal, alguém lhe perguntou:

“Que amor é esse que te reduz a tão lamentável estado? Conta-me o segredo!”

“O amor é tal”, replicou ele, “que venderás a mercadoria de uma centena de mundos para comprar cerveja. Enquanto não o compreenderes, não experimentarás o verdadeiro sentimento do amor.”

Uma história de Majnun

Os pais de Laïla recusavam-se a deixar Majnun aproximar-se das suas tendas. Porém Majnun, ébrio de amor, pediu emprestada uma pele de carneiro a um pastor do deserto, onde a tribo de Laïla armara suas tendas. Abaixou a cabeça, vestiu a pele e disse ao pastor:

“Em nome de Deus, deixa que eu me arraste no meio dos teus carneiros; depois, passa com o rebanho diante da casa de Laïla, para que eu possa talvez sentir-lhe o suave perfume e, escondido nesta pele, excogitar alguma coisa”.

O pastor satisfez ao pedido de Majnun, e, enquanto passavam pela tenda da moça, este a viu e desmaiou. O pastor levou-o dali para o deserto e jogou-lhe água no rosto a fim de esfriar-lhe a ardência do amor.

Outro dia, estava Majnun no deserto com alguns companheiros, quando um deles lhe perguntou:

“Como podes tu, um nobre, andar nu por aí? Se quiseres, arranjar-te-ei algumas roupas”.

Majnun recusou:

“Nenhum traje que eu possa usar é digno da minha amiga, de modo que, para mim, não há nada melhor do que o meu corpo nu ou uma pele de carneiro. Ela é para mim um *ispand*, que afugenta o mau-olhado. Majnun envergaria de bom grado vestidos de seda e panos de ouro, mas prefere esta pele de carneiro, por cujo intermédio conseguiu uma visão de Laïla”.

O amor dá cabo da tua prudência. O amor modifica tua atitude. Amar é desistir da vida comum e renunciar aos prazeres vulgares.

Um mendigo apaixonado por Ayaz

Um pobre dervixe apaixonou-se, de uma feita, por Ayaz, e a notícia logo se espalhou. Quando Ayaz passava a cavalo pela rua, recendendo a almíscar, esse libertino espiritual, que se mantinha à espreita, corria para vê-lo, quedando-se a contemplá-lo como o jogador de pólo crava os olhos na bola. Finalmente, chegou aos ouvidos de Mahmud a história do mendigo apaixonado por Ayaz. Um belo dia, quando Ayaz cavalgava com o sultão, este último se deteve, baixou os olhos para o dervixe e viu que a alma de Ayaz era como o grão de cevada, e o rosto do homem, como a bola de massa que o encerra.

Viu que as costas do mendigo estavam curvadas como um taco de pólo e que a cabeça lhe girava para todos os lados ao mesmo tempo, como a própria bola do jogo de pólo. Disse Mahmud:

“Miserável mendigo, esperas beber na taça do sultão?”

“Embora me chameis de mendigo”, replicou o dervixe, “no jogo do amor não sou inferior a vós. O amor e a pobreza andam juntos. Sois o soberano, e vosso coração é luminoso; mas para o amor faz-se mister um coração ardente como o meu. O vosso amor é trivial. Eu sofro a dor da ausência. Estais com o amado; mas no amor cumpre saber suportar a dor da ausência.”

Voltou o sultão:

“Ó tu, que te retiraste da existência comum, o amor é para ti um jogo de pólo?”

“É”, confirmou o mendigo, “porque a bola está sempre em movimento, como eu, e eu estou como a bola. A bola e eu temos uma cabeça que gira, embora não tenhamos mãos nem pés. Podemos falar sobre o sofrimento que o taco nos causa; mas a bola é mais feliz do que eu, pois o pónei a toca, de vez em quando, com os pés. A bola recebe os golpes do taco no corpo, mas eu os sinto no coração.”

“Pobre dervixe!”, disse o sultão, “tu te gabas da tua pobreza, mas onde está a prova?”

“Se sacrifico tudo pelo amor”, replicou o dervixe, “eis aí uma prova da minha pobreza espiritual. E se um dia, ó Mahmud, tiverdes a experiência do verdadeiro amor, sacrificai por ela a vida; se não o fizerdes, não tereis o direito de falar de amor.”

Isso dizendo, morreu, e o mundo escureceu para Mahmud.

Um árabe na Pérsia

Um árabe certa vez foi à Pérsia e ficou espantado com os costumes do país. Um dia, sucedeu-lhe passar pela habitação de um grupo de *qalandars* e viu um punhado de homens que não diziam uma palavra. Não tinham esposas e nem sequer um óbolo, mas eram puros de coração e impolutos. Cada um deles segurava um frasco de vinho turvo, que enchia com cuidado antes de sentar-se. O árabe simpatizou com os homens; estacou, e nesse momento, faltaram-lhe a mente e o coração. Nisso, os *qalandars* lhe disseram:

“Entra, ó tu que és nada!”

E ele, conquanto vacilasse, entrou. Deram-lhe um copo de vinho, e o árabe, incontinenti, perdeu o juízo. Ficou bêbado, e sua força reduziu-se a nada. O ouro, a prata e os pertences de valor lhe foram tirados por um dos *qalandars*. Deram-lhe mais vinho e, por fim, puseram-no para fora da casa.

Pouco depois, voltou o árabe para a sua terra, mesquinho e pobre, com o estado alterado e os lábios secos. Chegado à aldeia natal, os companheiros lhe perguntaram:

“Que aconteceu? Que fizeste do teu dinheiro e das tuas coisas de valor? Foram-te roubados enquanto dormias? Foste mal sucedido na Pérsia? Conta-nos! Talvez possamos ajudar-te!”

“Eu estava andando pela rua”, contou ele, “quando, de improviso, topei com os *qalandars*. Não sei o que aconteceu, a não ser que minhas propriedades e eu fomos separados um dos outros e agora não tenho mais nada.”

Pediram-lhe que descrevesse os *qalandars*, e ele apenas respondeu:

“Eles simplesmente me disseram: ‘Entra’ “.

A partir de então, ficou o árabe num estado de surpresa e espanto, como se fosse uma criança, pasmado com a palavra “entra”.

Tu também, põe o pé à frente. Se não quiseses fazê-lo, segue tuas fantasias. Mas, se preferires os segredos do amor de tua alma, sacrifica tudo. Perderás o que julgas valioso, mas logo ouvirás a palavra sacramental: “Entra”.

O apaixonado que perdeu a amante

Um homem de ideais elevados enamorou-se de formosa jovem. Mas, à proporção que o tempo passava, aquela a quem ele dera o coração começou a emagrecer e acabou ficando amarela como uma vergôntea de açafão. O dia radioso desapareceu-lhe do coração; e a

morte, que espreitava à distância, acercou-se. Quando soube disso, o apaixonado tomou de uma adaga e disse:

“Irei aonde está a minha amada e a matarei, para que essa beleza, que é como um quadro maravilhoso, não morra pela mão da natureza”.

“Estás louco!”, objetaram-lhe. “Por que queres matá-la se ela já está prestes a morrer?”

Retrucou o apaixonado:

“Se ela morrer por minhas mãos, serei morto também, visto que não me é permitido fazê-lo. Então, no dia da ressurreição, estaremos juntos como estamos agora. Se eu for executado por culpa da minha paixão por ela, seremos como um só, como a chama clara de uma vela acesa”.

Os amantes que arriscam a vida pelo seu amor ingressam no Caminho. Unem-se, na vida do Espírito, ao objeto da sua afeição.

Abraão e o anjo da morte

Quando o amigo de Deus se viu à beira da morte, re-lutou em entregar a alma a Azrael.

“Espera”, disse a Azrael. “O Rei do Universo pediu-a?”

Mas Deus, o Altíssimo, perguntou a Abraão:

“Se fosses verdadeiramente meu amigo, não desejarias vir a mim? Quem lamenta dar a vida pelo amigo tê-la-á arrancada de si pela espada.

Nisso, um dos presentes acudiu:

“Ó Abraão, Luz do Mundo, por que não queres entregar de boa vontade a vida a Azrael? No Caminho Espiritual, os amantes arriscam a vida pelo seu amor; dás à tua excessiva importância”.

Respondeu Abraão:

“Como posso deixar ir minha vida se Azrael pôs o pé no caminho? Não fiz caso do pedido dele porque pensei apenas em Deus. Quando Nenrode me atirou ao fogo e Gabriel veio ter comigo, não fiz caso dele porque pensei apenas em Deus. E visto que desviei o rosto de Gabriel, como se há de esperar que eu entregue a alma a Azrael? Quando eu ouvir as palavras de Deus: ‘Dá-me tua vida!’, ela, então, valerá menos que um grão de cevada. Como darei minha vida a alguém se esse alguém não ma pedir? Isso é tudo o que tenho a dizer”.

40

O terceiro vale ou o Vale da Compreensão

A Poupa continuou:

“Depois do vale de que vos falei vem outro — o Vale da Compreensão, sem começo nem fim. Nenhum caminho é igual a esse, e a distância que há de ser percorrida para atravessá-lo desafia qualquer cálculo.

“A compreensão, para cada viandante, é duradoura; mas o conhecimento é temporário. A alma, como o corpo, se acha em estado de progresso ou declínio; e o Caminho Espiritual só se revela na medida em que o viajor supera suas faltas e fraquezas, seu sono e sua inércia. Cada qual chegará mais perto da própria meta de acordo com o seu esforço. Ainda que voasse com toda a força que possui, poderia um mosquitinho igualar a velocidade do vento? Há diferentes modos de cruzar esse vale, e nem todos os pássaros voam do mesmo jeito. A compreensão pode ser alcançada de várias maneiras — alguns encontraram o Mihrab, outros o ídolo. Quando o sol da compreensão alumia essa estrada, cada qual recebe luz de acordo com o seu mérito e chega à etapa que lhe foi destinada na compreensão da verdade. Quando se lhe revela claramente o mistério da essência dos seres, a fornalha deste mundo se transmuda em jardim de flores. Quem se esforça verá a amêndoa na casca dura. Já não se preocupa consigo mesmo, mas ergue a vista para o rosto do amigo. Em cada átomo verá o todo; e meditará sobre milhares de segredos brilhantes.

“Mas, para cada um que encontrou os mistérios, quantos não terão perdido o caminho nessa busca! É necessário que seja profundo e duradouro o desejo de nos tornarmos o que devemos ser, a fim de cruzarmos esse dificultoso vale. Assim que tiverdes provado os segredos, tereis o desejo verdadeiro de compreendê-los. Mas, seja o que for que possais atingir, nunca vos esqueçais das palavras do Corão: ‘Há mais alguma coisa?’

“Quanto a ti, que estás dormindo (e não posso louvar-te por isso), por que não vestes luto? Tu, que não viste a beleza do teu amigo, levanta-te e procura! Por quanto tempo ainda ficarás como estás, como burro sem cabresto?”

Lágrimas de pedra

Há um homem na China que coleciona pedras sem cessar. Derrama lágrimas copiosas e, à medida que caem ao chão, as lágrimas se transformam em pedras, que ele volta a ajuntar. Se as nuvens chorassem lágrimas como estas, haveria matéria de muita tristeza e dor.

O verdadeiro conhecimento torna-se propriedade do verdadeiro buscador. Se for preciso procurar o conhecimento na China, vai até lá. Mas o conhecimento é distorcido pela mente formal, petrifica-se, como as pedras. Por quanto tempo ainda há de ser mal compreendido o conhecimento verdadeiro? Este mundo, esta casa de tristezas, está no escuro; mas o verdadeiro conhecimento é uma jóia, arderá qual lâmpada e guiar-te-á neste lugar sombrio. Se desprezares a jóia, serás para sempre presa do arrependimento. Se ficares para trás, chorarás lágrimas amargas. Mas se dormires pouco de noite e jejuares de dia, talvez encontres o que procuras. Procura, pois, e perde-te na procura.

O amante adormecido

Um amante desassossegado, com a mente conturbada, exausto de tanto suspirar, caiu no sono sobre uma sepultura. Encontrando-o adormecido, sua amada, que andava a procurá-lo, escreveu uma nota e pregou-a na capa do amante. Quando este acordou e leu o que ela escrevera, gemeu, angustiado; a nota rezava:

“Ó homem néscio! Ergue-te! Se fores mercador, mercadeja e ganha dinheiro; se fores asceta, desperta de noite, ora a Deus e sê seu escravo. Mas se fores amante, envergonha-te. Que tem que ver o sono com os olhos do amante? De dia, mede o vento; à noite, o coração em chamas ilumina-lhe o rosto com o fulgor da lua. Como não és esse homem, não digas mais que me amas. Se um homem for capaz de dormir em outro lugar que não o seu sudário, posso chamar-lhe amante — porém de si mesmo”.

A sentinela apaixonada

Um soldado estava apaixonado. Mesmo que não estivesse de guarda, não conseguia descansar. Afinal, um amigo implorou-lhe que dormisse umas poucas horas. Contraveio o soldado:

“Sou uma sentinela e estou apaixonado. Como posso descansar? Um soldado em serviço não pode dormir, de modo que é uma vantagem para ele estar apaixonado. Todas as noites o amor me põe à prova, e assim me mantenho desperto e fico de guarda no forte. O amor é amigo da sentinela, pois a vigília passa a fazer parte dela; quem chega a esse estado estará sempre de guarda”.

Não durmas, ó homem, se estás forcejando por lograr o conhecimento de ti mesmo. Guarda bem a fortaleza do teu coração, pois há ladrões em toda parte. Não consintas que os bandidos roubem a jóia que carregas. O verdadeiro conhecimento virá para quem se mantém acordado. Aquele que fica pacientemente de guarda saberá quando Deus se chegar a ele. Os verdadeiros amantes que desejam entregar-se à embriaguez do amor separam-se juntos. Quem tem o amor espiritual tem nas mãos as chaves dos dois mundos. Quem é mulher torna-se homem; quem é homem torna-se um oceano profundo.

Mahmud e o idiota de Deus

Um dia, no deserto, Mahmud avistou um faquir com a cabeça dobrada pela dor e as costas arqueadas pelo sofrimento. Quando o sultão se dirigiu a ele, o homem rechaçou-o, desabrido:

“Vai-te embora, ou te moerei de pancadas. Digo-te que vás embora, pois não és monarca nenhum, senão um homem de pensamentos vis, um infiel na graça de Deus”.

Mahmud respondeu-lhe com aspereza:

“Fala comigo como se deve falar a um sultão e não dessa maneira”.

“Se soubesses, ó ignorante”, replicou o faquir, “como estás virado do avesso, não haveria terra nem cinzas que te bastassem; lastimar-te-ias sem parar e atearias fogo à cabeça.”

O quarto vale ou o Vale da Independência e do Alheamento

A Poupa prosseguiu:

“Depois vem o vale onde não há nem o desejo de possuir nem a vontade de descobrir. Nesse estado da alma sopra um vento frio, tão violento que, num ápice, devasta um espaço imenso: os sete oceanos não são mais que uma lagoa, os sete planetas, mera centelha, os sete céus, um cadáver, os sete infernos, gelo quebrado. Além disso, há uma coisa surpreendente, que foge à razão: uma formiga tem a força de cem elefantes, e cem caravanas se destroem enquanto um corvo enche o papo.

“Para que Adão pudesse receber a luz celestial, grande quantidade de anjos vestidos de verde se consumiram de tristeza. Para que Noé pudesse converter-se num carpinteiro de Deus e construir a arca, milhares de criaturas pereceram nas águas. Miríades de mosquitos precipitaram-se sobre o exército de Abradá para que o rei pudesse ser destronado. Milhares de recém-nascidos morreram para que Moisés pudesse ver a Deus. Milhares de pessoas cingiram o cinto cristão para que Cristo pudesse possuir o segredo de Deus. Milhares de corações e almas foram saqueadas para que Maomé pudesse subir, por uma noite, ao céu. Nesse vale nada que seja velho ou novo tem valor; podes agir ou não agir. Se visses um mundo inteiro ardendo até que os corações fossem reduzidos a simples *shish kabab*, seria apenas um sonho comparado com a realidade. Se miríades de almas caíssem neste oceano sem limites, seriam como uma gota de orvalho. Se o céu e a terra explodissem, feitos em partículas diminutas, seriam pouco mais que uma folha caída de uma árvore; e se tudo se aniquilasse, desde o peixe até a lua, encontrar-se-ia no fundo de um fosso a perna de uma formiga capenga? Se não subsistir vestígio algum de homens nem de *djins*, o segredo de uma gota d’água, a partir da qual tudo se formou, continuará sendo matéria de ponderação.”

O jovem que caiu num fosso

Na minha aldeia havia um jovem, belo como José, que caiu num fosso cuja terra desmoronou sobre ele. Quando o tiraram dali, estava em péssimo estado. Esse excelente jovem chamava-se Maomé e era querido de todos. Quando o viu, o pai gemeu e disse:

“Ó Maomé, és a luz dos meus olhos e a alma de teu pai. Ó meu filho, dize uma palavra a teu pai!”

O filho disse uma palavra e entregou a alma a Deus. E isso é tudo.

Ó tu, jovem discípulo no caminho do conhecimento espiritual, que és capaz de observar e ponderar, pensa em Maomé e Adão; pensa em Adão e nos átomos, no todo e nas partículas do todo; fala da terra e dos céus, das montanhas e do oceano; fala das fadas e dos deuses, dos homens e dos anjos, de cem mil almas puras; fala do momento penoso da entrega da alma; dize que cada indivíduo, alma e corpo, é nada. Se reduzires os dois mundos a pó e os joeirares cem vezes, que serão eles para ti? Serão como um palácio de pernas para o ar, e nada encontrarás na superfície da joeira.

Não é tão fácil atravessar esse vale quanto tu, na tua simplicidade, imaginas. Mesmo que o sangue do teu coração enchesse o oceano, serias apenas capaz de cumprir a primeira

fase. Mesmo que tivesses de percorrer todos os caminhos do mundo, ainda te encontrarias no primeiro passo. Nenhum viajor já viu o limite desta jornada nem achou remédio para o amor. Se te detiveres, serás petrificado e poderás até morrer; se prosseguires no caminho, sempre para a frente, ouvirás, até a eternidade, o grito: “Continua”. Não podes ir nem ficar. Não é vantagem viver nem morrer.

Que proveito tiraste de tudo o que te aconteceu? Que ganhaste com as dificuldades que pudeste suportar? Pouco importa que tenhas ou não batido a cabeça. Ó tu que me ouves, silencia e trabalha ativamente.

Desiste das tuas metas inúteis e persegue as coisas essenciais. Ocupa-te o menos possível das coisas do mundo exterior, porém muito das coisas do mundo interior; se o fizeres, a ação correta superará a inação. Mas os que não encontram remédio no agir, é melhor que não façam nada, visto que deves saber quando agir e quando deixar de fazê-lo. Mas como saber o que não podes saber? E, no entanto, é possível agir como se deve, mesmo sem o saber. Esquece o que fizeste até agora, e procura ser independente e auto-suficiente, conquanto às vezes chores e às vezes jubiles. Nesse quarto vale o relâmpago do poder, que é o descobrimento dos teus próprios recursos, da auto-suficiência, flameja tanto que o calor consome cem mundos. E uma vez que centenas de mundos são reduzidos a pó, será acaso estranho que o teu também desapareça?

O astrólogo

Já viste um sábio estender uma tabuinha e cobri-la de areia para nela traçar figuras e desenhos, e colocar as estrelas e os planetas, e os céus e a terra? Às vezes faz uma predição dos céus, às vezes, da terra. Desenha também as constelações e os signos do zodíaco, indica o ascender e o declinar das estrelas, e disso deduz bons ou maus augúrios. Depois de fazer um horóscopo, de boa ou má fortuna, pega na tabuinha por um canto e espalha a areia, e é como se todos aqueles sinais e figuras nunca tivessem existido.

A superfície accidental deste mundo semelha a tabuinha. Se não tens força para resistir ao desejo das coisas superficiais do mundo, afasta-te dele e senta-te num canto. Homens e mulheres entram na vida sem nenhuma idéia do mundo interior ou exterior.

A mosca e o mel

Uma mosca à procura de mel avistou uma colméia no jardim. O desejo do mel colocou-a em tal estado que a tomaríeis por um Azrael. E ela gritou:

“Darei um óbolo a quem me ajudar a entrar nessa colméia”.

Alguém ficou com pena dela e, por um óbolo, ajudou-a a entrar. Mas, assim que ela entrou, suas patas ficaram grudadas no mel. Por mais que batesse as asas e se agitasse, as coisas só pioravam para ela, e a coitada se pôs a gemer:

“Isto é tirania, isto é veneno. Estou presa. Dei um óbolo para entrar e agora daria dois, com prazer, para sair”.

“Neste vale”, continuou a Poupa, “ninguém deve permanecer inativo, e só há de entrar nele depois de haver alcançado certo estágio de desenvolvimento. Este é o momento

de trabalhar em vez de viver na incerteza e passar o tempo descuidadamente. Desperta da apatia, renuncia aos apegos internos e externos e cruza esse vale difícil; pois, se não renunciare a eles, tornar-te-ás mais descuidado que os adoradores de muitos deuses e nunca serás auto-suficiente.”

Palavras de um xeque a um discípulo

Um discípulo pediu ao mestre que respondesse a uma pergunta ociosa. Disse o xeque:

“Primeiro lava o rosto. Pode-se sentir o perfume do almíscar no cheiro da putrefação? Não transmito conhecimentos a bêbados”.

O dervixe apaixonado pela filha do tratador de cães

Era uma vez um célebre xeque que usava a *khirka* da pobreza e se apaixonou perdidamente pela filha de um homem que tinha por ofício tratar de cachorros. Na esperança de vê-la, o xeque vivia e dormia na rua. Sabendo disso, a mãe da moça disse ao xeque:

“Não ignoras, naturalmente, que somos tratadores de cães; entretanto, visto que te enamoraste de nossa filha, poderás casar-te com ela dentro de um ano, e morar conosco; mas terás de ser também tratador de cães e aceitar o nosso modo de vida”.

Como o xeque não fosse fraco em matéria de amor, despiu o manto de sufi e atirou-se ao trabalho. Todos os dias levava um cachorro ao bazar, e assim fez durante quase um ano. Um belo dia, outro sufi, que também era seu amigo, interpelou-o:

“Ó homem de nada, durante trinta anos trabalhaste e meditaste em coisas espirituais, e agora fazes o que teus iguais nunca fizeram!”

Replicou o xeque:

“Não vês as coisas à sua verdadeira luz, por isso pára de protestar. Se queres entender, fica sabendo que só Deus conhece o segredo e só ele pode revelá-lo. É melhor parecer ridículo do que nunca haver penetrado, como tu, nos segredos do Caminho espiritual”.

42

O quinto vale ou o Vale da Unidade

A Poupa continuou:

“Cruzarás depois o Vale da Unidade, onde tudo é partido em pedaços e, em seguida, unificado. Aqui, todas as cabeças que se erguem saem da mesma gola. Embora te pareça ver muitos seres, na realidade só existe um — todos fazem um, completo na unidade. Além disso, o que vês como unidade não difere do que te parece uma soma. E como o Ser a que me refiro está além da unidade e da soma, cessa de pensar na eternidade como em antes e depois; e como essas duas eternidades desapareceram, deixa de falar nelas. Quando tudo o que é visível estiver reduzido a nada, que sobrá para se contemplar?”

A resposta de um idiota de Deus

Alguém perguntou a um homem de entendimento:

“Que é o mundo? A que se pode comparar?”

Ele replicou:

“Este mundo, composto de horrores e crime, é como uma palmeira de cera enfeitada de uma centena de cores. Espremida, converte-se numa massa de cera; por conseguinte, as cores e formas que admiras não valem um óbolo. Havendo unidade não pode haver dualidade; nem o “eu” nem o “tu” têm importância.

“Mas de que valem minhas palavras, embora subam do fundo da minha alma, se não as remóis? Se caíres no oceano da vida exterior, como a perdiz cujas asas e penas já não podem sustentá-la, nunca deixes de pensar em como chegar à praia.”

O xeque Bu Ali Dakkah

Uma velha ofereceu a Bu Ali uma moeda de ouro, dizendo:

“Aceita isto de mim”.

“Só posso aceitar coisas de Deus”, retrucou ele.

“Onde aprendeste a ver em dobro?”, tornou a velha. “Não és homem de poder para atar e desatar. Se não fosses vesgo, verias várias coisas ao mesmo tempo?”

Não há Caaba nem Pagode. Aprende de minha boca a verdadeira doutrina — a eterna existência do Ser. Não devemos ver ninguém mais senão ele. Estamos nele, por ele e com ele. Também podemos estar fora desses estados. Quem não estiver imerso no Oceano da Unidade não é digno da raça dos homens.

Dia virá em que o sol retirará o véu que o cobre. Enquanto estiveres dividido, o bem e o mal surgirão em ti; mas quando te perderes no sol da essência divina, eles serão ultrapassados pelo amor. Enquanto te retardares na estrada, serás detido por faltas e fraquezas. Ainda não te deste conta de que em teu corpo há convencimento, vaidade, presunção, egoísmo e outras coisas sujas? Posto que a serpente e o escorpião pareçam mortos dentro de ti, estão apenas adormecidos; e se alguma coisa os tocar, despertarão com a força de cem dragões. Em cada um de nós há um inferno de serpentes. Se te colocares a salvo dessas criaturas imundas, poderás ficar sossegado; senão, elas te picarão até na poeira do túmulo e até o dia da prestação de contas.

E agora, ó Attar, deixa os teus discursos metafóricos e volta à descrição do misterioso Vale da Unidade.

A Poupa continuou:

“Quando penetrar nesse vale, o viajante espiritual desaparecerá e perder-se-á de vista porque o Ser Único se manifestará; permanecerá em silêncio porque o Ser falará.

“A parte se transformará no todo, ou melhor, não haverá nem parte nem todo. Na Escola do Segredo verás milhares de homens dotados de conhecimento intelectual, com os lábios separados, em silêncio. Que é aqui o conhecimento intelectual? Detém-te na soleira

da porta como uma criança cega. Quem descobre alguma coisa desse segredo desvia o rosto do reino dos dois mundos. O Ser de que falo não existe separadamente; todos são esse Ser, a existência e a inexistência são esse Ser.”

A prece de Lokman de Sarkhasi

— Disse Lokman de Sarkhasi:

“Ó Deus, estou velho, minha mente perturbou-se; desviei-me do Caminho. A um velho escravo dá-se carta de alforria. No vosso serviço, ó meu rei, meus cabelos negros se tornaram brancos como a neve. Sou um escravo em estado de profunda depressão; dai-me agora a carta de alforria”.

Uma voz do mundo interior replicou:

“Tu, que foste especialmente admitido ao santuário, sabes que aquele que deseja livrar-se da escravidão precisa primeiro descartar-se da razão e não se ocupar de cuidados e ansiedades”.

“Ó meu Deus”, tornou Lokman, “só vos desejo a vós, e sei que não devo ceder à imaginação, aos cuidados, à ansiedade.”

Depois que Lokman renunciou a essas coisas, disse:

“Agora não sei o que sou. Não sou escravo, mas que sou eu? Minha escravidão terminou, mas minha liberdade não aconteceu: não tenho alegria nem tristeza no coração. Careço de qualidade, embora não tenha sido despojado dela. Sou um contemplativo e, todavia, não possuo contemplação. Não sei se tu és eu ou se eu sou tu; fui reduzido a nada em ti e a dualidade se perdeu”.

Um apaixonado salva a amada das águas

Uma jovem caiu no rio e seu amante atirou-se à água com a intenção de salvá-la. Quando ele se avizinhou, a moça perguntou:

“Por que arriskas a vida por minha causa?”

E ele respondeu:

“Para mim não existe outra pessoa senão tu. Quando estamos juntos eu realmente sou tu e tu és eu. Nós dois somos um. Nossos corpos são um só, e isso é tudo”.

Quando desaparece a dualidade, encontra-se a unidade.

Outra história de Mahmud e Ayaz

Conta-se que, certa vez, Farouk e Masoud estavam presentes a uma revista do exército de Mahmud, que consistia num sem-número de elefantes, cavalos e soldados, de tal sorte que a terra se diria coberta de formigas e gafanhotos. Ayaz e Hassan acompanhavam Mahmud, que ia sentado, a cavaleiro de todos.

Enquanto o imenso exército marchava diante deles, o grande monarca desatou a língua e disse a Ayaz:

“Meu filho, todos esses elefantes, cavalos e homens, que eram meus, agora são teus, pois o amor que sinto por ti é tamanho que te vejo como um rei”.

Se bem essas palavras fossem proferidas pelo renomado Mahmud, Ayaz permaneceu indiferente e impassível; nem agradeceu ao rei, nem comentou o fato. Hassan, espantado, interpelou-o:

“Ayaz, um rei te honra, a ti, simples escravo, e nem sequer deixas transparecer o menor sinal de gratidão! Não te inclinaste nem te prostraste como prova de respeito!”

Ayaz pensou um pouco e respondeu:

“Devo dar duas respostas à tua censura: a primeira é que se eu, que não tenho estabilidade nem posição, quiser demonstrar minha devoção ao rei, só posso lançar-me ao pó diante dele numa espécie de humilhação, ou entoar-lhe os louvores com voz plangente. Entre fazer de mais ou de menos, o melhor é não fazer nada. O escravo pertence ao rei, e seu respeito ao soberano pressupõe-se. Quanto à honra que me faz este venturoso monarca, se os dois mundos lhe proclamassem os louvores, o testemunho deles jamais lhe igualaria o mérito. Se não procedo de maneira ostentosa e não faço protestos de fidelidade, é porque, na minha opinião, não sou digno de fazê-lo”.

Disse Hassan:

“Ó Ayaz, vejo agora que és reconhecido e digno de

uma centena de favores”. Logo, acrescentou: “Dá-me agora a segunda resposta”.

Ayaz, porém, respondeu:

“Não posso falar livremente diante de ti, só poderei fazê-lo a sós com o rei. Não és *mahram* do segredo”.

O rei pediu a Hassan que os deixasse, e, quando já não havia “nós” nem “eu”, Ayaz disse:

“Quando o rei se digna a lançar os olhos sobre mim aniquila-me a existência com o fulgor dos seus raios. Visto que já não existo sob a luz do seu glorioso sol, como me prosternarei? Ayaz é sua sombra, perdido no sol do seu rosto”.

43

O sexto vale ou o Vale do Espanto e da Perplexidade

Depois do Vale da Unidade vem o Vale do Espanto e da Perplexidade, onde o viajante é presa da tristeza e da melancolia. Ali os suspiros são espadas, e cada respiração é um amargo suspiro. A noite e o dia surgem ao mesmo tempo. Ali há fogo, e, sem embargo disso, o homem se sente deprimido e desalentado. Como, em sua perplexidade, prosseguirá no caminho? Mas quem alcançou a unidade se esquece de tudo e se esquece de si. Se lhe

perguntarem: “És ou não és? Tens ou não tens o sentimento da existência? Estás no centro ou na periferia? És mortal ou imortal?”, ele responderá com certeza:

“Nada sei, nada entendo, não tenho consciência de mim mesmo. Estou apaixonado, mas ignoro por quem. Meu coração está cheio e vazio de amor ao mesmo tempo”.

A princesa apaixonada pelo escravo

Um rei cujo império se estendia até os longínquos horizontes, tinha uma filha tão bela quanto a lua. Diante de sua formosura até as fadas se sentiam diminuídas. Seu queixo, em que se via uma covinha, parecia o poço de José, e as mechas de seus cabelos feriam uma centena de corações. As sobranceiras eram arcos gêmeos, e, quando ela desferia suas flechas, o espaço entre ambas cantava em seu louvor. Os olhos, lânguidos como o narciso, atiravam espinhos dos cílios no caminho do sábio. O rosto era como o sol quando desvirginou a lua. O anjo Gabriel não conseguia despregar a vista das pérolas e rubis da sua boca. Um sorriso dos seus lábios secava a água da vida em quem a contemplava, mas que, ainda assim, implorava uma esmola dos mesmos lábios. Quem lhe vislumbrasse o queixo cairia de ponta-cabeça numa fonte de água fervente.

O rei também tinha um escravo, tão belo que a sol empalidecia e a luz da lua esmaecia em sua presença. Quando ele caminhava pelas ruas e pela praça do mercado, multidões se detinham para contemplá-lo.

Um dia, por acaso, a princesa viu o escravo e, num momento, o coração lhe escorregou das mãos. A razão desertou-a e o amor tomou conta dela. Sua alma, doce como Shirin, ficou amarga. Afastando-se das companheiras, pôs-se a pensar e, pensando e refletindo, começou a arder. Em seguida, chamou suas dez jovens damas de honra, excelentes músicas, que tocavam charamelas e flautas, cujas vozes não se distinguiam da voz dos rouxinóis e cujos cantares, dignos de Davi, despedaçavam a alma. Reunindo-as à sua volta, falou-lhes do seu estado, dizendo estar pronta para sacrificar o nome, a honra e a vida pelo amor daquele moço; pois quando alguém está profundamente apaixonado não presta para mais nada.

“Mas”, ajuntou, “se eu lhe falar do meu amor, ele, sem dúvida, fará alguma coisa impensada. Se se divulgar a notícia de que fui íntima de um escravo, nós dois, ele e eu, sofreremos. Por outro lado, se ele não me possuir, morrerei lastimando-me atrás da cortina do harém. Li uma centena de livros que tratam da paciência, e nem mesmo assim a adquiri. Que posso fazer? Tenho de encontrar um modo de gozar o amor desse esbelto cipreste, de sorte que o desejo do meu corpo se harmonize com o anseio de minha alma — e isso tem de ser feito à revelia dele.”

Disseram, então, as donzelas de voz melodiosa:

“Não sofras. Hoje à noite o traremos aqui, desconhecido de todos, e nem ele ficará sabendo coisa alguma”.

Pouco depois, uma das moças se abeirou, em segredo, do escravo e pediu-lhe, como por brincadeira, que fosse buscar duas taças de vinho. Deitou uma droga numa das taças e fê-lo beber. Ele adormeceu incontinenti, permitindo à jovem levar a cabo o seu plano, e o moço de peito de prata ficou sem notícias dos dois mundos.

Quando a noite chegou, as damas de honra foram, pé ante pé, até onde estava o escravo adormecido, colocaram-no numa liteira e conduziram-no à princesa. Em seguida, sentaram-no num trono de ouro e cingiram-lhe a cabeça com uma coroa de pérolas. À meia-noite, ainda meio drogado, ele abriu os olhos e viu um palácio lindo como um paraíso e, à sua volta, assentos de ouro. Alumiam o lugar dez grandes velas perfumadas com âmbar, e um suave agáloco queimava em vasilhas. As donzelas puseram-se a cantar toadas tão doces que a razão disse adeus ao espírito e a alma, ao corpo. Logo, o sol do vinho circulou à luz das velas. Confuso diante da alegria do ambiente e ofuscado pela formosura da princesa, o moço perdeu o juízo. Já não se achava realmente neste mundo e tampouco no outro. Com o coração cheio de amor e o corpo possuído pelo desejo, em meio a tantas delícias, caiu em êxtase. Tinha o olhar cravado na beleza dela e os ouvidos presos ao som das flautas de bambu. Suas narinas absorviam o perfume do âmbar, e o vinho sabia-lhe na boca a fogo líquido. A princesa beijou-o, e ele derramou lágrimas de alegria, ao mesmo tempo que ela mesclava as suas às dele. Às vezes, ela lhe depositava beijos suaves nos lábios, às vezes sazonava-os com sal; às vezes, desmanchava-lhe os cabelos, às vezes se perdia nos olhos dele. Ele a possuiu; e assim passaram o tempo até que a aurora despontou no oriente. Quando o Zéfiro matutino suspirou, o jovem escravo entristeceu; mas as damas tornaram a adormecê-lo e levaram-no de volta aos seus aposentos.

Ao voltar a si, sem saber por quê, o moço de peito de prata principiou a chorar. Poder-se-ia dizer que tudo terminara e que, portanto, não valia a pena chorar. Ele rasgou as vestes, arrancou os cabelos, jogou terra na cabeça. Os que se achavam próximos perguntaram-lhe por que fazia tudo isso e o que ocorrera. Ele respondeu:

“Não consigo descrever o que vi, e ninguém mais poderá vê-lo, senão em sonhos, pois o que me aconteceu não pode ter acontecido a ninguém. Nunca houve mistério mais assombroso”.

“Acorda, e conta-nos, pelo menos, uma das cem coisas que sucederam”, pediu outro.

E ele:

“Estou confuso, porque o que vi me aconteceu em outro corpo. Ao mesmo tempo que não ouvia nada, ouvi tudo, e ao mesmo tempo que não via nada, vi tudo”.

“Perdeste o juízo ou apenas sonhaste?”, acudiu um terceiro.

“Não sei se estou bêbado ou sóbrio”, tornou ele. “Que pode ser mais desconcertante do que algo que não se revela nem se esconde? Jamais poderei esquecer o que vi, e, no entanto, não tenho a menor idéia de onde aconteceu. Durante toda a noite amei uma beldade sem igual. Não sei quem é nem o que é. Só ficou o amor, e isso é tudo. Mas Deus sabe a verdade.”

A mãe e a filha morta

Ao ver uma mãe chorando sobre o túmulo da filha, disse um homem que passava:

“Essa mulher é superior a nós, homens, pois sabe quem perdeu e de quem se separou. Feliz a mulher, ou o homem, que sabe quem perdeu e por quem chora. Quanto a mim, se bem esteja de luto e minhas lágrimas corram como chuva, não sei por quem choro. Esta mulher leva a palma a milhares como eu, pois encontrou o perfume do ser que ela perdeu”.

A chave perdida

Um sufi ouviu um homem gritar:

“Alguém achou uma chave? Minha porta está fechada e eu estou na poeira da rua. Se minha porta continuar fechada, que farei?”

Disse-lhe o sufi:

“Por que te amofinas? Já que esta é a tua porta, fica perto dela, ainda que esteja fechada. Se tiveres paciência para esperar o tempo suficiente, alguém, sem dúvida, a abrirá para ti. Estás em melhor situação do que eu, que não tenho porta nem chave. Prouvera a Deus que eu encontrasse uma porta, aberta ou fechada”.

O homem vive num estado de imaginação, num sonho; ninguém vê as coisas como são. A quem te perguntar “Que farei?”, responde-lhe: “Não faças o que sempre fizeste, não ajas como sempre agiste”. Quem ingressa no Vale do Espanto tem tristeza suficiente para cem mundos. Quanto a mim, estou perplexo e perdido. Para onde dirigirei meus passos? Oxalá o soubesse! Mas não te esqueças de que os gemidos dos homens trazem a misericórdia.

O discípulo que viu o mestre num sonho

Um discípulo, certa noite viu, num sonho, seu falecido professor e disse-lhe:

“Dizei-me em que estado vos encontrais agora. Desde que vos fostes, tenho andado perdido em perplexidade e queimado de dor”.

O pir explicou:

“Estou em tamanho estado de assombro que só posso morder o dorso da minha mão. Estou no fojo, atônito; e recebi um choque maior do que quantos já experimentei em vida”.

44

O sétimo vale ou o Vale da Privação e da Morte

A Poupa continuou:

“O último de todos, o Vale da Privação e da Morte, é quase impossível descrever. A essência desse vale é o esquecimento, a mudez, a surdez e a confusão; as mil sombras que te cercam desaparecem num único raio do sol celestial. Quando o oceano da imensidade começa a arfar, o modelo à superfície perde a forma; e esse modelo não é mais que o mundo presente e o mundo por vir. Quem declara que não existe acumula grandes méritos. A gota que se torna parte do imenso oceano, mora lá para sempre e em paz. Nesse mar calmo, o homem a princípio só experimenta humilhação e

destruição; mas quando emergir desse estado, compreendê-lo-á como criação, e muitos segredos lhe serão revelados.

“Muitos seres deixaram de dar o primeiro passo, e, assim, não puderam dar o segundo — só podem comparar-se a minerais. Reduzidos a cinzas, o agáloco e os espinhos parecem iguais — mas sua qualidade é diferente. Um objeto impuro caído numa água de rosas continua impuro em consequência de suas qualidades inatas; mas um objeto puro jogado no oceano perderá sua existência específica e participará do oceano e do seu movimento. Embora deixe de existir separadamente, conserva a beleza. Existe e não existe. Como pode ser isso? À mente não é dado concebê-lo.”

O conselho de Nassir Uddin

O amado de Tus, oceano de segredos espirituais, disse a um discípulo:

“Derrete-se no fogo do amor até te tornares fino como um fio de cabelo e estarás apto a tomar o teu lugar entre as madeixas da tua amada. Se os teus olhos estiverem voltados para o caminho e fores clarividente, contempla e pondera fio por fio de cabelo.

“Quem deixa o mundo para seguir o Caminho encontra a morte: quem encontra a morte, encontra a imortalidade. Ó coração, se tiveres sido virado do avesso, cruza a ponte Sirat e o fogo abrasador; pois quando se queima, o óleo da lâmpada produz uma fumaça tão negra quanto um velho corvo, mas, depois de consumido pelo fogo, deixa de ter uma existência grosseira.

“Se quiseses chegar àquela eminência, desfaz-te de ti mesmo; em seguida, sai do nada como outro Borak. Cinge a *khirka* do nada e bebe a taça da aniquilação; em seguida, cobre o peito com o cinto do apoucamento e põe na cabeça o albornoz da inexistência. Coloca o pé no estribo do desapego e impele o teu corcel inútil rumo ao lugar onde não há nada. Mas se subsistir em ti o menor egoísmo, os sete mares estarão, para ti, cheios de adversidade.”

A história das mariposas

Certa noite, as mariposas se reuniram, atormentadas pelo desejo de se juntarem à vela. Disseram:

“Precisamos mandar alguém à procura de informações sobre o objeto da nossa busca amorosa”.

Em vista disso, uma delas partiu. Chegou a um castelo e, dentro dele, viu a luz de uma vela. Regressou e relatou, segundo a sua compreensão, tudo o que vira. Mas, no entender da sábia mariposa que presidia à reunião, ela não percebera coisa alguma da vela. Nessas condições, outra mariposa seguiu caminho do castelo. Tocou a chama com a ponta das asas, mas o calor a fez recuar. Como o seu relatório não fosse mais satisfatório que o da primeira, a terceira mariposa partiu. Esta, bêbada de amor, atirou-se à chama; empolgou-a com as patas dianteiras e uniu-se alegremente a ela. Abraçou-a toda, e seu corpo ficou vermelho como o fogo. A mariposa sábia, que observava a cena de longe, ao ver que a chama e a mariposa pareciam uma só, disse:

“Ela aprendeu o que desejava saber; mas só ela compreende, e nada mais se pode dizer”.

Um sufi maltratado

Um sufi que flanava pela rua foi golpeado pelas costas. Voltou-se e disse ao vagabundo que o atingira:

“Aquele em quem bateste está morto há mais de trinta anos”.

O vagabundo repontou:

“Como é que um morto pode falar? Envergonha-te, não estás unido a Deus. Estares separado dele por um fio de cabelo é o mesmo que estares a cem mundos de distância”.

Quando fores reduzido a cinzas, incluindo a tua bagagem, não terás o menor sentido de existência; mas se subsistir em ti, como em Jesus, uma simples agulha, uma centena de ladrões estará à tua espera na estrada. Embora Jesus tivesse jogado fora a bagagem, a agulha ainda lhe arranhou o rosto.

Quando a existência se vai, nem riquezas nem impérios, nem honras nem dignidades têm algum significado.

O príncipe e o mendigo

Era uma vez um rei que tinha um filho tão encantador quanto José, cheio de graça e beleza. Amado de todos, todos os que o viam teriam gostado de ser o pó que ele calcava aos pés. Quando saía à noite, era como se um novo sol se houvesse erguido sobre o deserto. Seus olhos, semelhantes ao narciso negro, ateavam fogo ao mundo. Seu sorriso espalhava açúcar, e, por onde quer que caminhasse, mil rosas floresciam sem esperar a primavera.

Ora, um simples dervixe perdera o coração pelo jovem príncipe. Passava o dia e a noite sentado perto do palácio, sem comer e sem dormir. O rosto tornou-se-lhe como ouro amarelo, e seus olhos derramavam lágrimas de prata, pois seu coração se partira em dois. Teria morrido se, de quando em quando, não tivesse uma visão do jovem príncipe, quando este aparecia no bazar. Mas como poderia um príncipe como ele confortar um pobre dervixe naquele estado? No entanto, o homem singelo, que não passava de uma sombra, uma partícula de átomo, ambicionava aconchegar ao peito o sol radioso.

Um dia, quando o príncipe cavalgava à testa dos seus acompanhantes, o dervixe ergueu-se e soltou um grito, dizendo:

“Minha razão deixou-me, meu coração se consumiu, já não tenho paciência nem forças para sofrer”.

E bateu a cabeça no chão, defronte do príncipe. Um dos cortesãos achou melhor mandar matá-lo e foi ter com o rei.

“Senhor”, disse ele, “um libertino tomou-se de amores por vosso filho.”

O rei ficou muito zangado.

“Manda empalar esse patife audaz”, ordenou. “Ata-lhe os pés e as mãos e amarra-lhe a cabeça numa estaca.”

O cortesão partiu sem mais delongas, a fim de cumprir as ordens régias. Colocaram um nó corredio no pescoço do mendigo e arrastaram-no para a forca. Ninguém sabia o que estava acontecendo e ninguém intercedeu por ele. Quando o vizir mandou que o colocassem debaixo da forca, o dervixe despediu um grito de dor e imprecou:

“Pelo amor de Deus, esperai um pouco para que eu possa, ao menos, dizer uma oração debaixo da forca”.

Como isso lhe fosse concedido, o dervixe prostrou-se no chão e orou:

“Ó Deus, visto que o rei ordenou minha morte — embora eu seja inocente —, concedei-me, a mim, vosso servo ignorante, antes de morrer, a graça de ver mais uma vez o rosto desse donzel, a fim de poder oferecer-me em sacrificio. Ó Deus, meu rei, vós que dais ouvido a um milhar de preces, atendei ao meu último desejo!”

Assim que o dervixe formulou a súplica, a seta do seu desejo atingiu o alvo. O vizir adivinhou-lhe o segredo e teve pena dele. Dirigindo-se ao rei, explicou-lhe a verdadeira situação. O rei ouviu-o e pôs-se a pensar; logo, a compaixão encheu-lhe o coração e ele perdoou o dervixe. E disse ao príncipe:

“Vai buscar aquele pobre homem que está debaixo da forca. Sê delicado com ele, que provou do teu veneno. Leva-o para o teu jardim e, depois, traze-o à minha presença”.

O jovem príncipe, outro José, partiu incontinenti — o sol de rosto de fogo defrontou o átomo. O oceano de formosas pérolas foi procurar uma gota d’água. Golpeia a cabeça de júbilo, põe os pés para dançar, bate palmas! Mas o dervixe estava desesperado; suas lágrimas convertiam o pó em lama, e o mundo ficou mais pesado com os seus suspiros. Nem mesmo o príncipe pôde deixar de chorar. Ao ver-lhe as lágrimas, disse o dervixe:

“Ó príncipe, agora podes tirar-me a vida”.

E, assim dizendo, entregou a alma e morreu. Quando se soube unido ao seu amado, nem mais um desejo lhe ficou.

Ó tu, que ao mesmo tempo existes e és uma não-entidade, cuja felicidade se mistura com a infelicidade, se nunca experimentaste o desassossego, como apreciarás a tranquilidade? Estendes as mãos para o raio e os montes de neve varrida te detêm. Esforça-te com valentia, queima a razão, entrega-te à loucura. Se desejas usar esta alquimia, reflete um pouco, segue o meu exemplo, renuncia a ti mesmo; afasta-te dos teus pensamentos errantes e recolhe a tua alma para poderes chegar à pobreza espiritual. Quanto a mim, que não sou eu nem não-eu, desviei-me de mim mesmo e já não encontro outro remédio além do desespero.

Pergunta de um discípulo ao seu xeque

Um homem que não media esforços para superar as próprias fraquezas perguntou, certa vez, a Nuri:

“Como serei capaz de chegar, um dia, à união com Deus?”

Nuri replicou:

“Para isso precisas atravessar sete oceanos de luz e sete de fogo, e percorrer uma estrada muito comprida. Quando tiveres atravessado esses sete e mais sete oceanos, um peixe te levará a ele, um peixe tal que, ao respirar, atrai para o peito o primeiro e o último. Esse maravilhoso peixe, que não tem cabeça nem cauda, mantém-se no meio do oceano, tranquilo e alheado; varre os dois mundos e atrai a si todas as criaturas, sem exceção”.

A atitude dos pássaros

Quando os pássaros ouviram o discurso da Poupa, a cabeça descaiu-lhes para a frente e a tristeza alanceou-lhes o coração. Compreenderam, então, quão difícil seria para um punhado de pó como eles retesar um arco assim. Tão grande era a sua agitação que muitos morreram ali mesmo. Outros, porém, apesar da angústia, decidiram enfrentar a longa estrada. Durante anos transpuseram montanhas, vales e nesse jornadaer lhes fluiu boa parte da vida. Mas como seria possível contar tudo o que lhes sucedeu? Fora necessário ir com eles, presenciar-lhes as dificuldades e seguir o serpentear da longa estrada. Só assim se poderia compreender o que os pássaros sofreram.

Por fim, somente um pequeno número de toda a grande companhia chegou ao lugar sublime a que a Poupa os conduzira. Dos milhares que haviam iniciado a viagem quase todos tinham desaparecido. Muitos se perderam no oceano, muitos pereceram nas grimpas das altas montanhas, torturados pela sede; o fogo do sol crestara as asas e secara o coração de outros tantos; alguns foram devorados por tigres e panteras; e outros se finaram de fadiga nos desertos e nas selvas, com os lábios ressequidos e o corpo vencido pelo calor; outros, enlouquecendo, mataram-se por um grão de cevada; outros, debilitados pelo sofrimento e pela estafa, deixaram-se cair na estrada, incapazes de prosseguir; outros, pasmos diante do que viam, detinham-se, estupefatos; e muitos, que se tinham aventurado por curiosidade ou desfastio, morreram sem ter tido uma idéia sequer do que se mostravam decididos a encontrar.

Destarte, apenas trinta, dentre os milhares de pássaros, chegaram ao termo da jornada. E esses mesmos se mostravam perplexos, cansados, desanimados, sem penas nem asas. Mas, fosse como fosse, haviam chegado à porta da Majestade que não se pode descrever e cuja essência é incompreensível — o Ser que está além da razão e do conhecimento humano. Coruscou, então, o relâmpago da realização, e uma centena de mundos se consumiu num momento. Eles viram milhares de sóis, um mais resplandecente do que o outro, milhares de estrelas e planetas, todos igualmente belos; e, ao verem tudo isso, assombrados e agitados como um átomo bailarino de pó, exclamaram:

“Ó tu, que és mais radiante do que o sol! Tu, que reduziste o sol a um átomo, como poderemos apresentar-nos diante de ti? Ah, por que suportamos tão inutilmente todo esse sofrimento no Caminho? Tendo renunciado a nós mesmos e a todas as coisas, agora não podemos alcançar a razão por que tanto lutamos. Aqui, pouco faz que existamos ou não”.

E os pássaros, tão desacorçoados quanto um galo semimorto, deixaram-se dominar pelo desespero. Longo tempo se passou. Quando, em dado momento, a porta se abriu de estalo, por ela saiu um nobre camarista, um cortesão da Majestade Suprema, que os contemplou, um por um, e viu que, de milhares, restaram apenas trinta pássaros. E disse:

“Agora, ó pássaros, dizei-me de onde viestes e o que estais fazendo aqui? Como vos chamais? Ó vós, que chegais privados de tudo, onde fica o vosso lar? Como sois chamados no mundo? Que se pode fazer com um frágil punhado de pó como vós?”

“Viemos”, responderam eles, “para reconhecer o *Si-murgh*, nosso rei. Mercê do amor e do desejo dele, perdemos a razão e a paz de espírito. Há muito tempo, quando encetamos esta viagem, éramos milhares, mas apenas trinta chegamos a esta corte sublime. Não podemos acreditar que o rei faça pouco de nós depois de todos os sofrimentos por que passamos. Ah, não! Ele só poderá contemplar-nos com os olhos da benevolência!”

O camarista replicou:

“Ó vós, que tendes a mente e o coração perturbados, quer existais, quer não existais no universo, o rei tem sempre e eternamente o seu ser. Milhares de mundos de criaturas não são mais que uma formiga à sua porta. Nada trazeis além de gemidos e lamentações. Regressai, portanto, ao sítio de onde viestes, ó vil punhado de terra!”

Ouvindo isso, os pássaros ficaram petrificados de espanto. Não obstante, quando tornaram um pouco a si, disseram:

“O grande rei nos rejeitará tão ignominiosamente? E se ele, de fato, assumiu essa atitude para conosco, não poderá mudá-la para uma atitude de respeito? Lembrai-vos de Majnum, que disse: ‘Se todas as pessoas que habitam a terra desejassem entoar meus louvores, eu não os aceitaria; quisera antes receber os insultos de Laïla. Apenas um dos seus insultos me seria mais caro do que uma centena de cumprimentos de outra mulher!’”

“O relâmpago da sua glória manifesta-se”, disse o camarista, “e eleva a razão de todas as almas. Que benefício haverá se a alma for consumida por uma centena de tribulações? Que benefício haverá, neste momento, na grandeza ou na pequenez?”

Inflamados de amor, disseram os pássaros:

“Como se salvará da chama a mariposa que deseja unir-se a ela? O amigo que buscamos nos contentará permitindo que nos unamos a ele. Se formos recusados, que mais nos restará fazer? Somos iguais à mariposa que anelava a união com a chama da vela. Rogaram-lhe que não se sacrificasse tão nesciamente e por um objetivo tão impossível, mas ela agradeceu o conselho e declarou que, tendo sido o seu coração dado à chama para sempre, nada mais importava”.

Tendo-os assim posto à prova, o camarista abriu a porta; e, à medida que descerrava as cem cortinas, uma atrás da outra, revelou-se-lhes um novo mundo além do véu. Manifestava-se agora a luz das luzes, e todos se assentaram na *masnad*, sede da Majestade e da Glória. Cada qual recebeu um escrito com a recomendação de lê-lo do princípio ao fim; e, lendo-o e refletindo, foi-lhes possível compreender o próprio estado. Quando se viram totalmente em paz e alheados de todas as coisas, perceberam que o Simurgh se achava ali em sua companhia e que uma nova vida começava para eles no Simurgh. Tudo o que haviam feito anteriormente se apagou. O sol da majestade emitia seus raios, e, no reflexo do rosto de cada um, os trinta pássaros (*si-murgh*) do mundo exterior contemplaram o rosto do Simurgh do mundo interior. Isso os espantou de tal maneira que não sabiam se ainda eram eles mesmos ou se se haviam transformado no Simurgh. Afinal, num estado de contemplação, compreenderam que eram o Simurgh e que o Simurgh era os trinta pássaros. Quando fitavam os olhos nele, viam que, de fato, o Simurgh lá estava, e, quando voltavam

os olhos para si mesmos, viam que eram o Simurgh. E, dando tento de ambos ao mesmo tempo, de si próprios e dele, compreenderam que o mesmo eram eles e o Simurgh. Ninguém no mundo ouviu jamais coisa igual a essa.

A seguir, entregaram-se à meditação, e, passado algum tempo, pediram ao Simurgh, sem auxílio da linguagem, que lhes revelasse o segredo do mistério da unidade e da pluralidade dos seres. E mesmo sem falar, o Simurgh deu-lhes esta resposta:

“O sol da minha majestade é um espelho. Quem nele se vê vê sua alma e seu corpo e os vê completamente. Visto que viestes como trinta pássaros, *si-murgh*, vereis trinta pássaros neste espelho. Se tivessem vindo quarenta ou cinquenta, seria o mesmo. Ainda que estejais agora completamente mudados, vós vos vedes como éreis antes.

“Pode a vista de uma formiga alcançar as Plêiades distantes? E pode esse inseto erguer uma bigorna? Já vistes, alguma vez, um mosquito segurar um elefante com os dentes? Tudo o que conhecestes, tudo o que vistes, tudo o que dissestes ou ouvistes — tudo isso já não é aquilo. Quando atravessastes os vales do Caminho Espiritual e realizastes boas tarefas, fizestes tudo por minha ação; e pudestes ver os vales da minha essência e das minhas perfeições. Vós, que sois apenas trinta pássaros, fizestes bem em ficar espantados, impacientes e curiosos. Mas eu sou mais do que trinta pássaros. Sou a própria essência do verdadeiro Simurgh. Aniquilai-vos, pois, gloriosa e jubilosamente em mim, que em mim vos encontrareis.”

Logo depois perderam-se os pássaros para sempre no Simurgh — a sombra perdeu-se no sol, e isso é tudo.

Tudo o que ouviste, viste ou conhecestes não é sequer o começo do que deves saber, e já que a habitação arruinada deste mundo não é o teu lugar, renuncia a ela. Busca o tronco da árvore e não te preocupes em saber se os galhos existem ou não.

A imortalidade após o aniquilamento

Depois de haverem passado cem mil gerações, os pássaros mortais entregaram-se espontaneamente ao aniquilamento total. Homem nenhum, velho ou moço, pode falar com propriedade da morte ou da imortalidade. Assim como essas coisas estão longe de nós, também a descrição delas foge a qualquer explicação ou definição. Se os leitores desejarem uma explicação alegórica da imortalidade que se segue ao aniquilamento, terei de escrever outro livro. Enquanto estiveres identificado com as coisas do mundo não porás os pés no Caminho, porém quando o mundo já não te prender, entrarás como num sonho; mas, conhecendo o fim, vês o benefício. Um germe alimenta-se com uma centena de cuidados e amor para que possa vir a tornar-se um ser inteligente e ativo. Instruem-no e ministram-lhe os conhecimentos necessários. Depois vem a morte e tudo se apaga; sua dignidade é lançada ao chão. O que era um ser converteu-se no pó da estrada, aniquilado várias vezes; nesse ínterim, porém, foi-lhe permitido aprender uma centena de segredos de que antes não se dera conta; e, no fim ele recebe a imortalidade e é honrado em lugar de ser desonrado. Sabes o que possuis. Entra em ti mesmo e reflete nisso. Enquanto não compreenderes o teu nada e não abdicares da tua presunção, da tua vaidade e do teu egoísmo, não atingirás as culminâncias da imortalidade. No Caminho és abatido com desonra e erguido com honra.

E agora que minha história terminou, não tenho mais nada a dizer.

Epílogo

Ó Attar! Espargiste pelo mundo o conteúdo do vaso de almíscar dos segredos. Os horizontes encheram-se dos teus perfumes e os amantes estão perturbados por tua causa. Teus versos são o teu selo; e são conhecidos como *Mantiq ut-tair* e *Makamat ut-tiyur*. Estas conferências, falas e discursos dos pássaros são os estádios do caminho da perplexidade; ou, como se pode dizer, o Divã da Embriaguez.

Entra nesse divã com amor. Quando o Duldul do teu amor galopa e desejas alguma coisa, age em conformidade com o teu desejo. O amor é o remédio para todos os males, e é o remédio da alma nos dois mundos.

Ó tu, que enveredaste pelo caminho do desenvolvimento interior, não leias o meu livro apenas como obra poética, nem como livro de magia, mas com compreensão; e, para isso, faz-se mister que o homem esteja com fome de alguma coisa, insatisfeito consigo mesmo e com este mundo.

Quem não sentiu o perfume do meu discurso não encontrou o caminho dos amantes. Mas quem o ler com cuidado tornar-se-á ativo e será digno de entrar no Caminho de que falo. Os homens do mundo exterior serão como afogados no que tange ao meu discurso; mas os homens do mundo interior lhe compreenderão os segredos. Meu livro é o ornamento do seu tempo; é, simultaneamente, um presente para os homens distintos e um favor para os homens comuns. Se um homem frio como o gelo ler este livro, projetar-se-á como fogo para fora do véu que dele oculta o mistério. Meus escritos têm uma peculiaridade notável — proporcionam maior proveito segundo o modo como são lidos. Se meditares neles com frequência, aproveitar-te-ão cada vez mais. O véu desta esposa do harém só será afastado para ti aos poucos, no lugar da honra e da graça. Espalhei pérolas do oceano da contemplação; estou, portanto, desobrigado, e este livro é a prova disso.

Mas talvez não aproves que eu me louve em demasia, embora o imparcial reconheça o meu mérito, pois a luz da minha lua cheia não está oculta. Se eu não for lembrado por mim mesmo, sê-lo-ei até a ressurreição pelas pérolas de poesia que derramei sobre a cabeça dos homens. As cúpulas do céu se dissolverão antes que pereça este poema.

Se experimentaste, leitor, algum bem-estar por havê-lo lido com atenção, lembra-te do autor em tuas preces. Esparzi aqui e ali rosas do jardim. Lembrai-vos de mim, ó meus amigos! Cada professor tem um modo especial de revelar suas idéias e depois desaparece. Como os meus predecessores, revelei o pássaro da minha alma aos que estão dormindo. O sonho que te enche a vida talvez te haja privado deste discurso, mas, tendo-o encontrado, tua alma será despertada pelo segredo que ele revela.

E agora meu cérebro está enfumaçado como o nicho em que arde uma vela. Disse eu a mim mesmo: “Ó tu que falas tanto, em lugar de falar desse jeito bate a cabeça e busca os segredos. Que adiantam todas essas narrações para homens corrompidos pelo egoísmo? Que é o que pode sair de corações dominados pela vaidade e pela presunção?”

Se quiseres que o oceano da tua alma permaneça num estado de movimento salutar, morre para toda a tua antiga vida e, depois, silencia.